

ORGANIZADOR  
**JONAS MATEUS**

# **ROMPENDO O CERCO:** educação por toda parte



# Rompendo o Cerco: educAção por toda parte





Andréia Araújo da Nóbrega; Andressa Gregório; Antônio Jorge Andrade;  
Carlê Rodrigues; Cristiane Oliveira; Diego Francisco Ferraz;  
Elaine Apolinário dos Santos; Francisco Raule de Sousa;  
Gabriella Moreira Bezerra Lima; João Vítor Gomes de Oliveira;  
Jobson Nery Fernandes de Lima; Jonas Mateus Ferreira Araujo;  
José Cirilo da Silva Neto; Josefina de Fátima Tranquilin Silva;  
Juarez Egildo; Keile Pinheiro; Maria do Socorro Pinheiro; Maurício dos Santos;  
Messias Pinheiro; Michel Prudêncio; Michelle Maciel; Monique Cordeiro;  
Pedro Walisson Gomes Feitosa; Rainara Maia; Sally de França Lacerda Pinheiro;  
Teógenes Eufrazio Bezerra; Thiago Nogueira;  
Wanessa Maria Costa Cavalcante Brandão

# Rompendo o Cerco: educAção por toda parte.



Pedro & João  
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

Andréia Araújo da Nóbrega; Andressa Gregório; Antônio Jorge Andrade; Carlê Rodrigues; Cristiane Oliveira; Diego Francisco Ferraz; Elaine Apolinário dos Santos; Francisco Raule de Sousa; Gabriella Moreira Bezerra Lima; João Vítor Gomes de Oliveira; Jobson Nery Fernandes de Lima; Jonas Mateus Ferreira Araujo; José Cirilo da Silva Neto; Josefina de Fátima Tranquilin Silva; Juarez Egildo; Keile Pinheiro; Maria do Socorro Pinheiro; Maurício dos Santos; Messias Pinheiro; Michel Prudêncio; Michelle Maciel; Monique Cordeiro; Pedro Walisson Gomes Feitosa; Rainara Maia; Sally de França Lacerda Pinheiro; Teógenes Eufrasio Bezerra; Thiago Nogueira, Wanessa Maria Costa Cavalcante Brandão.

**Rompendo o cerco: a educação por toda parte.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 315p.

ISBN: 978-65-5869-113-6 [Impresso]  
978-65-5869-114-3 [Digital]

1. Educação. 2. Escola. 3. Produção coletiva. 4. Proposta pedagógica. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Colorbrand

**Foto:** Bordado Rompemos o Cerco. Bordado realizado por Dinha (Bordadinha - @borda\_dinha) em parceria com o Fluxo Marginal (@fluxomarginal).

**Revisão textual:** Monique Cordeiro.

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

## Sumário

<b>Sobre a obra apresentada na capa</b>	<b>9</b>
<b>Prefácio</b>	<b>11</b>
<b>Um as palavras introdutórias</b>	<b>15</b>
<b>1. Praticando ancestralidade: temperos afrobrasileiros e indígenas</b>	<b>19</b>
<b>1.1. Histórias de Quintal</b>	<b>21</b>
Wanessa Maria Costa Cavalcante Brandão	
<b>1.2 Projeto Panela Preta</b>	<b>29</b>
Thiago Nogueira	
<b>1.3. Ensinado a Transgredir</b>	<b>35</b>
Cristiane Oliveira	
Jonas Mateus Ferreira Araujo	
Michelle Maciel	
<b>1.4. Movimento Jovem Indígena Pankararu, a breve história do grupo que trabalha desde atuação no povo Pankararu, amizade entre os povos e a luta pela terra e pela vida</b>	<b>65</b>
João Víctor Gomes de Oliveira	
<b>1.5. A difusão do debate interseccional a partir de duas mídias independentes: Podcast e Fanzine</b>	<b>73</b>
Juarez Egildo	
Rainara Maia	

<b>1.6. EXU NAS ESCOLAS: mitologias afro-brasileiras, experiências político-pedagógicas</b>	<b>77</b>
Maurício dos Santos	
<b>2. Chuvas femininas</b>	<b>95</b>
<b>2.1. TRANSforma APP</b>	<b>97</b>
Diego Francisco Ferraz Josefina de Fátima Tranquilin Silva	
<b>2.2. SAÚDE DA POPULAÇÃO JOVEM LGBT: a experiência de atuação junto a um grupo de jovens no bairro Novo Recanto, Sobral – CE</b>	<b>115</b>
Andressa Gregório	
<b>2.3. Projeto Educação e De(s)colonização</b>	<b>131</b>
Jonas Mateus Ferreira Araujo	
<b>2.4. Lute Como uma Garota, por Monique Cordeiro</b>	<b>147</b>
<b>2.5. Diálogos sobre Sexualidade, Afetividade e Espiritualidade</b>	<b>153</b>
Messias Pinheiro	
<b>3. Educação e lutas de classes</b>	<b>159</b>
<b>3.1. Ação Revolucionária, produção coletiva</b>	<b>161</b>
<b>3.2. Escola Nacional Paulo Freire, produção coletiva</b>	<b>169</b>
<b>4. Um toque dos clássicos</b>	<b>173</b>

<b>4.1. O Cordel e Saúde: a literatura de cordel construindo epistemologias em saúde coletiva</b>	<b>175</b>
Jobson Nery Fernandes de Lima Teógenes Eufrasio Bezerra Pedro Walisson Gomes Feitosa Elaíne Apolinário dos Santos Gabriella Moreira Bezerra Lima Sally de França Lacerda Pinheiro	
<b>4.2. Mostra Cultural Asa Branca Canta e Encanta</b>	<b>179</b>
Antônio Jorge Andrade	
<b>4.3. Grupo parafolclórico Caretas do Alto da Bonita</b>	<b>183</b>
Carlê Rodrigues Michel Prudêncio	
<b>5. Literaturas e trânsitos textuais</b>	<b>205</b>
<b>5.1. Proposta de leitura de poesia erótica de autoria feminina</b>	<b>207</b>
Maria do Socorro Pinheiro	
<b>5.2. Laboratório de Escrita Criativa - Alargando Horizontes</b>	<b>221</b>
Jonas Mateus Ferreira Araujo Monique Cordeiro	
<b>5.3. Produção textual na universidade e letramentos sociais: um olhar a partir de grupos em situação de margem</b>	<b>233</b>
Francisco Raule de Sousa	
<b>5.4. SerTao: reaprendizagem criativa</b>	<b>251</b>
José Cirilo da Silva Neto	

<b>5.5. Clube de Leitura de Campos Sales</b>	<b>267</b>
Andréia Araújo da Nóbrega	
<b>5.6. Mulheres na literatura: da leitura à escrita poética,</b>	<b>275</b>
Monique Cordeiro	
<b>6. Ocupando a cidade</b>	<b>281</b>
<b>6.1. Ocupa Estação/Estação Cultural: reflexões para quem quer fazer uma ocupação artística</b>	<b>283</b>
Carlê Rodrigues	
Jonas Mateus Ferreira Araujo	
Keile Pinheiro	
<b>6.2. Poste Poesia</b>	<b>307</b>
Carlê Rodrigues	

## Sobre a obra apresentada na capa

“Rompemos o cerco” é uma obra que busca dialogar com os processos de resistência no Nordeste. Faz referência às ofensivas dos poderes contra as formas de resistência, com as quais iniciam um método chamado "cerco", consistindo em cercar o inimigo e silenciá-lo. Na obra, esse cerco já foi quebrado, os personagens estão passando à ação. Ainda, busca-se fugir da imagem do Nordeste como um lugar de seca e de sofrimento, procurando retratar a sua diversidade cultural e territorial.

Apesar de falar do Nordeste, elementos de outras localidades também foram colocados, como o milho. É uma forma de conexão com outros países da América Latina, uma vez que esse alimento está presente em toda base alimentar do continente. O milho também faz referência à possibilidade de fartura e à abundância oriundas do processo de libertação dos povos.

Na obra, pode ser visualizada "Glória de Goitá" bailando entre a cerca rompida. Essa personagem faz referência ao lugar de nascimento da Madame Satã, uma travesti que viveu nas favelas do Rio de Janeiro, na década de 1930. Ainda na mesma faixa territorial, podemos encontrar a figura da camponesa, evidenciando o processo de cuidado com a terra e com os animais, mas também lutando para existir naquele local.

A figura de camponeses é encontrada nas diversas faixas, colocando como pauta central os conflitos de terra comum em um país que não promoveu a reforma agrária. Além disso, a obra também destaca a participação das figuras paterna e materna juntos com seus filhos na luta, propondo a discussão da inclusão de pais e filhos nos processos de resistência.

Alude também às expressões artísticas como forma de resistência, mostrando a banda cabaçal dos Irmãos Aniceto, uma das bandas mais antigas do país com registro de mais de 200 anos de história, destacando-se também por combinar performance

teatrais e musicais. Outra referência é o grupo Bacamarteiros da paz, oriundo de Juazeiro do Norte. O grupo surgiu como forma de homenagem ao Beato José Lourenço e à experiência de resistência que ficou conhecida como "Caldeirão", também fazem referência aos cangaceiros com as suas vestimentas e seus bacamartes.

"Rompemos o cerco" ainda aborda a figura do cangaceiro, trazendo a persona de Maria de Déa, que mais tarde ficaria conhecida como Maria Bonita, e apresentando um cangaceiro que hasteia a bandeira preta da anarquia enquanto segura um pássaro conhecido como Soldadinho do Araripe e que só é encontrado na região do cariri cearense. A obra ainda busca fugir da imagem do Nordeste como um lugar de seca e de sofrimento, procurando retratar a sua diversidade cultural e territorial, bem como seus processos de resistência.

Fluxo Marginal (@fluxomarginal)

## Prefácio

### **Abrindo caminhos: educação popular em suas práticas cotidianas**

Angela Maria de Souza<sup>1</sup>

Evelyne Medeiros<sup>2</sup>

Educação, uma das principais palavras dessa obra. Mas de que educação se fala? De uma educação que abre caminhos para pensar a interlocução necessária com os aspectos mais estruturantes da relação entre gênero, raça e classe, sendo muitas vezes negligenciado o debate dos diferentes pertencimentos étnico-raciais e das diversidades de gênero, de classe, de pertencimento religioso, das apropriações sobre a cidade. E o Nordeste brasileiro é o cenário dessas práticas educadoras. Ou seja, toda a diversidade que compõe esses nordestes em que se localizam as experiências aqui apresentadas e que nos habitam, na relação que estabelecemos com este contexto sócio-cultural.

O Nordeste brasileiro é uma região histórica, mas também é lido e visto de formas estereotipadas e preconceituosas. Exatamente para romper com estas formas de ver e pensar o nordeste, esta pesquisa nos apresenta um cenário marcado por experiências libertárias, de resistência, de redefinições de

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Antropologia e do PPG – IELA Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos na UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana. Coordenadora do NEALA – Núcleo de Estudos Afro Latino Americanos.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conselheira do Conselho Regional de Serviço Social de Pernambuco (CRESS 4ª Região). Membro do GTP Movimentos Sociais e Serviço Social da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS).

perspectivas a partir de suas práticas educadoras aqui apresentadas pelo projeto “Nosso Nordeste, Nosso Lugar de Fala”.

Percorrer o caminho traçado por essa pesquisa extensionista é seguir em diferentes direções que nos levam a desconstruir práticas colonizadoras e coloniais no pensar a educação. Nos guia por caminhos que abrem portas para conhecer histórias e percursos inovadores e desafiadores. Uma educação popular que amplia nossos horizontes e abre perspectivas sobre os conhecimentos perpassados por experiências e vivências de quem estabelece as interlocuções educacionais. Experiências e vivências, de quem escreve e de quem fala, quem dança, quem tece, quem canta, quem pinta, quem grafita, quem escreve.

Como nos ensina Paulo Freire ensinar é aprender. Temos que ocupar os vazios epistemológicos deixados na e pela educação formal. Neste sentido, temos que aprender a aprender as histórias e culturas que foram expulsas da escola e das universidades. Somos todos “educadores-educandos” e “educandos-educadores”. Hoje, temos que reaprender a ser o que sempre fomos, mas que nos foi negado ou invisibilizado. Para isso, precisamos intensificar as relações com os Afoxés, os Maracatus, o Movimento Hip Hop, as Religiões de Matriz Africana, a Capoeira, as diversas Culturas Indígenas e todas as formas de produzir conhecimentos com perspectiva racial, de gênero, de classe, de pertencimentos às cidades, às suas periferias.

Como aponta Amílcar Cabral, citado por Paulo Freire (1984), necessitamos de um processo de “reafricanização das mentalidades” e, ao mesmo tempo, no caso específico da América Latina, de “reindigenização” e, ao mesmo tempo, de despatriarcalização das questões de gênero. Precisamos nos repensar, enquanto educadoras(es), a partir de nossas trajetórias e experiências, que são determinantes nas relações que estabelecemos com os conhecimentos. Conhecimentos que atravessam essa obra através das várias experiências educadoras aqui apresentadas.

Como nos ensina bell hooks, é necessário transgredir, e essa transgressão é feita cotidianamente por atos educadores que são possíveis a partir das experiências de quem está nessa relação dialógica. Tal transgressão torna-se cada vez mais urgente e necessária num contexto onde as forças mais reacionárias da *Casa-Grande & Senzala* tentam a todo custo calar a voz e apagar a memória coletiva de lutas e resistências de povos que forjaram essa grande colcha de retalhos que é a formação social e cultural brasileira.

Parte de uma arquitetura construída, desgastada e reformada já faz um tempo, de um *espantoso moinho de gastar gente*, o “velho”, reivindicando a *ideologia do colonialismo* de Oliveira Viana e a eugenia de Nina Rodrigues, tenta sufocar o “novo” que teima em nascer das mãos, palavras e ensinamentos dos *condenados da terra*, de Frantz Fanon, dos muitos e muitas *Severinos e Severinas*, de João Cabral, daquela gente que *arranca a vida com a mão*, retratada na canção de Caetano Veloso.

Trata-se de um contexto que nos tem demandado também recuperar e reforçar a imprescindibilidade da educação popular e de uma *Universidade multidimensional*, nas palavras de Florestan Fernandes (1975), ou seja, uma Universidade capaz de enfrentar os efeitos do capitalismo dependente e do (neo)colonialismo; comprometida com os problemas dos povos; profundamente conectada com processos de democratização; com o protagonismo estudantil e com relações horizontalizadas e dialógicas. Nessa mesma perspectiva, é preciso fomentar experiências de formação, pesquisa e extensão que se oponham àquela *extensão cultural*, ou seja, *uma atividade de caráter mais ou menos demagógico, às vezes exercida extra-muros, às vezes na própria universidade, borrifando caritativamente um chuvisco cultural sobre pessoas que não puderam frequentar cursos superiores*, tal como nos ensinou Darcy Ribeiro (1969). Portanto, trata-se de uma instituição que deve estar voltada para a ampliação do horizonte crítico e intelectual, o domínio e cultivo do saber pelos povos contra a dependência e a *contrarrevolução da elite do atraso*.

Inspiradas nessa perspectiva e na de muitos/as outras/os valorosos/as educadores/as, muitas têm sido as experiências empenhadas em romper as cercas do saber e do latifúndio da educação superior. Experiências estas que se tornaram fermento para o presente trabalho e que nos fazem rememorar as palavras do poeta baiano, que *guardava sonhos*: “É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer!”<sup>3</sup> ... E (re)inventar de maneira viva, pulsante e criativa a *Educação* que nos permita sermos por inteiro, mesmo sendo múltiplos e diversos.

## Referências

- FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira**: reforma ou revolução? São Paulo: Alfa e Omega, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Cartaz a Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. **A Universidade necessária**. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

---

<sup>3</sup> *Rondó da Liberdade*, de Carlos Marighella.

## Um as palavras introdutórias

O material formativo que aqui se apresenta pretende difundir as experiências de resistência que formam e transformam nossa realidade diariamente. Essa difusão aparece como a necessidade de reconhecermos experiências educacionais de resistência em diversos campos, que possam dialogar entre si independente do formato que a difusão se dê. Ocupar espaços e chegar em muitos lugares é o que mais importa, pois as cadeiras dos conselhos editoriais seguem coloniais. Que rompamos o cerco, que rompamos os cercos.

Elas aqui aparecem porque foram as experiências que aceitaram participar do projeto “Nosso Nordeste, Nosso Lugar de Fala”, dando vida a ele e, com isso, alimentando em mim o desejo de seguir sonhando e fazendo. Esse projeto foi o elemento central de análise na minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG IELA). Ao todo foram convidadas mais de 100 experiências para participar do projeto e da pesquisa, as que aqui estão foram as que aceitaram e conseguiram chegar até o final do processo. Elas são múltiplas e falam sobre os diferentes temas com linguagens e metodologias específicas, e tiveram liberdade para escrever de acordo com os seus conhecimentos. E essa publicação só se tornou possível pela nossa aprovação no Edital 15/2020 do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG IELA) que versou sobre a publicação de obras oriundas das pesquisas de mestrado do programa e com abordagens com ênfase em tecnologia social.

Ademais, é importante pontuar que o subtítulo do livro é inspirado num livro didático de Artes denominado Arte Por Toda Parte, e também nas concepções que compreendem a educação de forma ampliada, para além dos espaços institucionais.

Espero que, com a leitura dos planos, as pessoas tenham em conta a diversidade apresentada no material, com suas múltiplas formas de construção, suas temáticas variadas. Dessa forma, esses planos, de distintas maneiras, atuam e influem no território nordestino, colaborando no enfrentamento de opressões e na criticidade do movimento da nossa realidade. Desejo que esses materiais possam servir de elementos inspiradores para novos horizontes, que saibamos das suas existências com alegria e amor. Esse amor que nos movimenta para a luta coletiva.

É válido pontuar que três das experiências abaixo não se situam especificamente no território nordestino, uma delas possui forte articulação com a gente, a Escola Nacional Paulo Freire, outra teve uma equipe inicial formada por pessoas do Nordeste e outra do Sul, mas ao final ficou apenas com o representante da última região, é o caso do Plano Exu nas Escolas, e a última é uma estratégia de vida voltada para a população trans, e o projeto Nosso Nordeste não possui limitações regionais no que se refere ao convite de experiências que fortalecessem essas pessoas.

Ao ler o material abaixo, muitas são as inspirações possíveis, por exemplo, após conhecer a proposta apresentada pela professora Socorro Pinheiro sobre a Literatura Erótica, pensei como seria interessante fazer um *Poste Poesia* com poesias eróticas. Indo além: por que não usar os temas que motivam poemas eróticos para discussões no projeto proposto de criar um *Laboratórios de Escrita Criativa* e com esse resultado encher as ruas de poesia outra vez?

De igual forma, também podemos pensar outras aproximações para serem feitas através da interlocução entre os Planos. Como seria interessante, por exemplo, que o projeto *Cordel e Saúde*, que elabora propostas de saúde coletiva através da literatura de cordel, falasse sobre os projetos de aquilombamento como formas de cura, como acontece com o *Projeto Panela Preta*. Imagina levar para outras partes do Brasil a brincadeira dos Caretas apresentada pelo grupo do *Alto da Bonita*. Com as mediações necessárias, é possível romper vários cercos. Esses foram apenas pequenas exemplificações de como os Planos de

Formação apresentados abaixo podem dialogar entre si, muito embora também possuam grandes contribuições se apreendidos “isoladamente”. Que a leitura de cada plano dentro da diversidade que se apresentam possa nutrir o interesse pelo ampliado de horizontes e pela promiscuidade entre as linguagens, como foi pra mim a viagem ao encontro das experiências e o rico contato com cada uma delas.

Os Planos de Formação aparecem abaixo numa divisão em tópicos que foi elaborada através da percepção sobre algumas afinidades, mas esses tópicos não representam a totalidade delas, pois a grande maioria aborda diversas temáticas que ultrapassam essa categorização. Desse modo, permitam-se, através das leituras criar ou fortalecer sensibilidades para as temáticas abordadas, como também ampliar os olhares para as experiências de resistências que já existem ao seu redor e que seguramente podem ser grandes professoras, porque é fundamental que aprendamos com quem já faz!

Boa leitura!

Jonas Mateus Ferreira Araujo  
(Organizador)



# 1

## Praticando ancestralidade: temperos afrobrasileiros e indígenas





## Histórias de quintal

### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Assistente Social (2013-2017) IFCE, <i>campus</i> Iguatu, Especialista em Saúde da família e Comunidade (ESP/CE 2017-2019), trabalhadora do SUAS e Educadora Popular.
--	--

---

### Sistematização da(s) proposta(s)

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Educação Popular em Saúde – Práticas de Autocuidado; Resgate dos Saberes Tradicionais em Saúde; Fomento ao manejo seguro das plantas medicinais regionais.
<b>Objetivos</b>	Trocar experiências com comunidades tradicionais acerca do uso seguro das plantas medicinais e sobre os saberes tradicionais.
<b>Conteúdos/ sequência didática a ser abordada</b>	A atividade <i>Histórias de Quintal</i> tratou do uso medicinal das plantas encontradas no quintal das referências comunitárias que aderiram a atividade facilitada pela equipe multiprofissional (Assistente Social, Dentista, Enfermeiro (a), Fisioterapeuta, Nutricionista e Psicóloga) da turma IV da Residência Integrada em Saúde da família e Comunidade no Território Anacé – São Gonçalo do Amarante/CE (ESP/CE - 2017-2019).

---

---

**Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)** A atividade tinha duração de duas horas e ocorria de forma semanal, em residências indicadas pelas Agentes Comunitárias de Saúde, considerando o perfil da liderança na relação com os saberes tradicionais em saúde, por meio do manejo seguro das plantas medicinais no território Anacé.

---

**Procedimentos metodológicos** Inicialmente, a equipe percorria o quintal junto a pessoa de referência da residência, coletando as plantas medicinais ali encontradas; Posteriormente, realizava-se uma ornamentação no local escolhido para a atividade com as plantas e utensílios que continham memórias afetivas de cuidado e autocuidado, tais como: bule, pilão, coité, xícaras dentre outros; Na sequência, preparava-se um círculo de cadeira, e ali ocorria a exposição e troca de saberes das pessoas participantes e por fim, havia um momento de comes e bebes. Vale destacar, que este momento era marcado por forte interação e criação de vínculos entre os participantes.

Sobre a sequência didática metodológica, podemos destacar:

- Apresentação das plantas encontradas no quintal pela liderança local;
  - Contação de histórias pelas pessoas que participavam sobre o uso das plantas (caixa das palavras geradoras);
  - Resgate das ancestralidades – Momento de exposição da comunidades sobre os seguintes notes: Aprenderam com quem?
-

---

	<p>Repassaram os saberes para quem? Quais cuidados devem ser tomados?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Fomento a História Oral - Causos e contos da comunidade sobre o uso das plantas no autocuidado e cuidado com os demais;</li> <li>● Feedback da profissional da Nutrição e Enfermagem sobre os níveis de toxicidade e periculosidade da ingestão de algumas plantas;</li> <li>● Discussão fomentada pela Assistente Social acerca da importância da manutenção da História Oral, acerca das práticas ancestrais de cuidado e autocuidado para o fortalecimento da identidade de gênero, classe, raça e étnico-cultural, organização e autonomia comunitária.</li> </ul>
<p><b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● O diálogo foi utilizado como principal ferramenta didática para abordar a discussão sobre as plantas medicinais e saberes tradicionais;</li> <li>● A caixa das palavras geradoras: 1. Danças, músicas, festas e bailes; 2. Brigas/confusões entre famílias tradicionais; 3. Brincadeiras e cirandas; 4. Costumes e roupas; 5. Aparições, história de pescador e lendas; 6. Plantas medicinais, rezadeiras e remédios caseiros.</li> </ul>
<p><b>Sujeitos/as envolvidos/as</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Associação de Moradores de Acende Candeia de Baixo – Lideranças e comunidade geral;</li> <li>● Agentes comunitárias de Saúde;</li> <li>● Raizeiros (as), benzedeiros e protagonistas locais no manejo das plantas medicinais no território Anacé;</li> </ul>

---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equipe multiprofissional: Assistente Social, Dentista, Enfermeiro e Enfermeira, Fisioterapeuta, Psicóloga e Nutricionista.</li> </ul>
<b>Parcerias/articulações</b>	No que se refere às parcerias e articulações, pode-se destacar a relação com as rezadeiras(dores), raizeiros(as), lideranças comunitárias e as Agentes Comunitárias de Saúde.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	A proposta teve maior incidência junto à população idosa e mulheres da comunidade, Associação de Moradores de Acende Candeia de Baixo, bem como de profissionais da Equipe Multiprofissional de Saúde da Família.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	<p>Pode ser uma inspiração para atividades escolares de Ciências: Biologia, Química e Física. Isto porque a relação com as plantas de modo geral, demandam a interlocução entre estes saberes;</p> <p>Além disso, a atividade pode inspirar aulas de campo, oficinas com a comunidade escolar, em especial a partir da articulação com as disciplinas de Linguagens e Códigos e Ciências Humanas. A relação teórico-prática proposta nas atividades que têm a Educação Popular como paradigma exige o contato direto com os protagonistas historicamente silenciados, em especial, nos territórios do Nordeste Brasileiro. A metodologia dessa atividade é facilmente re-adaptada a contextos pedagógicos escolares, e tende a ser potencializada pela interação com a realidade local das pessoas envolvidas. O caráter intergeracional e</p>

	<p>multidisciplinar permite o estímulo a fala das populações tradicionais, fomentando assim o delineamento da História Oral em âmbito local.</p>
<b>Formas de Financiamento</b>	<p>Os custos relacionados às formações partiram dos recursos próprios dos participantes.</p>
<b>Formas de Avaliação</b>	<p>Ao final de cada atividade, realizávamos uma rodada de discussão avaliativa que tinha como mote as frases geradoras: Que bom, Que tal e Que pena. Assim, as comunidades puderam destacar os momentos marcantes, propor novas atividades e, por fim pautar os aspectos negativos da atividade.</p>
<b>Materiais didáticos e referências</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Apostilas da Farmácia Viva – UFC;</li> <li>● Síntese das oficinas as quais participamos no Núcleo da Farmácia Viva, campus do Pici, UFC/CE junto a comunidades Amarantina;</li> <li>● Discussão dialógica e expositiva por parte dos sujeitos comunitários, acerca da temática.</li> </ul>
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	<p>O ponto chave da atividade foi o processo de mobilização e articulação dos protagonistas locais, para tal contamos com o apoio das Agentes Comunitárias de Saúde, profissionais com forte inserção comunitária, fator que garantiu a adesão dos sujeitos históricos construtores e detentores dos saberes tradicionais em saúde. Posteriormente, a centralidade das atividades foi a busca pelo estímulo das falas e das narrativas ancestrais do povo Anacé.</p>

---

Os momentos tiveram caráter intergeracional, fator que possibilitou a troca de saberes com as novas gerações e profissionais de saúde. Vale destacar, que as pessoas envolvidas promoveram discussões genuínas sobre a relação histórica, política e cultural do território em questão. No que se referiu às práticas de cuidado e autocuidado, houve uma ênfase na ética comunitária, necessária às práticas, e ainda, sobre as precauções fundamentais ao manejo das plantas medicinais da Caatinga Cearense. O delineamento de narrativas históricas, baseadas nos saberes tradicionais e nas práticas de cuidado e autocuidado em saúde puderam fomentar a Educação Popular como prática que busca a emancipação, isso a partir da realidade de cada sujeito em seu território. Ocorreu ainda o fomento das relações sociais de autonomia comunitária, de reconhecimento da questão social e ambiental em nível local e macrossocial. Por fim, cabe destacar, que um dos aspectos negativos da atividade foi a descontinuidade, isso porque não foram pensadas estratégias de continuidade dos momentos a longo prazo. Em especial, pelo fato das equipes de saúde terem detido para si o processo de mobilização, desse modo, vale destacar a importância dos protagonistas históricos atuarem em todo o desenvolvimento das atividades em âmbito comunitário.

---

**Quais aprendizagens a**

Essa estratégia de diálogo mostrou-se como potencial para o resgate dos saberes e

---

---

**experiência  
proporcionou**

práticas populares, além da troca de experiências entre vários sujeitos sociais, faixas etárias e profissionais, promovendo saúde, vínculos e o fomento a Educação Popular.

---

**Observações em  
geral**

Publicação: 1º Encontro Nordeste de Saúde da Família: em Defesa do SUS e da ESF 13 a 15 de junho de 2018. Centro de Eventos do Ceará. Fortaleza - Ceará - Brasil.

VII EXPOESP/ III Mostra de Residências Multiprofissionais em Saúde

**Título:** Contos e encontros: Resgate das práticas e saberes populares a partir do diálogo com a comunidade utilizando metodologia da Educação Popular em Saúde

**Autores:** Pamella Alves Cardoso  
Beatriz de Sousa Pinho, José Edmilson Silva Gomes, Marcela Maria Araújo Braga, Raphaele Santos Monteiro, Victor Brunno Moreira Gomes, Wanessa Maria Costa Cavalcante Brandão.

Disponível em:

<https://servicos.esp.ce.gov.br/eventos/2018/enesf2018/>

---

## Anexos

**Foto:** Projeto Histórias de Quintal em São Gonçalo do Amarante - CE.



Fonte: Autoria própria.

**Foto:** Projeto Histórias de Quintal em São Gonçalo do Amarante - CE.



Fonte: Autoria própria.

## Projeto Panela Preta

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Thiago Nogueira

**Thiago Nogueira**, nascido em Aracaju, criado em Recife, Thiago se fez militante desde muito novo, começou sua militância em movimentos estudantis e partidários, sendo secretário de juventude de sigla na cidade de Jaboatão dos Guararapes.

Academicamente estudou direito, onde se vinculou muito ao setor mais focado das ciências humanas da área, tendo artigos publicados pela UFSCAR e UFSC, ainda na área acadêmica foi aluno especial de antropologia da Unicamp, onde seu já atento olho para culinária se abriu mais profundamente.

Passou a dividir academia e cozinha, mas a veia política nunca ficou de fora, foi um dos fundadores do seuvagem vegano, burgeria vegana itinerante, que possui foco em um veganismo de baixo custo e acessível sem perder a qualidade, isso tocado por dois jovens negros e um manauara em plena cidade de campinas, uma das últimas da América a abolir a escravidão. Seguiu atuando na cozinha em outros espaços, parcerias e restaurantes em SP.

De volta ao Recife, hoje ele compõe a equipe da cozinha do Rihan culinária árabe, no bairro de casa forte.

Dentro desse processo de militância política, social e gastronomia, surge o Panela preta, uma possibilidade de unir em grupo articulado, pessoas da cozinha, da arte e academia, todos e todas pretxs, para debater, pensar e transgredir a lógica racista também nessas áreas, que nosso espaço é tão negado há séculos.

---

---

A cozinha afro-brasileira está conectada ativamente com os dogmas espirituais, de vivência e no dia a dia do povo preto, dessa forma, buscar entender cozinha preta é também mergulhar em todas as outras ramificações que o panela nasce e se propõe.

Nosso projeto, segue com atividades via mídias digitais, pois é o que está sendo possível nesse tempo de pandemia, esperamos a possibilidade de voltar aos encontros corpo a corpo com saúde e muita energia.

---

### **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Panela Preta: Somos um coletivo de ativismo preto gastronômico, cultural e político. Acreditamos no poder da cozinha negra como potência na luta por um reconhecimento de lugar de fala e trabalho, assim coexistindo com aspectos culturais de arte e política protagonizados por pessoas negras da região metropolitana do Recife.
--	--

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Antirracismo, cozinha afro-brasileira, feminismos negro, empreendedorismo, lugar de fala, alimentação e afeto.
--------------------------------	--

---

<b>Objetivos</b>	
<b>Conteúdos/sequênc ia didática a ser abordada</b>	O evento discorre a partir de uma sequência de menu degustação, com entrada, prato principal e sobremesa.

---

	Cada um dos pratos é a composição central da temática proposta para o debate do dia. Entre esse meio a ideia também conta com exposições de arte, intervenções de convidados e/ou participantes do evento.
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	A atividade dura em torno de 4 horas contando o tempo a partir do momento do serviço do primeiro prato.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	O coletivo sobrevive de custeio próprio e por meio de contribuições voluntárias nos dias de evento. Além disso, contamos com nossas redes sociais para divulgação e disseminação dos nossos conteúdos.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	De forma direta: Juliana Silva, Thiago Nogueira, Cinthia Fernanda e Anna Carolina Nogueira.
<b>Parcerias/articulações</b>	As parcerias ainda são pequenas, logo que o projeto ainda caminha em forma de recém nascido, temos hoje como braços fortes o coletivo Danzafrica Maden, a Casa Jambo e o Espaço Ovni.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	O público envolvido nos primeiro eventos em sua maioria foram brancos de classe média; no entanto, estamos criando estratégias para que os próximos eventos alcancem, tanto em sua divulgação como em seu espaço, pretos

	de classe baixa, entre outras organizações que servem este público desejado.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	A Geografia pode localizar as origens e territórios em que são trabalhados os pratos. A História auxilia na contextualização das temáticas elaboradas, cada evento traz uma temática.
<b>Formas de Financiamento</b>	Contribuição consciente na urna do evento.
<b>Formas de Avaliação</b>	
<b>Materiais didáticos e referências</b>	O material ainda se limita à rede social Instagram e, a partir disso, todas as publicações de fotos, vídeos, cards e informações gerais que giram em torno da discussão citada nas temáticas abordadas acima. Acesso: <a href="https://www.instagram.com/projetopanelapreta/">https://www.instagram.com/projetopanelapreta/</a>
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	O grupo faz reuniões durante as semanas anteriores ao evento para a montagem de pauta, cardápio e forma do encontro. As reuniões de discussão também ocorrem com alevinos dos convidados do evento.
<b>Quais aprendizagens a experiência proporcionou</b>	Possibilidades de continuar, alcançar espaços e pessoas que esperam por eventos de projetos como este para articular, se descobrir, formular pensamentos quanto pessoas negras. Praticar com a inteligência da ancestralidade de matriz africana a reinvenção, trazendo para a mesa o que nos alimenta a barriga e a mente.

---

## Observações em geral

---

Foto: projeto panela preta.



Fonte: autoria própria.

Foto: projeto panela preta



Fonte: autoria propria.

## Ensinando a Transgredir

Cristiane Oliveira  
Jonas Mateus Ferreira Araujo  
Michelle Maciel

Esse material foi elaborado por três pessoas participantes do Grupo do Estudos Ensinando a Transgredir (@transgredir\_ensinando), partindo de inspirações que surgiram nas discussões e dos conhecimentos acumulados por cada pessoa. Cada texto trará uma pequena autobiografia na introdução para pontuar suas respectivas autorias.

### **Um minuto de sua atenção para a reparação histórica**

Jonas Mateus Ferreira Araujo

Autobiografia: Bixa nordestina, ensaiando formas de agir no mundo que desconstruam as colonialidades. Construindo minha identidade indígena desde o território de nascença, e na rua me gritam negro. Professor de português brasileiro na rede básica de ensino no estado do Ceará, bacharel em Serviço Social, especialista em Ensino de Literatura e mestre em Estudos Latino-Americanos.

Sabemos que grande parte da população negra e indígena do país se encontra em situação de pobreza, além de serem alvo de uma educação que costuma não corresponder à sua realidade, com referências eurocêntricas e da branquitude, alimentando assim um ciclo com violências simbólicas, espirituais, físicas, etc.

A proposta desse material é fortalecer a população não-branca, especificamente a população negra, mas que em alguns casos pode servir também para os povos originários.

Abaixo temos uma lista com 140 sugestões sobre como ter práticas antirracistas. Seguramente você pode fazer alguma ou algumas delas, sozinho/a ou com um grupo de pessoas, no movimento ou coletivo que você atua, na sua escola, na sua casa, no bairro.

Talvez algumas atividades já aconteçam ao seu redor, o que é ótimo, nesse caso você pode somar forças a elas e aos poucos tentar ver se é possível fazer algo mais ou mobilizar mais pessoas para que também possam fazer. O racismo estrutural não vai acabar sozinho.

É possível que você tenha de pesquisar sobre alguns termos que aparecem abaixo e não são tão comuns no nosso cotidiano, justamente porque tivemos e temos uma educação totalmente eurocêntrica, mas vai dar bom, o processo é gostoso e é magnífico descobrir outras formas de ver, sentir e estar no mundo. Teorias como as decoloniais, descoloniais, o pan-africanismo ou também o mulherismo africano podem ser bons caminhos para começar a pensar outros mundos distante da branquitude.

Sabendo que em algumas situações podem não existir verbas para realizar alguma atividade, é preciso considerar duas questões: a possibilidade do trabalho em rede, para buscar o apoio e apoiar organizações já existentes, solicitando espaço para fazer atividades, aparelhos de som, computadores, e talvez até outros materiais como papel, canetas; e a outra questão diz respeito a importância da auto-organização, principalmente nesse período bolsonarista que trabalha incessantemente para precarizar mais ainda os serviços públicos e conseqüentemente nossas vidas, então é fundamental que possamos contar com estratégias de autofinanciamento.

Algumas possíveis estratégias de autofinanciamento, além das que podem aparecer abaixo são: fazer rifas, livros de ouro, campanhas de arrecadação virtual, organização de eventos diversos, feiras artísticas com profissionais locais, venda de comidas, venda de obras artísticas, pedidos de patrocínio a empresas, outras organizações, figuras públicas, etc.

As informações abaixo foram elaboradas por **Anin Urasse e Brenda Maria**, mas tive contato com os tópicos numa postagem do Facebook que foi apagada, por sorte tinha anotado o título e depois encontrei as informações novamente, elas estão circulando em alguns lugares, inclusive sem referências. Deixo aqui abaixo o link de onde encontrar a publicação delas:

<http://espaco.afrocentricidade.org/140-acoes-praticas-reerguermos-nosso-povo-negro-1602203590>

As atividades abaixo podem exigir algum conhecimento específico para serem desenvolvidas, mas que bom que são 140. Se fizermos pelo menos uma delas, já pode representar muita coisa inicialmente diante da situação que a população negra se encontra. Ao final, apresento orientações/sugestões de como fazer uma delas.

### **“[140 ações práticas para fortalecer o povo preto]**

#### **Educação / Informação / Formação**

- 1 - Ensine 5 pessoas pretas a ler e escrever;
- 2 - Articule uma aula de idiomas de baixo custo tendo como professores irmãos refugiados;
- 3 - Dê aulas de reforço escolar para crianças pretas de sua comunidade;
- 4 - Reúna livros pretos e monte uma pequena biblioteca comunitária;
- 5 - Elabore um jornal negro na sua comunidade;
- 6 - Organize debates sobre temas pretos na sua comunidade;
- 7 - Ofereça aulas gratuitas de uma matéria que você domina para nossas irmãs travestis se saírem bem no Enem;
- 8 - Dê oficinas de fotografia para adolescentes pretos;
- 9 - Faça oficinas de redação pras crianças de sua comunidade soltarem a imaginação!
- 10 - Monte um comitê que fiscalize a implementação da lei 10.639 nas escolas de seu bairro. Pressione a direção;

- 11 - Faça um clube de leitura para crianças pretas de sua comunidade;
- 12 - Contribua financeiramente com o transporte de algum/a irmão que está com dificuldade de continuar os estudos;
- 13 - Organize um curso pré-vestibular comunitário;
- 14 - Organize uma lista de contatos de professores universitários pretos parceiros de luta!
- 15 - Ajude os alunos de um escola pública de seu bairro a criar um grêmio estudantil preto;
- 16 - Leia histórias pretas para quem não sabe ler;
- 17 - Leia para pessoas pretas cegas;
- 18 - Faça traduções de autores pretos e disponibilize!
- 19 - Ensine mais velhos negros a usarem o computador e a internet;
- 20 - Promova a literatura negra nas escolas de seu bairro;
- 21 - Consiga uma bolsa de estudos para uma criança negra;
- 22 - Ensine idosos negros a ler e escrever;
- 23 - Ensine um segundo idioma a adolescentes negros;
- 24 - De aulas de reforço de matemática a crianças de sua comunidade!
- 25 - Organize um cursinho preto para concurso público;
- 26 - Monte uma escola pan-africanista;
- 27 - Monte um curso pra ensinar uma segunda língua a LGBTs pretos;
- 28 - Ensine as crianças de sua comunidade a como usar a internet de forma produtiva;
- 29 - Crie uma ação para apoiar a compra de material escolar para crianças pretas;
- 30 - Monte um curso de libras para pessoas pretas e aproxime o movimento preto da comunidade surda!
- 31 - Ensine português a um irmão do continente refugiado;
- 32 - Crie/ disponibilize cartilhas de alfabetização com referências pretas para nossas crianças;
- 33 - Forneça livros de revolucionários pretos para a biblioteca do presídio de sua cidade;

34 - Promova aulas de educação no trânsito para crianças pretas;

35 - Dê aulas de informática básica aos jovens de sua comunidade;

36 - Monte um grupo de estudos pretos na sua universidade que inclua, além dos alunos, irmãos e irmãs da xerox, serviços gerais, secretaria, etc...

### **Cultura / Entretenimento**

1 - Monte um cineminha preto comunitário;

2 - Faça um teatrinho de boneco com as crianças de sua comunidade. Não os abandone. Mantenha a periodicidade;

3 - Organize passeios periódicos a museus com as crianças e adolescentes de sua comunidade;

4 - Faça um baile da terceira idade com temática afro;

5 - Faça um baile black num asilo!

6 - Organize um Kwanzaa na sua comunidade!

7 - Organize aulas gratuitas de capoeira para crianças de sua comunidade;

8 - Organize aulas de dança afro na sua comunidade;

9 - Monte um maculelê na sua comunidade!

10 - Fortaleça um grupo preto tradicional de sua cidade (jongo samba, entre outros);

11 - Monte uma rádio comunitária!

12 - Promova um dia cultural na sua comunidade;

13 - Leve as crianças de sua comunidade no cinema;

14 - Leve os jovens de sua comunidade ao teatro;

15 - Promova saraus comunitários temáticos com poetas e poetisas negros;

16 - Faça oficina de poesias para adolescentes pretos;

17 - Monte uma escolinha de futebol na sua quebrada;

18 - Ensine as crianças de sua quebrada a fabricar instrumentos;

19 - Promova oficinas de jogos que estimulem o raciocínio para crianças negras (como o xadrez);

20 - Resgate brincadeiras pretas antigas (como a umbigada) e ensine as crianças pretas de sua comunidade a que nossa cultura não se perca;

21 - Dê aulas de canto na sua quebrada;

22 - Organize um passeio ecológico para crianças pretas;

23 - Crie um grupo de teatro na sua comunidade;

24 - Organize um curso gratuito de instrumentos para adolescentes pretos de sua comunidade;

25 - Organize um passeio ao zoológico para crianças pretas (muitas nunca foram!);

### **Alimentação**

1 - Organize uma horta comunitária no seu bairro;

2 - Pelo menos em um dia da semana, com um grupo, mate a fome dos nossos irmãos e irmãs que estão na rua;

3 - Promova ações de estímulo à alimentação saudável para nossas crianças;

4 - Elabore cafés da manhã comunitários mensais;

### **Territorialidade**

1 - Faça um mutirão para recuperar algum espaço público de sua comunidade (parquinho, por exemplo);

2 - Faça um mutirão de limpeza na sua comunidade;

3 - Reative a associação de moradores do seu bairro;

4 - Ofereça apoio à creche comunitária do seu bairro;

5 - Renomeie as ruas de sua comunidade para homenagear heróis e heroínas negros;

6 - Ajude na reorganização de um Clube Social Negro;

7 - Organize um passeio a lugares históricos para os jovens pretos de sua comunidade;

8 - Faça um mutirão para melhorar a iluminação de sua comunidade;

9 - Faça um acordo com a galera do grafite e pinte os muros das escolas pretas de sua comunidade com referências pretas;

10 - Mapeie os terreiros de sua cidade para ações conjuntas de combate ao racismo religioso;

11 - Promova na sua comunidade eventos de socialização em datas comemorativas;

### **Trabalho / Geração de Renda**

1 - Monte um bazar com as amigas e com o dinheiro ajude famílias pretas;

2 - Ajude pessoas pretas desempregadas a elaborar currículos;

3 - Organize uma cooperativa de mulheres pretas vítimas de violência doméstica para que elas tenham algum tipo de renda;

4 - Elabore um caixa financeiro preto (daqueles que cada um dá um valor mensal e em determinado mês cada participante leva o dinheiro todo). Melhor do que a gente ficar dando dinheiro a b(r)anco!

5 - Organize um catálogo de empreendedores/as pretos/as para que a gente se fortaleça cada vez mais;

6 - Arranje cartas de emprego para irmãos e irmãs que estão no regime semiaberto para eles terem progressão de pena;

7 - Elabore uma estratégia de busca de empregos para egressos do sistema prisional;

8 - Elabore uma pequena feira de empreendedoras negras da sua região;

9 - Ajude um jovem preto a conseguir seu primeiro emprego;

10 - Seja referência para pessoas pretas que estão participando de processos seletivos;

11 - Organize uma cooperativa preta de reciclagem;

12 - Pague o transporte de irmãos que estejam a procura de emprego;

13 - Valorize os pequenos comércios pretos de sua comunidade. Monte uma associação para que eles discutam seus próprios problemas e encontrem soluções conjuntas;

14 - Organize uma oficina vocacional que ajude jovens pretos a escolher seu caminho profissional;

15 - Ensine uma família preta sem renda a fazer doces e bolos para festas;

16 - Fortaleça uma cooperativa de material reciclável;

17 - Encaminhe jovens pretas para cursos profissionalizantes;

### **Memória**

1 - Recolha histórias de idosos pretos do seu bairro;

2 - Recolha a história de idosos pretos que estão em asilos;

3 - Resgate a memória dos movimentos negros do seu território;

4 - Recolha a história de uma comunidade quilombola;

### **Apoio / Suporte / Auto-estima**

1 - Escreva cartas de esperanças a nossas irmãs encarceradas;

2 - Apadrinhe uma criança preta cuja família está passando por problemas. Seja o seu “tutor”;

3 - Crie um grupo de apoio às mães e familiares que perderam parentes para violência policial;

4 - Organize um tribunal comunitário com os idosos de sua comunidade para resolução de pequenos conflitos;

5 - Elabore um desfile infantil em sua comunidade pras crianças pretas se sentirem bonitas;

6 - Organize assistência jurídica gratuita para pessoas pretas, por advogados pretos;

7 - Acompanhe crianças pretas que estão em orfanatos. Faça ações que elevem sua autoestima;

8 - Organize um transporte gratuito para pessoas que irão visitar seus parentes nas penitenciárias. Elas ficam longe, as pessoas têm dificuldade e às vezes não fazem visita por isso;

9 - Crie um coletivo de homens pretos para promover discussões sobre masculinidade;

10 - Organize uma casa de apoio a LGBTs pretos vítimas de violência em casa;

11 - Monte uma rede de acolhimento a irmãos refugiados;

12 - Organize um dia de beleza para mulheres negras de sua comunidade;

13 - Faça um book fotográfico para idosos pretos de sua comunidade;

14 - Monte uma ação para promover a paternidade preta responsável;

15 - Há muitos dos nossos que não possuem documentos básicos (RG, CPF, até mesmo certidão de nascimento). Monte uma ação que ajude nosso povo a ter sua documentação certinha;

16 - Promova a articulação, intercâmbio e ações conjuntas de movimentos pretos no Brasil e outros países;

17 - Oriente jovens pretos/as que tenham interesse em fazer intercâmbio na África e vice versa!

18 - Oriente famílias que recebem bolsa família e outros programas sociais do governo para que elas não tenham seus benefícios bloqueados por perda de prazo, erro de documentação, entre outros.

19 - Oriente irmãos refugiados sobre documentação e seus direitos no país;

20 - Desenvolva ações para aproximar as comunidades dos terreiros;

21 - Desenvolva ações com/para pessoas pretas em situação de rua

## Saúde

1 - Faça ações de educação em saúde com as crianças de sua comunidade (como escovar os dentes, entre outros);

2 - Dê aulas de educação sexual aos adolescentes pretos de sua comunidade;

3 - Faça uma campanha contra o câncer de mama na sua comunidade;

4 - Organize uma rede de hospedagem gratuita para famílias pretas que precisam fazer tratamento de saúde fora da sua cidade;

5 - Promova ações de autocuidado à pessoa;

6 - Aprenda com uma mãe de santo a fazer três tipos de remédios caseiros com ervas e ensine às famílias de sua comunidade;

7 - Ofereça atividades de expressão corporal em sua comunidade;

8 - Organize um grupo de apoio para pessoas pretas que querem se livrar do cigarro;

9 - Organize um grupo de combate ao alcoolismo nas comunidades pretas;

10 - Elabore ações periódicas de combate à hipertensão arterial no seu bairro;

11 - Elabore um grupo de caminhada para adultos negros hipertensos em sua comunidade

12 - Monte um comitê no seu bairro para fiscalizar a implementação da política de saúde da população negra nos postos de saúde de seu bairro e vizinhança;

13 - Apoie a associação de pessoas com doença falciforme do seu estado;

14 - Organize uma lista de médicos pretos em sua cidade;

15 - Complemente a bolsa alimentação de alguma irmã que esteja fazendo tratamento contra tuberculose (eles já recebem, mas é pouquinho. Um dos motivos do abandono do tratamento é que o remédio dá muita fome, e muitos não têm condição de continuar);

16 - Apoie famílias de crianças com doença falciforme. As crianças possuem muitas demandas.

17 - Organize um transporte para que crianças pretas com deficiência possam ir para centros de reabilitação sem interromper o tratamento;

18 - Distribua lanche para acompanhantes de pacientes nos hospitais. Em muitos lugares só o paciente tem direito, e nosso povo fica com fome;

19 - Crie um grupo de mães negras para trocas de experiências sobre gravidez, parto e puerpério;

20 - Articule a criação de um banheiro comunitário para que nossa irmandade em situação de rua tenham onde tomar um banho;

21 - Visite nossos irmãos e irmãs que estão abandonados em hospitais psiquiátricos. Eles têm muitas demandas. Sane algumas;

22 - Acompanhe o calendário de vacinação das crianças de sua comunidade;”

### **Teatro de bonecos/as**

Jonas Mateus

**“2 - Faça um teatrinho de boneco com as crianças de sua comunidade. Não os abandone. Mantenha a periodicidade;”**

A atividade apresentada aqui nasce da memória que contei no primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado sobre o teatro de boneco que aprendi na infância e fiz com meus amigos. Também desenvolvi essa atividade em 2016 numa escola em Iguatu - CE, em uma turma de 1º ano do ensino médio, na ocasião trabalhamos temas de gênero, classe, raça e sexualidade nas apresentações. É importante saber sobre o quê os/as bonecos/as irão encenar, para que se construa algo tentando trabalhar com características da realidade pretendida. Uma sugestão é trabalhar com histórias de

pessoas da comunidade, conversar com as pessoas mais velhas, de repente contar uma história de sua vida, do bairro, de suas receitas tradicionais, de possíveis medicinas tradicionais que possa saber, de um acontecimento histórico para a comunidade. A criação de ficções também é sempre bem-vinda para alargar horizontes.

Para as crianças pode ser mágico dar vida e voz a outros seres, assim como foi pra mim. Vamos ao trabalho!

**MATERIAL PARA FAZER UM BONECO/A** (multiplique pela quantidade de bonecos/as que quer na sua encenação)

**01 garrafa pet** - o tamanho vai depender do tamanho da cabeça que você quer dar ao seu ser. Se só tiver garrafas grandes, pode cortar ela ao meio e encaixar a parte de baixo dentro da parte superior. Não importa se fica uma marca, depois será coberta com papel).

**Algumas folhas de papel** - aqui temos a possibilidade de trabalhar com a reciclagem de jornais e revistas ou trabalhar com folhas em branco. Caso opte pelo papel reciclado vai ser necessário ter tintas guache para cobrir as informações dos papéis; caso trabalhe com as folhas em branco, vai precisar de canetinhas e/ou também tinta para desenhar o rosto dos/as personagens e pintar com a cor da pele que quiser dar para ele/a. (Lembrando que cor de pele não é apenas bege, nem branca, inclusive a maioria da população brasileira é negra!).

**Papelão** - pode ser um pedaço pequeno, servirá para fazer as mãos. Um papel mais grosso como o de caixas de sapato pode servir.

**Tecidos** - podem ser usados retalhos, roupas velhas, caso você não tenha, uma opção é falar do trabalho com as pessoas e ver se alguém pode fazer essa doação.

**Cola branca e/ou de isopor** - caso não tenha, uma opção é "grude". É uma cola caseira feita com 4 colheres de goma de tapioca, 200 ml de água. Para o preparo, dissolva bem a goma na água dentro de uma panela, leve ao fogo, quando começar a ferver já está pronta. Ela serve para colar papel, papelão e tecido. Caso tenha dúvidas, existem alguns tutoriais no Youtube inclusive com

outros ingredientes. A depender do material que você usará para o cabelo, a cola de isopor será útil, como também para colar a garrafa no pano, ou seja, a cabeça no corpo.

**Agulha e linha para a costura** - caso você não tenha ou não possa comprar, pode pegar emprestada a da sua mãe ou avó, é possível que elas tenham, e, se for o caso, pode pedir para elas lhe ensinarem a costurar, é uma ótima oportunidade para aprender algo com as pessoas mais velhas.

**O palco** pode ser uma janela e o cenário fica a critério da história a ser contada; caso não tenha uma janela acessível, pode usar uma mesa, ou algum barbante com um lençol para as pessoas ficarem atrás.

### **Como fazer os/as bonecos/as**

Se você for trabalhar com o material reciclável, cole os jornais ou revistas nas garrafas, faça duas bolas que serão os olhos, e algumas tiras com grossuras e tamanhos diversos que serão sobrancelhas, nariz e lábios (ver sugestões nas imagens abaixo). Vá experimentando na garrafa já coberta os tamanhos, formas, proporções do material que você fez de modo a ir sentindo se os tamanhos e formas estão bons para a sua proposta. Você pode ir alterando como quiser caracterizar o rosto do/a sua personagem. Pinte o rosto da cor que quiser, assim como a boca e todas as partes, viaje nas cores.

Caso opte por fazer o rosto com as folhas em branco, cole o papel na garrafa, pinte-a e desenhe o rosto se inspirando nos/as personagens que se pretende apresentar.

Com os tecidos você fará primeiro os cabelos, pode cortar em tiras do tamanho que você quiser dar ao cabelo, isso para fazer cabelos lisos. Já para fazer cabelos cacheados, você pode usar lã, fitas de tecido que são mais fáceis de criar cachos, ou até mesmo garrafas pets cortadas em tiras e enroladas; e para fazer o cabelo crespos, pode trabalhar com a própria lã e viajar nas texturas de acordo com a sua proposta, uma possibilidade é desfiá-la, ou pode

ser outra linha grossa desfiada, e até esponjas recortadas no formato desejado. Pinte o cabelo da cor que desejar.

Para fazer o “corpo”, você cortará dois panos em tamanhos iguais e no formato de uma camisa com mangas até mais ou menos a metade do braços. Você pode fazer um molde de papelão para ajudar no processo e evitar que saiam com grandes diferenças. Se for fazer personagens distintos, pode fazer mais de um molde. É importante que a parte da gola da camisa seja um pouco elevada, como uma gola alta, pois aí ficará o gargalo da garrafa. Após cortar o tecido, costure deixando abertas as regiões do pescoço, dos braços e a parte de baixo. Caso não saiba costurar esse é um ótimo momento para aprender, pode pedir ajuda a alguém da família ou da comunidade que saiba, ou em último caso vale ver alguns vídeos na internet.

Para fazer as mãos, corte no formato que você quiser dar, com os dedos bem definidos ou algo mais parecido com as meninas super poderosas, sua criatividade decide, o que é importante é atentar para que o braço esteja da mesma largura das mangas da roupa que você costurou, ou mais finos.

Para manusear seu fantoche, o dedo médio (do cotoco) sustentará a cabeça (se a garrafa for muito grande vai pesar), e o polegar e o mindinho controlam as mãos.

Os/as fantoches feitos abaixo foram confeccionados especificamente para melhor descreverem essas orientações, e foram feitos com a colaboração da minha mãe, Antônia Ferreira Araújo, que confeccionou as roupas, e da minha sobrinha, Bruna Maria Araújo da Silva, que fez o rosto da boneca de roupa amarela.

**Foto:** cabeça de fantoche coberta com papel branco cobrindo garrafa de refrigerante (pode ser com papel reciclado, como jornais).



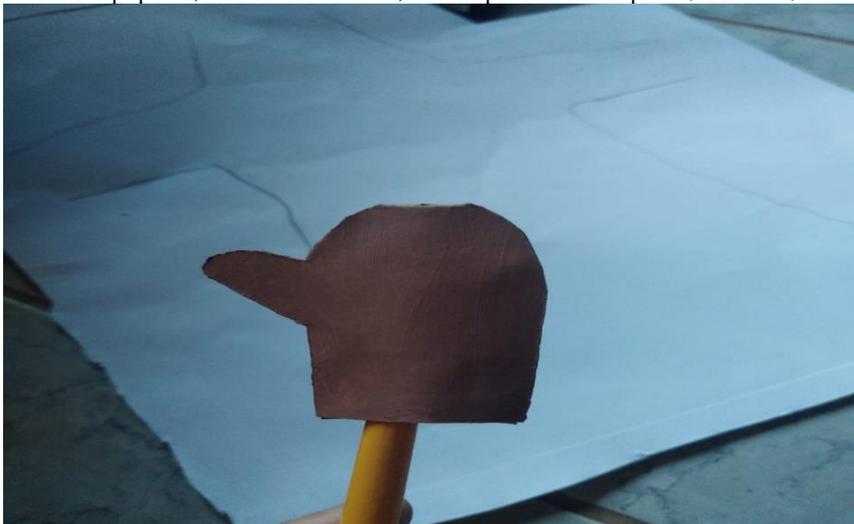
Fonte: autoria própria.

**Foto:** cabeça de fantoche com garrafa de refrigerante, coberta com papel de jornal (da igreja) e pintada de marrom.



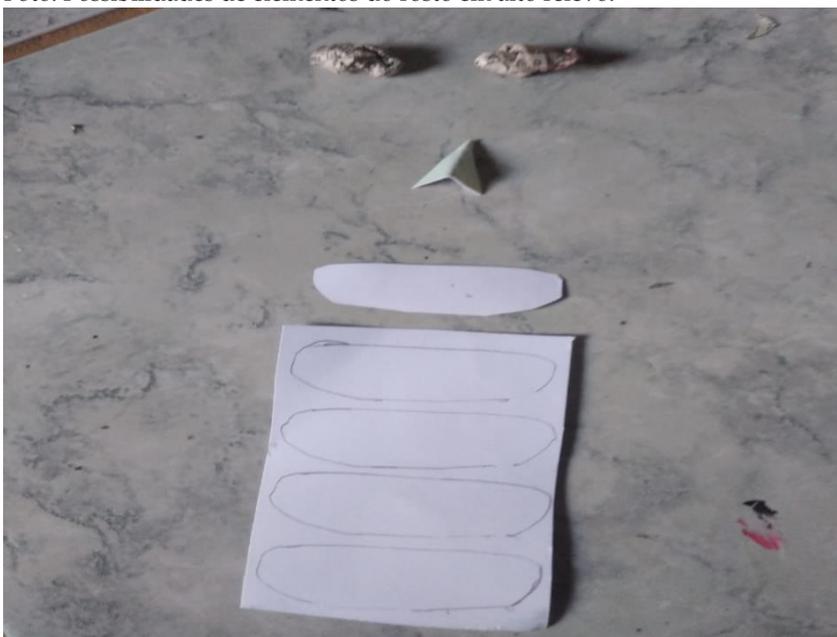
Fonte: autoria própria.

**Foto:** Mãos feitas com papel grosso reutilizado de um envelope de exame, pode ser usado papelão, e ao fundo da foto, molde para fazer corpo do/a boneco/a.



Fonte: Autoria própria.

Foto: Possibilidades de elementos do rosto em alto relevo.



Fonte: Autoria própria.

**Foto:** Fantoches concluídos, a de amarelo foi usando técnicas de pintura sobre papel e o azul com o rosto em alto-relevo.



Fonte: Autoria própria.

### **Oficina: Reconstruindo o sentido das Máscaras**

Cristiane Oliveira

Autobiografia: Mulher negra, professora, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Ceará- PPGE-UFC. Membro do Núcleo das Africanidades Cearenses- NACE/UFC. Atua principalmente nos seguintes temas: Educação para as Relações Étnicorraciais e Formação de Professoras.

Esta sugestão de atividade parte das minhas experiências enquanto mulher negra e antirracista, professora pedagoga, pesquisadora, amante das culturas africanas.

A oficina *Reconstruindo o sentido das Máscaras* vem sendo desenvolvida desde o ano de 2014, na minha prática docente, e atualmente na minha pesquisa de mestrado, objetivando

desconstruir a ideia de cultura eurocêntrica, além de proporcionar aos educandos e aos demais públicos que participam das oficinas uma proximidade com um dos aspectos das africanidades.

Um dos pontos de partida na elaboração da oficina foi a história da Anastácia, mulher negra escravizada que usava uma máscara de ferro que a impedia de falar. Sobre o uso do objeto há vários relatos, sendo um deles de que ela era obrigada a usar a máscara por causa do seu ativismo político, ou seja, ela foi realmente uma mulher silenciada. E sobre esse silenciamento, destaco que nos dias atuais ainda existe de forma muito sutil e ignorada, tanto por quem cala como por quem é calado.

Assim, além de apresentar a realidade do período escravocrata, em que homens e mulheres eram constantemente silenciados, busco através da oficina reconstruir os sentidos do objeto através das Máscaras Africanas. Explicito que não faço uma comparação entre ambas, mas utilizo a primeira como referência para que saibamos que aqui no Brasil e em outros países que “abraçaram” o regime escravista o sentido da máscara foi totalmente reconfigurado e o objeto tornou-se um material de opressão.

Em sala de aula, podemos utilizar esse referencial metodológico nas aulas de história e artes, colocando em prática a aplicabilidade da Lei 10.69/03, exercendo uma educação antirracista. Assim, no momento em que falamos sobre arte e cultura também viajamos pela verdadeira história do escravismo no Brasil.

Feitas as devidas contextualizações, tanto em sala de aula, quanto em outros espaços em que a oficina possa ser aplicada, apresento as estratégias usadas na “fabricação” das máscaras africanas, que são:

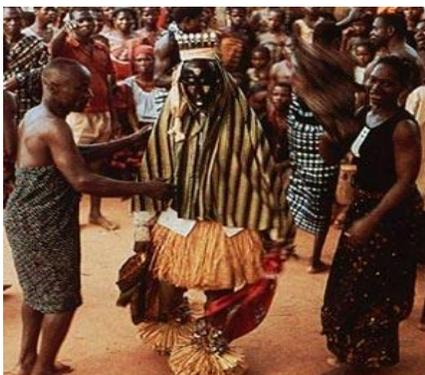
❖ Contextualização histórica sobre o uso das máscaras na época da escravidão;

Foto: Anastácia escravizada



Fonte: Google Imagens.

❖ Apresentação das máscaras africanas (importância, funções e significados);



Fonte: Google imagens.

❖ Utilização de um mapa africano para localizar os países africanos que mais utilizam as máscaras e expôr imagens das máscaras (Bwa de Burkina Fasso; Do fang do Gabão; Senufo e Grebo da Costa do Marfim; e as Mwana Pwo Angola e República Democrática do Congo, etc.);



Fonte: Google imagens.

❖ Apresentação dos materiais que serão utilizados (aqui darei duas sugestões).

Obs: os itens acima constituem a primeira etapa da oficina.

### **Materiais utilizados na criação das máscaras**

**Sugestão 1-** Para uma oficina realizada em sala de aula, durante três dias.

Balão de sopro, jornais, tesoura, cola, pincéis, tinta guache, elástico; Para decorar a máscara podem ser materiais a escolha das/os alunas/os.

Como fazer: para esse tipo de máscara nos apropriarmos da técnica do papel Machê, de forma mais simples que as crianças possam fazer.

*Segunda etapa:* Para iniciar, cada um deverá encher o balão, de forma que ele fique bem oval, depois irão passar uma camada de cola branca e colar os jornais, repetindo o procedimento até conseguir uma camada razoavelmente grossa. Concluída esse procedimento, é preciso esperar mais ou menos 72h para que esteja tudo seco.

Esperado o tempo de secagem, os balões devem ser estourados, ficando apenas a parte do papel, em seguida a “bola” de papel deverá ser cortada ao meio, assim, a criança poderá ter duas máscaras. Utilizando a tesoura, poderá ser feito os olhos e boca, fazer furos para amarrar o elástico nas duas extremidades.

Agora, vamos para a parte mais divertida, decorar a máscara.

A decoração fica a critério de quem está fazendo a máscara, o importante é dar um belo colorido com os pincéis e as tintas, além de poderem colocar vários enfeites.

**Sugestão 2-** Para uma oficina realizada em outros espaços ou até mesmo em sala de aula, mas com o tempo reduzido é substituir o uso do balão e dos jornais por cartolina. Neste caso, as/os criadoras/es irão desenhar suas máscaras em um pedaço de cartolina, depois cortar. Para decorar, são os mesmos procedimentos da sugestão 1.

## Máscaras produzidas a partir da sugestão 1

**Foto:** Crianças com máscaras confeccionadas por elas.



Fonte: Autoria Própria.

## Máscaras produzidas na sugestão 2

**Foto:** Crianças confeccionando máscaras em cartolina.



Fonte: Autoria própria

Após a elaboração das Máscaras africanas elas podem ser utilizadas para:

- Decoração da sala de aula;
- Encenações teatrais;
- Compor o figurino de uma dança afro;
- Contação de histórias;
- Declamações de poesias;
- Atividades escritas;

Algumas referências para ajudar na contextualização.

Máscaras Africanas | Mwana Afrika Oficina Cultural.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YEKRKcRfeLA>.  
Acesso: 22/10/2020.

10 Civilizações Africanas Surpreendentes (Part 1) | Mwana Afrika Oficina Cultural. <https://www.youtube.com/watch?v=LhGPm-kKUTc>. Acesso: 22/10/2020.

## **O cinema como ferramenta antirracista**

Michelle Maciel

Mulher, preta, graduada em História, produtora audiovisual, realizadora audiovisual. Emancipacionista

Vivemos numa sociedade que durante muito tempo negou a existência dos negros dentro do projeto de construção de um Brasil, pois nos moldes europeus, muito da história dos povos pretos e pretas não foram contadas na literatura ou nas produções cinematográficas. Somente em 1950, os novos artistas e produtores da época perceberam a necessidade de incluir no cinema brasileiro expressões que se aproximasse da realidade. Nesse sentido, muitas pautas das relações raciais foram contadas nesse movimento chamado cinema novo (CARVALHO; DOMINGUES, 2017). Enquanto essas histórias não eram contadas, as práticas racistas

eram feitas de modo cada vez mais “naturalizadas”, deixando marcas profundas na pele e na alma.

Eu passei toda a minha infância assistindo a filmes que quase não tinham personagens negros e negras e quando apareciam estavam em papéis estereotipados. Esse fato influenciou na construção da minha personalidade e inconscientemente, reforçava o ódio que sentia da minha cor. Infelizmente tive que conviver com isso até a adolescência. Eu ainda não tinha consciência das questões raciais, mesmo na faculdade, o tema quase nunca era estudado ou não havia nenhuma provocação para que eu fosse em busca desse conhecimento. Nesse material, vou compartilhar um pouco das minhas experiências de como o cinema pode ser uma ferramenta antirracista. Mas antes, considero importante que possamos estudar um pouco sobre a origem do racismo no Brasil, esse conhecimento nos dará incentivo, bem como um sentido consistente para a execução da proposta que logo apresentarei.

“O preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como consequências inevitáveis do escravismo.” (Hasenbalg, 1979, p. 73 *apud* Silva, 2015, p. 6.) Mesmo no período pós-abolição, o estigma do escravismo e toda a ideologia de raça reforçada e propagada durante muito tempo perdura até hoje, algumas vezes legitimado nos discursos de governos fascistas. É importante ressaltar a relação do capitalismo com o racismo, afinal o racismo surge a partir dele. A eliminação do capitalismo é fundamental para o fim do racismo. Portanto, chamo a atenção para um estudo mais aprofundado quanto a superação do capitalismo na perspectiva emancipatória. “Uma compreensão do capitalismo e das relações raciais enquanto mecanismos de poder e dominação constituídos historicamente e que apresenta suas variadas facetas em cada época, em cada período, em cada momento da história socioeconômica e político-cultural brasileira.” (SANTOS, 2007, p. 10)

No ano em que cheguei em Iguatu-Ce, eu já vinha com um anseio de estudar mais sobre as questões raciais, ao mesmo tempo que sentia que precisava compartilhar um pouco da minha experiência com o audiovisual, voltado para os não brancos, foi

quando me deparei com um cartaz via instagram, sobre um primeiro encontro do grupo de estudo “Ensinando a transgredir.” O grupo é idealizado pela pesquisadora Cristiane Oliveira e é voltado para a educação e as questões raciais. Depois de alguns encontros e com a aproximação da data alusiva ao dia nacional da consciência negra, decidimos fazer uma intervenção na praça do bairro onde moro, considerado periférico. Na nossa programação, incluímos exibição de filmes. Foi um grande desafio, tínhamos pouco tempo para nos organizar, não fizemos nenhuma mobilização de público e a praça não dispunha de nenhuma estrutura para realização de tal feito. Tivemos que ser ousadas e seguimos, afinal, nas palavras de Santos (2007) “Se não encararmos de frente a questão racial, dificilmente iremos resolvê-la.” (p. 10).

### **Cinema na praça**

Depois de definir toda nossa programação seguimos os seguintes passos

1 - Solicitamos por meio de ofício equipamentos de som, projetor e microfones a Faculdade de Educação Ciência e Letras de Iguatu (FECLI - UECE).

2- Visitamos o local da praça para definir o local das exibições, verificar existências de tomadas, identificar possíveis colaboradores, acomodação de público dentre outros possíveis imprevistos.

3- Escolhemos os filmes (Os filmes estavam disponíveis na internet para o acesso de todos e por isso não precisamos de autorização dos diretores para as exibições).

4- Pano Branco e cordas (Não tínhamos tela de projeção).

5- Fizemos uma arte para a divulgação nas redes sociais.

No dia do evento, chegamos com antecedência para montarmos nossa estrutura, amarramos o pano branco entre dois postes e posicionamos os equipamentos, algumas pessoas nos observavam e chegaram para nos ajudar com a montagem, um morador nos cedeu a energia da casa dele, já que a praça não dispunha de tomadas. Era o

nosso cinema na praça. Algumas crianças brincavam na quadra e de vez em quando, algumas delas, curiosas, nos perguntavam o que iria acontecer ali. Foi quando percebemos que já tínhamos o nosso público. Aos poucos as senhoras que estavam nas calçadas, colocavam suas cadeiras de frente a tela improvisada, ainda que timidamente, para assistir aos filmes. Foi lindo. Ao final fizemos uma pequena reflexão dos filmes exibidos.

Essa experiência foi muito instigante para todos e todas do grupo, saímos de lá com uma sensação de que vale a pena todo o esforço e energia que dedicamos ao combate ao racismo na nossa comunidade. Eu particularmente fiquei muito emocionada quando vi as crianças interagindo e pensando sobre o que seria o racismo e como poderiam ser antirracistas.

Os povos indígenas costumam se reunir em volta da fogueira para que os anciões possam compartilhar com os mais novos os saberes de seus antepassados e também para que essas memórias não sejam esquecidas. Certa vez conversando com um amigo que possui um trabalho voltado para o audiovisual com os povos indígena Jenipapo - Kanindé em Aquiraz-CE, ele me falou que estava lendo um livro que fazia uma reflexão sobre o cinema ser a luz da fogueira contemporânea onde a tela conta nossas histórias e as pessoas podem se ver nelas. Para que o povo negro e indígena possam de fato se enxergarem nessas histórias, tenho uma outra proposta antirracista a fazer. A criação da sua própria cinemateca.

### **Crie sua própria Cinemateca**

Para a escrita desse trabalho eu estava buscando em diversos meio uma cinemateca especificamente com filmes negros, fora dos circuitos comerciais e que fossem realizados em territórios nordestinos. Como não encontrei essas compilações da forma que eu desejava, decidi criar minha própria cinemateca.

Estamos escrevendo esse material diante de uma pandemia mundial do COVID-19. No meio audiovisual, muitos produtores e produtoras bem como os artistas estão experienciando uma nova

forma de manter o cinema em plena atividade. A exemplo dos festivais de cinema Curta Taquary – Festival Internacional de curtas em Pernambuco e o Festicine - Festival de Cinema de Rua de Remígio na Paraíba que esse ano acontecem no formato online. A partir desses novos formatos de exibição de filmes, é possível garimpar filmes brasileiros fora do circuito comercial que discutem questões raciais, ou possuem diretores e diretoras negras e/ou são filmes protagonizados por atrizes ou atores negros. Um outro evento presencial audiovisual que teve que se reinventar em meio ao confinamento social foi a mostra de cinemas africanos (Cine África Em Casa), para participar basta se inscrever no evento e eles te enviarão os links de acesso aos filmes com legendas brasileiras. Com essas disponibilizações você reúne os filmes que quiser assistir. Existem também diversos sites que deixam livre o acesso aos filmes. Há também a plataforma de *streaming* Afroflix que disponibiliza filmes online, onde umas das exigências da plataforma para seleção de seus filmes são que as pessoas negras tenham participação efetivas nas áreas de produção, roteirização, direção e atuação. As informações que no momento considero importante colocar na minha compilação de filmes são: nome do filme, nome do diretor ou diretora, tempo de duração e link de acesso. Basta criar uma pasta no google drive e nomear da forma que quiser. Os filmes a seguir são na maioria nordestinos ou se passa em território nordestino.

### Minha Cinemateca

1 – Quanto vale ou é por quilo? |RJ|

Direção: Sérgio Bianchi

Tempo de Duração: 104 minutos

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=400bCOiM3TY>

2 - Ó paí, ò |BA|

Direção: Carolina Jabor, Mauro Lima, Monique Gardenberg, Olivia Guimarães.

Tempo de duração: 1h24min

Link de Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=2ok7i1R-xFQ>

3- Vista a minha pele

Direção: Joel Zito Araújo & Dandara

Tempo de duração: 26min45

Link de Acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM&feature=emb_title)

4- Repulsa |PE|

Direção: Eduardo Morotó

Tempo de duração: 20min

Link de Acesso: <https://vimeo.com/239558546>

5 -Punho negros (Websérie) |BA|

Direção: Murilo Deolino

Link de acesso: <https://www.youtube.com/channel/UCX6qkFo1FGOrhn0MQ4Viygw>

6- O dia de Jerusa |SP|

Roteiro de Viviane Ferreira

Tempo de duração 20min47

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ>

7- Cores e Bota |SP|

Direção: Juliana Vicente

Tempo de Duração15min55

Link de Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygU0o>

8 – Você Conhece Derréis? |PB|

Direção: Veruza Guedes |

Tempo de duração: 10min 39

Link de Acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=2sQ5-7F\\_-Sc](https://www.youtube.com/watch?v=2sQ5-7F_-Sc)

9 - O grande amor de um lobo |RN|

Direção: Adrianderson Barbosa e Kennel Rogis

Tempo de Duração: 12min7

Link de Acesso: <https://vimeo.com/328539533>

10- Jenipapo - Kanindé |CE|

Direção: Glênio Mesquita

Tempo de Duração: 45min56

Link de Acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=YUlsxAb4\\_dY&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3EyAH\\_x6A0VHFzqK9ARzOvVUXO41YmTzcxYWefnZUoscl0uaSn1mPsWM](https://www.youtube.com/watch?v=YUlsxAb4_dY&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3EyAH_x6A0VHFzqK9ARzOvVUXO41YmTzcxYWefnZUoscl0uaSn1mPsWM)

11- Negro Lá, Negro Cá |CE|

Direção Eduardo Cunha

Tempo de duração: 20min

Link de Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=y2huzBAaSiA>

12- Esaú, o contador de história |CE|

Direção: André Dias

Tempo de Duração: 9min49

Link de Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=REi81rCtfnM&t=9s>

A partir dos filmes da sua cinemateca pessoal, você terá um ótimo acervo para exibi-los na praça do seu bairro ou comunidade. Caso você opte por exibir curtas, faça uma compilação em que o tempo total não ultrapasse 1h, assim, não ficará cansativo para as pessoas. É muito importante que essas atividades aconteçam com frequência, a comunidade cada vez mais vai acolhendo.

As atividades propostas não tiveram nenhum custo financeiro. O que nos faz refletir sobre o quanto é possível realizarmos atividades que não precise da mediação do dinheiro. Pode-se dizer que essas atividades são também uma possível forma de rompimento com as categorias fundantes do capitalismo? Bem, esta é uma outra discussão.

## Referência

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 377-394, 2017.

SANTOS, Cleito Pereira dos et al. **Capitalismo e questão racial**. Rio de Janeiro: Corifeu. 2007.

SILVA, Patrícia Costa Pereira da. Diálogos possíveis entre Questão Racial e Educação Democrática: notas sobre Florestan Fernandes. **Café com Sociologia**. V. 4, n. 1. 2015.

### Sites

Afroflix: <http://www.afroflix.com.br/> Mostra de Cinemas

Africanos: <http://mostradecinemasafrianos.com/cine-africa-em-casa-programacao-completa-e-inscricoes/>

Curta Taquary: <https://www.curtataquary.com.br/#noticias>

13 filmes que discutem racismo na educação: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/13-filmes-que-discutem-racismo-na-educacao/>

**Movimento Jovem Indígena Pankararu,  
a breve história do grupo que trabalha desde atuação no povo  
Pankararu, amizade entre os povos e a  
luta pela terra e pela vida  
· Somos filhos da Terra, somos PANKARARU**

---

**PLANO DE FORMAÇÃO**

João Víctor Gomes de Oliveira

**João Víctor Gomes de Oliveira** (10.09.97) filho de João Manoel de Oliveira e Mariana Gomes Julião de Oliveira.

Indígena Pankararu, residente da Aldeia Brejo dos Padres.

Coordenador Geral do Grupo Jovem MOJIP há 5 anos; Articulador da COJIPE como representante do Povo Pankararu dentro da Comissão; Colaborador da REJUIND - Rede de Juventude Indígena do Brasil; Membro do Grupo Assessor de Saúde da Organização Pan Americana de Saúde-OPAS no biênio 2019-2021.

Tenho em minha família grandes exemplos de liderança e ativismo, por isso abracei com mais afinco o espírito de líder. A luta indígena não espera nós crescermos, a gente já nasce para luta. E uma vez assumindo esse compromisso, não conseguimos mais sair.

Entrei de fato na luta em 2013, e de lá até aqui não abandonei, mesmo precisando morar fora algumas vezes (Recife, 2016; Aracaju, desde 2017). Tenho atuado na articulação e no planejamento de ações dentro do território, como também na atuação fora do território.

Em 2015, quando assumi o MOJIP ainda como vice-coordenador, realizamos um ato em 5 de Junho: uma caminhada

---

---

ecológica de uma aldeia a outra recolhendo o lixo que estava na estrada, sensibilizamos as pessoas acerca do descarte consciente de resíduos sólidos. Além dessa, outras iniciativas são feitas periodicamente: limpeza das fontes e nascentes Pankararu, participação em reuniões com as lideranças e reuniões mensais para planejamento de ações.

Atualmente estamos junto da comunidade nas barreiras sanitárias, orientando e controlando o acesso de não indígenas ao território.

Sou também estudante de Farmácia na Universidade Federal de Sergipe, fui motivado pelo manejo e manipulação de ervas medicinais para produção de medicamentos e na utilização pela sociedade como opção de tratamento em várias enfermidades, fazendo conexão entre o saber tradicional e o saber ocidental.

Não me envergonho da luta que carrego, tenho em meu sangue a ascendência de grandes líderes: Meus pais, meus tios e meus primos.

Sempre pedindo a Deus e a Força Encantada pela proteção de todo o meu povo e sem previsão para aposentadoria.

---

### **Movimento Jovem Indígena Pankararu, a breve história do grupo que trabalha desde atuação no povo Pankararu, amizade entre os povos e a luta pela terra e pela vida.**

O Povo Pankararu sempre possuiu organização sociopolítica muito bem definida por seus participantes; tanto nos Conselhos Tribais como na “Comissão” de Lideranças, a discussão acerca dos direitos – sobretudo territoriais – foi muito forte principalmente no período da Constituinte até os dias atuais, com a terra devidamente demarcada, homologada e desintrusada. A juventude sempre procurou se inserir nesses debates, ora por iniciativa própria (a consciência e/ou senso de pertencimento, de zelo e de responsabilidade), ora por convite das próprias lideranças (que ainda que fossem raros, existia).

## · Juventude organizada

O primeiro passo foi a participação das reuniões com caciques, pajés, detentores dos saberes tradicionais e outras lideranças tradicionais. Depois de constantes participações nas reuniões, em 2005, Cristiane Julião e Tiago Oliveira – ambos Pankararu – estiveram num evento em Brasília/DF, para discutir sobre políticas públicas para as juventudes, como também para juventude indígena. Ao retornarem, deram início ao grupo MOJIP – Movimento Jovem Indígena Pankararu; contando com os dois e os demais: Sarapó Pankararu, Alexandre Pankararu e Marcelo Entre Serras Pankararu. Atuando por quase 10 anos, liderando a Juventude Pankararu e inserindo-a nos espaços de discussão e formação política voltada aos direitos da juventude e sua inserção no movimento nacional.

Posteriormente um grupo de jovens se formou em 2013, chamado ALFA (amor, liberdade, fé e amizade), da Pastoral da Juventude, ligada à Igreja Católica – que tem presença forte no território e que também desenvolve trabalhos sociais com os diferentes públicos. O grupo era composto por: coordenador e secretária; e desde essa formação, já era pensado na paridade de gênero. O grupo inicial era composto 15 jovens com idades de 13-17 anos e de ambos os sexos.

À medida que as ações eram realizadas, o grupo sentia a necessidade de ampliar seu foco e agir de forma mais autônoma e conjunta com as lideranças, principalmente por notar que o território possuía pautas muito prioritárias que demandavam muitos momentos de formação e de luta.

## · Juventude fortalecida

O grupo MOJIP ressurgiu com a força dos antigos membros do grupo ALFA, além de dedicação em realizar ações no território e pelo território, tendo forte apoio das lideranças e assumindo postura de jovens comprometidos, responsáveis e conscientes.

Tendo como primeiros coordenadores gerais, Érika Monik Pankararu e Tiago Oliveira Pankararu, devidamente reconhecidos pelos caciques e importantes líderes para envolvimento dos demais membros nas atividades.

A primeira iniciativa foi um evento festivo para arrecadar fundos para execução das primeiras ações pontuais e com ênfase na juventude. Depois fizemos a primeira reunião com a presença dos caciques e outras lideranças para realizar a oficialização com a escolha dos coordenadores do grupo. Com o tempo, as reuniões passaram a ser frequentes e as ações também. (Para ver algumas ações, é possível encontrar registros na página do Instagram @mojip\_\_).

As primeiras ações eram dedicadas ao encorajamento em ingressar no ensino superior e seu suporte: construção de ofícios para as prefeituras das cidades que fazem divisa com o Território Pankararu, de onde os indígenas são munícipes. Também fizemos campanha de arrecadação para manutenção durante as viagens – seja para prestar vestibular em outras cidades e estados (Águas Belas/PE, Recife/PE, Feira de Santana/BA, Paulo Afonso/BA principalmente) – seja para participação de algum evento de formação para juventude.

Diante disso, vimos a necessidade de estarmos em constantes formações para melhor entender como se dava o processo de desenvolvimento das atividades relacionadas às políticas públicas para os povos indígenas sobretudo para o nosso povo e as relações inter-territoriais com os outros povos.

As atividades mais marcantes foram as formações políticas, oficinas de teatro por Antônio Carlos Pankararu, de elaboração de textos oficiais por Cristiane Julião Pankararu (ofícios, carta, e-mail, memorando, recomendação) e as oficinas de audiovisual promovidas por Alexandre Pankararu que foram muito mais fortes e que possibilitaram produzir desde documentários como curtas, além de outros trabalhos, que infelizmente não se encontram disponíveis para reprodução porque foram de reprodução própria.

O contraponto se deu quando a maioria dos membros foram para as Universidades – o que fazia parte de um grande investimento nosso, inserir os jovens no ensino superior – mas perdemos membros que pudessem fortalecer o grupo, ficando poucos que resistiram e assumiram a causa para não deixar o grupo obsoleto.

#### · **Coordenadorias de Ações Estratégicas**

O grupo foi tomado um novo rumo. Precisávamos formar diretorias ou coordenadorias para descentralizar as ações que eram centradas somente nos coordenadores gerais e para ter pessoas que liderassem ou ‘puxassem’ as ações. Passamos a ter: coordenação geral com João Víctor Oliveira e Tauane Barros, coordenação de audiovisual com Juliana Silva, coordenação de eventos com Amanda Luz, coordenação de finanças ou tesouraria com Emely Aparecida, coordenação de recursos humanos com Hellen Vanessa; esta seria responsável pelo diálogo tanto com outros jovens como com outras pessoas para debater o funcionamento do MOJIP bem como demais funções já associadas ao cargo.

Outras coordenadorias foram pensadas, mas não foram oficializadas porque os jovens não possuíam disponibilidade ou não estavam no território para conseguir executar as atividades. Dentre as possíveis, seriam: coordenação de saúde (para promover debates acerca do tema e liderar campanhas, orientações e apoio nas ações de saúde) e a mudança de coordenação de eventos para coordenação de cultura (para promover eventos esportivos e culturais para integrar e incluir os jovens nas ações do grupo).

#### · **Parceiros e Apoiadores do grupo MOJIP:**

##### · **Associação Indígena Tronco Velho Pankararu**

Uma das primeiras e constantes parceiras é a Associação Indígena Tronco Velho Pankararu - TVP, que tem como presidente

Sarapó Pankararu. A TVP facilita e promove a participação do grupo MOJIP em outros espaços, inclusive promovidas pela APOINME - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo. Dentre esses espaços foram conferências, seminários, simpósios, formações e reuniões. A TVP disponibiliza também um espaço em sua sede para realização de reuniões e arquivamento de documentos e outros materiais.

#### · **Comissão da Juventude Indígena de Pernambuco**

A Comissão da Juventude Indígena de Pernambuco - COJIPE, nasce do desejo de muitos jovens que participaram do II Encontro de Arte e Cultura no Povo Xukuru do Ororubá promovido pela SECULT de 13 a 17 de agosto de 2012. Nesse encontro sentimos a falta de alguns jovens de outros povos, apenas encontrava-se dos doze povos: Xukuru, Truká, Kambiwá, Pipipã, Atikum, Fulni-ô e Entre Serras Pankararu. A ausência dos outros cinco povos (Tuxá, Pankará, Pankaiwká, Kapinawá e Xucuru de Cimbres) levou a reflexão sobre o processo de luta da juventude indígena que não estava inserida nesse processo. Dessa forma, foi visto que era necessário promover a articulação, fazendo ponte aos outros territórios indígenas do estado de Pernambuco e assim nasce a COJIPE, com o objetivo de incentivar o protagonismo político, cultural e social dos jovens e adolescentes indígenas, fortalecendo nossos costumes e tradições por meio de nossas bases.

#### · **Rede de Juventude Indígena do Brasil**

A Rede de Juventude Indígena do Brasil - REJUIND é uma organização criada com o intuito de interligar a juventude dos diferentes povos por meio das redes sociais e promover debates, momentos de esclarecimento e acesso à participação em diferentes espaços dentre eles internacionais, fazendo com que esses jovens falem de suas realidades, denunciem as violações de direitos por

meio do Estado e mobilizem outros jovens de base e que possuem representação em suas regiões.

· **Demais Apoiadores**

Dessa forma e com outras organizações locais e regionais (Comissão da Terra Pankararu, Comissão das Escolas Indígenas Pankararu, Conselho Local de Saúde Indígena) o trabalho do MOJIP é sempre em parceria recíproca.



## A difusão do debate interseccional a partir de duas mídias independentes: podcast e fanzine

Juarez Egildo<sup>1</sup>

Rainara Maia<sup>2</sup>

O *Racionalizepodcast* resulta da participação no curso *Dandara dos Palmares - Gênero, Raça e Etnia na Comunicação*, oferecido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará (SINDJORCE) em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), cujo objetivo foi promover a formação de profissionais da comunicação e áreas afins, quanto à temática de gênero e relações étnico-raciais, numa perspectiva interseccional.

O curso ocorreu no mês de abril de 2019 e totalizou uma carga horária de 80 horas/aula, distribuídas em dez encontros presenciais, nos quais foi possível discutir, refletir e problematizar temas como: a presença negra no Ceará, a representação e a representatividade de mulheres negras nos meios de comunicação, os Direitos das mulheres, o combate à violência contra mulheres, entre outros. Resolvemos sistematizar alguns desses conhecimentos, compartilhados ao longo das aulas, por meio de duas mídias específicas e independentes: o *Podcast* e a fanzine.

O *Podcast* é uma forma de transmissão de arquivos multimídia via Internet, semelhante a um programa de rádio, em que as pessoas disponibilizam repertórios musicais ou compartilham ideias, opiniões a respeito dos mais variados assuntos, como política, artes, filosofia, cinema etc. Os arquivos podem ser ouvidos *online* ou baixados pelos

---

<sup>1</sup> É designer gráfico, diretor de arte e ilustrador, cearense, morador do Carlito e idealizador do *Racionalizepodcast*.

<sup>2</sup> Pedagoga antirracista, Mestranda em Educação, cearense, mulher negra, aspirante a desenhista, e idealizadora do *Racionalizepodcast*.

próprios usuários. O *Podcast* pode também ser comparado a um blog, só que em vez de escrever, as pessoas falam.

Já a fanzine, é um tipo de produção semelhante a uma revista; geralmente feita com folhas de papel A4 em formatos de dobradura variados. Seu nome original é *fanatic magazine*, que traduzido para o português significa “revista de fãs”, ou seja, os conteúdos quase sempre são criados por fãs e para fãs de algum tema específico. As fanzines podem se utilizar de diversas linguagens para comunicar ideias, sentimentos, pensamentos etc., por exemplo: poesias, recortes, colagens, desenhos.

Essas mídias não são utilizadas por nós para fins lucrativos, mas, sim, com o intuito de estimular a discussão de temáticas relacionadas à raça, classe, gênero, etnia, sexualidade, numa perspectiva interseccional, isto é, que não separa nem hierarquiza opressões, mas discute-as, de modo transversal e indissociável. Pensar interseccionalidade é também demarcar os diferentes lugares de fala possíveis. Desse modo, pretendemos não apenas visibilizar sujeitos historicamente silenciados, mas também possibilitar que seu lugar social, no âmbito das várias opressões a que podem estar submetidos, seja sempre situado, no sentido de ultrapassar uma análise simplista dos fatos e de romper com uma pretensa universalidade que exclui, como propõe a filósofa e feminista afro-brasileira Ribeiro (2017).

Conforme já dito, temos um enfoque maior em duas mídias alternativas e independentes - o *Podcast* e a fanzine. Com isso, objetivamos ampliar e democratizar o debate acerca da negritude, numa perspectiva interseccional. Os programas do *Podcast Racionalize* são disponibilizados no *Spotify* e *SoundCloud*, enquanto as fanzines, de mesmo título são impressas e distribuídas para pessoas de nosso convívio social.

A opção pelo título *Racionalize* é uma alusão às palavras “raça”, concebida aqui como uma construção social e política, e “racional” que, do Latim, *rationale*, se refere à faculdade de pensar, compreender. O título não apenas expressa as intenções anteriormente mencionadas, como pretende ser um convite ao

exercício de pensar, debater crítica e reflexivamente questões relacionadas à raça, gênero, classe, etnia e outras.

Há uma interessante passagem de Frantz Fanon (1967, p. 123, citado por KILOMBA, 2019, p. 40), que diz: “Eu racionalizei o mundo e o mundo me rejeitou sob a base do preconceito de cor. [...] Coube ao homem branco ser mais irracional do que eu”. Kilomba complementa esse trecho afirmando que a irracionalidade do racismo é o trauma, o que reforça a necessidade de racionalizar algo que é, aparentemente irracional: o racismo e, evidentemente, seus vários desdobramentos. Assim, entendemos que é preciso falar sobre o trauma deixado pelo racismo e trazer à consciência os prejuízos implantados na memória de quem sofre e de quem pratica.

## Referências

GOMES, Nilma. **O movimento negro educador: saberes** construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

KILOMBA, GRADA. **Memórias da plantação: episódios de** racismo cotidiano. Brasil: COBOGO, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala.** Brasil: Letramento, 2017.

SCHMIDT, Alana. **O que é podcast?** 2008. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/1252-o-que-e-podcast-.htm>>.

Acesso em: 28 de outubro de 2019.

## Qual a influência de Dandara sobre a nossa marca?

### Racionalize

Nessa logo, foi inspirada nos ideais de luta e resistência de Dandara dos palmareiros, mas também em uma série de elementos da cultura afro, como a representação de uma mulher negra com seus cabelos arrumados aos moldes de Angela Davis, as cores quentes em contraste com os terrosos.

Está durante o processo por:

Berlinda Bahiana Mala Silva  
 Erika Jesus Marques Costa  
 Henrique Meyer  
 Luiza Maria Leite da Costa  
 Jureza Espírito de São Oliveira Junior

quero se sentir confortável com o meu Spotify

SoundCloud  
 @soundcloud.com/berlinda-mala-silva  
 @soundcloud.com/erika-jesus-marques-costa  
 @soundcloud.com/henrique-meyer  
 @soundcloud.com/luiza-maria-leite-da-costa  
 @soundcloud.com/jureza-espírito-de-são-oliveira-júnior

### Dandara

Na interseccionalidade de gênero e etnia, o conceito de Dandara é uma perspectiva que aponta para a luta de resistência das mulheres negras, especialmente as mulheres de origem afro-brasileira, que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. A luta de Dandara é uma luta por justiça social e por reconhecimento das suas contribuições para a sociedade.

### Dandara, para sempre Dandara.

Você se foi Dandara e resistiu até o último momento, por ti e pelos nossos também resistiremos, ainda que para isso a morte seja o nosso fim.

#hit\_nara

#SomosTodosDandaras

tu te tornas eternamente responsável pela Dandara que cativas (ou o que quiser)...

Como você sabe, Dandara é Dandara! Ela é a luta por justiça social e por reconhecimento das suas contribuições para a sociedade. Ela é a luta por uma sociedade mais justa e mais igualitária. Ela é a luta por uma sociedade onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde todos sejam tratados com respeito e dignidade.

Henrique Oliveira

DANDARA VIVE DANDARA PRESENTE!

Racionalize Nov. 2019

## Exu nas escolas: mitologias afro-brasileiras, experiências político-pedagógicas

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Maurício dos Santos

**Maurício dos Santos** nasceu em uma encruzilhada em Medianeira – PR, abriu caminho em Foz do Iguaçu na tríplice-fronteira e corre gira pelo Paraguai e Argentina. Costuma ouvir que Exu fala todas as línguas, inclusive pelas de Paulo Freire, Kabengele Munanga e de Allan da Rosa. Costuma ver Exu em todas suas moradas e em lugar nenhum, mas sabe que é em Exu no estado do Pernambuco seu CEP. Costuma tatear Exu na Literatura de Cordel, cheirar Exu na Capoeira, e comer com Exu no Samba, nas Mitologias Brasileiras e no vocabulário “lusó-afro-tupi” do Brasil, ou melhor, conforme Lélia Gonzáles: “pretoguês”, essa é a linguagem de Exu e do Brasil, que tem todo um ABC encruzilhado de Nordeste a Sul, de Leste a Oeste, de dentro e de fora, e expandido em si mesmo. Com o Pajubá, linguagem das ruas LGBTQ+, esse filho de Oxóssi com Oxum é graduado em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana, mestre em Estudos Interdisciplinares Latino-Americanos pela UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e espera ser grão de farofa na tarefa antirracista de colocar EXU NAS ESCOLAS.

---

“Exu brasileiro / Exu nas escolas. Exu nigeriano / Exu nas escolas”

Kiko Dinucci, Edgar, Elza Soares, Exu nas Escolas, Deus é Mulher, 2018.

“Ah mô fio do jeito que suncê tá / Só o ôme é que pode ti ajuda,  
Suncê compra um garrafa de marafo / Marafo que eu vai dizê o nome,  
Meia noite suncê na incruziada / Distampa a garrafa e chama o ôme,

O galo vai cantá suncê escuta / Rêia tudo no chão que tá na hora,  
E se guáda noturno vem chegando / Suncê óia pa ele que ele vai andando  
[...]"

Noriel Vilela, Só O Ôme, Eis o "Ôme", 1969.

**Resumo:** O intento é a partir de referências afro-diáspóricas, sobretudo as afro-brasileiras, ponderar ações antirracistas, sob a insígnia de Exu, divindade mensageira da ordem e da desordem. Igualmente embasados nas perspectivas da “Pedagogia das Encruzilhadas” de Luiz Rufino, propomos as experiências político-pedagógicas de cogitar mitologias afro-brasileiras em ambientes educacionais, como práticas descolonizantes. Por fim, apresentamos um “plano de formação” que esperamos contribuir para a aprendizagem das epistemologias de EXU NAS ESCOLAS.

**Palavras-chave:** Exu; Mitologias Afro-brasileiras; Pedagogia das Encruzilhadas; Descolonidade.

### **Por que exu nas escolas?**

Como corrobora a epígrafe, “Exu nas Escolas”, que é uma composição de Kiko Dinucci e de Edgar e interpretada por Elza Soares, no disco “Deus é Mulher” de 2018, Exu pode ser disposto como uma divindade africana e brasileira mensageira da ordem e da desordem. Uma elocução consagrada a Exu, que nos ajuda a apresentá-lo é: “ele faz da desordem a ordem, e da ordem a desordem” (SILVA, 2015). E por isso o escolhemos, como referência cultural, para pensar ações antirracistas e antimachistas no Brasil. Porque se a ordem versa sob os auspícios da colonialidade no Brasil, na América Latina e em outras localidades do Sul Global (Cf: LANDER, 2005; BOAVENTURA, 2008) a desordem é sinônima desobediente à colonialidade, pois assim como Exu, os/as subalternos/as aferem o avesso dessa ordem e desordem, estabelecida e que ainda segue em “desenvolvimento” (Cf: MIGNOLO, 2008) Ou seja, nessa nossa metáfora, a ordem seria a colonialidade e a desordem a desconialidade e assim como a elocução de Exu, ambicionamos inverter essas perspectivas, a

partir da constatação de que a colonialidade não nos é útil, pois se as referências afro-brasileiras estão fora das escolas, as queremos dentro das escolas, isso é EXU NAS ESCOLAS.

Conduzidos por Catherine Walsh, linguista norte-americana radicada no Equador, conhecida como a “pedagoga da descolonialidade”, mencionaremos a noção de “Interculturalidade Crítica/Pedagogia decolonial”, de 2007, como: “uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização”; que “lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes” (WALSH, 2007:8). Essa perspectiva é uma ação contra colonialidade e visa evidenciar, contrapor e transgredi-la (WALSH, 2007). A pedagogia na perspectiva proposta por Walsh não é tida apenas como transmissão de conhecimento, mas como uma prática política-pedagógica. Walsh cita como inspiração os pensamentos profícuos de Franz Fanon e de Paulo Freire.

Guiados igualmente por Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, e insígnia da Educação Popular, que aqui nos toa com “Pedagogia do Oprimido”, de 1974 [2014], e “Pedagogia da Autonomia”, de 1987. Delas, enfatizamos os seguintes trechos, para reflexionar sobre educação: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, [todos/as] se educam entre si [mediatizados/as] pelo mundo”(FREIRE, 1974 [2014]), e “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1987). Resumidamente, o que a primeira frase quer dizer é que, como bem sintetiza a elocução popular, “ninguém é tão sábio que não tenha algo para aprender e ninguém é tão tolo que não tenha algo para ensinar”. Ou seja, devemos considerar tanto as educações formais quanto as não formais, porque o que nos forma e nos informa resulta dessas experiências relacionais; e sobre a segunda frase, nós acreditamos que é auto explicativa, pois, seja formal ou não, a educação deve contribuir para a produção e construção de conhecimento, e não apenas para a reprodução ou imitação.

A Lei 11.645, de 2012, tornou obrigatória a inclusão da temática da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos currículos dos Ensinos Fundamental e Médio no Brasil. Apesar disso, há ainda dificuldades entre os/as educadores/as e os/as educandos/as em interpelar perspectivas antirracistas (Cf: KABENGELE MUNANGA, 2012), apeteçemos que esse material possa cotizar-se de alguma forma nessa empreitada de conjeturar EXU NAS ESCOLAS.

E, para isso, precisamos nos aproximar de algumas perspectivas que decorrem alternativas em ambientes educacionais, dessas não eurocentralizadas, corroboramos da “Pedagogia, autonomia e mocambagem” de Allan da Rosa de 2013, “Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé” de Stela Guedes Caputo de 2012, e “Pedagogia das Encruzilhadas” de Luiz Rufino de 2019, essa que nos afigura como referência conspícua, já que lhe são eminentes as arestas de Exu.

### **Pedagogia das encruzilhadas**

Como os casos de Exu impetram, sua venera já foi feita, na segunda epígrafe deste escrito, dessa maneira esperamos ter agradado o “Ôme”, pois trataremos da igualmente chamada “Pedagogia de Exu”.

O autor de Pedagogia das Encruzilhadas, de 2019, é Luiz Rufino. É pedagogo e doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, autor de “Histórias e Saberes dos Jongueiros”, de 2014, “Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas”, de 2018, e “Flecha no Tempo” com Luiz Antônio Simas, de 2019. E abrindo caminho, Rufino escreveu “emerge a dimensão do culto à ancestralidade, à metafísica e às tecnologias macumbísticas que forjam um arsenal de ações descoloniais”:

o projeto colonial compreende-se como um projeto de mortandade, calcado na produção do desvio existencial e da aniquilação de saberes. O colonialismo codificou a credibilidade e a edificação do ocidente europeu a partir da pilhagem de corpos negro-africanos e ameríndios. Esse massacre

corresponde a ausência e a descredibilidade inculcada às populações não brancas. Porém, a continuidade da vida enquanto possibilidade - resiliência e transgressão - é produzida pelas populações que foram subordinadas a esse regime a partir das vias do encanto. Assim, emerge a dimensão do culto a ancestralidade, à metafísica e às tecnologias macumbísticas que forjam um arsenal de ações descoloniais que vitalizaram/vitalizam as formas de invenção e continuidade nas frestas (Rufino, 2019:68).

Fundamentado pelo conhecimento popular brasileiro e principalmente pelas religiões afro-brasileiras, aqui nesse ensaio, nos valem sobretudo das muitas e boas metáforas e metonímias e essencialmente da linguagem afro-brasileira que Luiz Rufino demonstra. Para o autor, descolonização e decolonialidade são imbricadas como parte de um mesmo processo (RUFINO, 2019:11), utilizou os termos “descolonização e decolonialidade” como propostas para transgressões, não como subtrações dos efeitos da colonialidade na contemporaneidade.

As encruzilhadas de Luiz Rufino são explicadas de muitas formas: “a encruzilhada é o umbigo do mundo” (2019:17), “a potência da encruzilhada é o que eu chamo de cruzo” (2019: 18), “a encruzilhada é o lugar onde se engole de um jeito para cuspir de maneira transformada” (2019: 69), “a diáspora é uma encruzilhada, acontecimento marcado pela tragédia, mas ressignificado pela necessidade de invenção” (2019:100), entretanto interpretamos, que todas elucidações acenam: “encruzilhadas emergem como disponibilidades [possibilidades] para novos rumos” (RUFINO, 2019:13). Assim, as premissas da Pedagogia das Encruzilhadas são:

1) POLÍTICA, pois assume como problemática ética/estética e ato de responsabilidade a luta contra o racismo anti-negro e a transgressão dos parâmetros coloniais. Essa dimensão está implicada diretamente com a preservação da vida em sua diversidade;

2) POÉTICA, pois emerge a partir e em um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. Ou seja, produzidas como não possibilidades uma vez que são sistematicamente descredibilizadas. A dimensão poética que aqui deve ser lida no cruzo com a problemática epistemológica, revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de

linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade;

3) ÉTICO, implicada com uma das principais demandas a ser vencida na colonialidade, a invenção de novos seres. A dimensão ética perspectiva pela educação revela não um método a ser aplicado para resolução dos dilemas escolares, mas emerge como um ato responsável comprometido com a transformação dos seres. A educação é aqui lida como um fenômeno existencial na articulação entre vida, arte e conhecimento. Assim, a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções que transgridem o desvio existencial e o desmantelo cognitivo inculcado pela ordem colonial (RUFINO, 2019: 20).

Pedagogia das Encruzilhadas, repete-se muitas vezes, evidenciando os/as subalternizados/as, ou o “o povo da rua” como Rufino chama (2019:42). A “Pedagogia de Exu” propõe alguns conceitos, por exemplo, o de “marafunda colonial” que serviria para “dimensionar os efeitos do colonialismo europeu ocidental como uma espécie de maldição e/ou feitiço” contra os subalternos/as (2019: 75). Outro conceito “exusíaco” é “ebó epistemológico”, que se inscreve em raciocinar os ebós/ofereças nas religiões afro-brasileiras, como referência/metáfora para a alternativa/necessidade de “sacrificar” epistemologias coloniais, para reivindicar novas e outras epistemológicas que possam ser encantadas insurgentemente. A respeito de “rolê epistemológico” especificamente Rufino define:

esta noção se configura como a fuga, o giro, a não apreensão de um modo de saber por outro que se reivindica único. Quando esse modo tido como dominante busca o aprender, ele gira - feito no jogo da capoeira - e se lança em outro tempo/espaço, possibilitando sempre o jogo da diferença e da negação (2019:89).

“Para que Pedagogia das Encruzilhadas?”, perguntou Rufino e ele mesmo respondeu, quando escreveu:

incorporar Exu a educação brasileira requer uma pedagogia própria, já que a sociedade brasileira é estruturalmente racista (2019:53). Contou: pergunte a um capoeira como se aprende as artes das gingas e esquivas e possivelmente terá como resposta algo tão desconcertante quanto uma

rasteira. Certa vez, lancei-me à aventura de indagar um velho mestre sobre seus aprendizados e ganhei a seguinte resposta: uma pergunta tão boa dessas não precisa nem de resposta (2019:85).

Mirando, e talvez tentando cruzar, as perspectivas de Rufino (2019) e de Paulo Freire (1974 [2014];1987), podemos compreender que esses já estavam encruzilhados, sendo que um: “acendeu uma vela para Deus e o outro para o Diabo, e se Deus é bom, o Diabo não é mal”. Pois refletimos as obras “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire e “Pedagogia das Encruzilhadas” de Luiz Rufino como experiências político-pedagógicas descoloniais. Elas asseveram que não se pode desconsiderar os conhecimentos e as experiências das classes sociais mais pobres, pois os/as educadores/as devem provocar a criticidade dos/as educandos/as, construindo com paridades possíveis, em busca da efetividade dos direitos humanos, especialmente as criticidades antirracista e antimachista.

E considerando, mais uma vez, interpretações como Lei 11.645 de 2012, mas singularmente a cultura afro-diaspórica transatlântica, propomos a apreciação de 7 mitologias cujo personagem principal é Exu, porque os mitos são maneiras de reflexionar, fazem parte de cosmopolíticas e epistemologias (STRAUSS, [2010]).

### **Mitologias afro-brasileiras**

Mitologias afro-brasileiras quando reflexionadas em ambientes educacionais, funcionam como experiências político-pedagógicas antirracistas, porque colocam EXU e/ou outras insígnias afro-brasileiras NAS ESCOLAS. Esperamos que os/as leitores/as, possam ter tido contato com cosmopolíticas e epistemologias afro-brasileiras. Inspirados pela elocução afro-brasileira: “Exu matou um pássaro HOJE, com a pedra que Exu jogou ONTEM”, interpretamos que, só conseguimos/conseguiremos efetivar políticas públicas antirracistas HOJE, pois

experiências político-pedagógicas antirracistas forem/foram realizadas ONTEM.

1. Exu recebeu a opção de escolher entre duas cabaças. A primeira continha o pó mágico referente aos elementos que positivaram a vida no universo, enquanto na segunda estava outro pó, referente aos elementos que negativaram a vida no universo. Frente ao dilema entre as duas opções, Exu acabou surpreendendo a todos quando optou por uma terceira cabaça, que estava vazia. E assim foi feito: trouxeram-lhe a terceira cabaça, retirou o que havia — o pó mágico referente aos elementos positivadores — e despejou na cabaça vazia, e fez igual com a segunda cabaça — retirou dela os elementos negativadores e os despejou na terceira cabaça —. Então, chacoalhou misturando os dois elementos, e em seguida os soprou a esmo. A mistura em passo acelerado se espalhou por todos os cantos, sendo impossível se dizer o que era parte de um pó ou do outro, mas, agora, um único, um terceiro elemento, que não nem bom e nem mal, mas misturado (RUFINO, 2018:77).

2. Mawu criou as mulheres, mas ele não sabia onde colocar as vaginas. Depois de muitas tentativas, fixou-as sobre as axilas, porém não era um bom lugar, pois seu cheiro ofendia o nariz e as mulheres passaram a levantar os braços para exibi-las. Exu, que nessa época também não tinha um sexo, resolveu ajudar Mawu. Depois de ter consultado Ifá e de realizar as dádivas que ele recomendou. Disse que as vaginas fossem colocadas entre suas pernas, e assim foi feito. Exu desde então, por ter realizado tal façanha, adquiriu o direito de andar por aí com o pênis adquirido a mostra, para que todos/as lembrem que foi Exu, quem ajudou a encontrar o lugar para as vaginas (MAUPOIL, 1943:507).

3. Certo mensageiro andava procurando possíveis dissoluções das enfermidades, pobreza e mortes precoces que incomodavam bichos, minérios, plantas, divindades e humanos/as, esse emissário era chamado de Exu. Exu escutava as peripécias, alegres ou tristes, habituais ou maravilhosas de todos/as e por mais insignificantes que poderiam suggestionar às narrativas, Exu as ponderava e as contemplava. Nessa empreitada ficou cuidadoso ao que os/as indivíduos/as faziam para solucionar as suas dificuldades. E assim, Exu reuniu 201 das narrativas que escutou — 201 que significa na cosmopolítica Iorubá, uma possibilidade infinita de narrações — depois de realizar essa pacientíssima obra, Exu reuniu assim várias possibilidades de enfrentamento das moléstias dos/as bichos, minérios, plantas, divindades e humanos/as. E assim se tornou o mensageiro das peripécias, alegres ou tristes, habituais ou maravilhosas de todos/as. Exu sabe as possíveis dissoluções (SANTOS, 2018).

4. Mawu criou Ayìkúngban, o mundo, e atribuiu funções aos seus filhos. Gun recebeu o poder de forjar os metais para produzir ferramentas de cultivo e guerra. Sakpatá recebeu a primazia de comandar as coisas terrenas e os poderes do sol. Agué foi encarregado das plantas e dos animais das florestas. Sô recebeu o poder de comandar o frio e o calor. Agbê recebeu o poder de comandar os mares. E assim os Voduns, eram centenas, foram ganhando funções. Menos Legbá, também conhecido como Exu, o mais novo, que não ganhou nada e foi zombado pelos/as outros/as. Mandem Legbá trabalhar! Legbá é inútil! Todos/as falavam. Como Exu era criança, permaneceu juntinho de Mawu, agarrado na barra da saia da Grande Mãe. Mawu me ensinou a língua específica de cada Vodun e coube a Djó ensinar o poder da palavra aos homens. Os/as Voduns e os/as humanos/as passaram a usar as suas línguas e aprenderam a dominar as línguas dos/as outros/as. Todos/as se sentiram muito sábios/as. O problema é que todos/as esqueceram da língua de Mawu e perderam a conexão com o princípio da criação. Menos Exu, também conhecido como Legbá, o caçula, que por ser criança não tinha ganhado nada, e por ter ficado ao lado da Mãe, sabia falar a língua dela. É por isso que os Voduns, os/as humanos/as precisam de Exu para falar com Mawu. Só Exu — que foi zombado — tem a capacidade de levar e trazer as mensagens de todos/as até Mawu, para que os Voduns e os/as humanos/as possam entender as dádivas e bel-prazeres da Mãe do Mundo (SIMAS, 2013).

5. Xangô era o prestigioso e temível rei de Oió. Mas não contente solicitou para Exu que ele fizesse um feitiço capaz de somar ainda mais seu poder. E Exu arranhou um feitiço que fazia o fogo sair pela boca. A esposa de Xangô, Oiá também conhecida como Iansã, foi incumbida de buscar o preparado, experimentou durante o caminho e começou a lançar labaredas quando falava. Xangô, irritado brigou com a mulher, que fugiu. Finalmente, quando tomou a poção, Xangô passou a cuspir fogo. E depois de tomarem essa poção, Oyá e Xangô se transformaram em divindades e passaram dividir o bem do fogo (COURLANDER, 1973:79-82).

6. Todas as divindades estavam sobrecarregadas com seus afazeres e Olofin precisava decidir quem cuidaria do destino dos/as humanos/as. Assim, chamou Orunmilá e Iku — Morte — para uma disputa, de quem ficasse três dias sem comer seria o vencedor. Exu foi escolhido para ser o fiscal. Exu era muito amigo de Orunmilá e armou uma armadilha. Assou uma galinha e fingiu que Exu e Orunmilá estávamos comendo. Entretanto, de fato, só Exu comia; Orunmilá apenas sujava as mãos para fingir que comia. Iku, vendo isso, quis participar do banquete e, ao comer a galinha, perdeu a aposta. Orunmilá, vitorioso, tornou-se o orientador dos destinos dos/as humanos/as

(MARTINS, 2005:29). Mas Iku quis uma revanche, e desafiou Exu para um duelo. Iku não respeitava Exu. E Exu não achava certo Iku ficar atormentando os/as humanos/as. Exu estava muito confiante, e aceitou o desafio. E no dia conspícuo se enfrentaram lançando palavras de desafio um para o outro. A peleja foi acirrada, mas Iku conseguiu retirar das mãos de Exu seu Ogó — seu cetro — e iria matá-lo. Se não fosse Orunmilá, que interveio e o salvou. E por isso até hoje dizemos: “ninguém pode tirar a vida da morte”, nem mesmo Exu (COURLANDER, 1973: 63-65).

7. Oxalá pediu a Exu que lhe servisse como refeição, a melhor coisa do mundo. Exu foi até o mercado, comprou língua bovina, preparou e deu ao Velho. Farto de tanto comer, Oxalá aprovou a escolha e para o dia seguinte, solicitou que lhe fosse dado para comer a pior coisa do mundo. Novamente Exu lhe preparou língua bovina. Oxalá não entendeu a repetição do prato até que ouviu a explicação de Exu: “a língua pode ser a melhor ou a pior coisa do mundo, dependendo do seu uso” (MARTINS, 2005:39).

## **Plano de formação:**

### **Experiências político-pedagógicas**

Inspirados nas Mitologias de Exu e principalmente na Literatura de Cordel, especialmente nos “ABCs” que são poemas onde cada estrofe se inicia com uma letra do alfabeto de forma sequencial de A a Z. Infundidos nos “ABCs” do Folclore Brasileiro, como por exemplo: “ABC do Lavrador”, “ABC do Vaqueiro em Tempo de Seca”, “ABC do Boi-Prata”, “ABC de Amores”, “O ABC da Moça Queimada”, “O ABC do Araújo”, “ABC de um Homem Solteiro”, coletados por Sílvio Romero e dispostos no livro “Cantos Populares do Brasil” de 1985, e fundamentados nos “ABC da Capoeira para Crianças”, de Victor Lobisomem Alvim Garcia de 2013, “O Alfabeto Negro”, de Rosa Margarida de Carvalho Rocha, de 2000, e no Projeto Musical “ABC do Samba”, de 2020, que homenageia sobretudo as intérpretes Alcione, Beth Carvalho e Clara Nunes. Fizemos nosso ABC, trata-se do “ABC DE EXU”, esse se vale da linguagem e da estética afro-brasileira, especialmente utilizados por Luiz Rufino em Pedagogia das Encruzilhadas de 2019:

## ABC DE EXU

ABRE CAMINHO, APRENDI NO PÉ DE MÃE,  
AGÔ quero tratar, nesse ABC das encruzilhadas,  
as coisas de EXU, de ATRÁS e de ADIANTE,  
do QUENTE e do FRIO, do CRU e do COZIDO,  
da PEDRA LATERITA VERMELHA;  
BELÉM-BLÉM-BLÃO tinha um chapéu,  
pintado de ARPOADOR,  
e todos os que o viam: ZANGAVAM,  
questionando QUAL ERA A COR?  
BELELÉU;  
CONTAM que EXU,  
tudo o que via: COMIA,  
era um SACO sem fundo,  
E A FOME ERA TAMANHA,  
que até o MUNDO comê-lo-ia;  
DENTRE tantos, EXU teve primazia,  
OXALÁ pediu o MELHOR, EXU serviu LÍNGUA,  
OXALÁ pediu o PIOR, Exu serviu LÍNGUA,  
OXALÁ intrigou-se,  
EXU explicou: “a MELHOR e a PIOR coisa do mundo é a LÍNGUA”;  
EXU recebeu DUAS cabaças,  
uma com as coisas ruins, a outra com as coisas boas,  
e ele só poderia escolher UMA, PARA PRESENTEAR A HUMANIDADE,  
EXU surpreendeu, pegou uma cabaça vazia,  
misturou as duas coisas e soprou pelo MUNDO,  
assim, nada nem ninguém é: somente BOM ou RUIM;  
FOI NA FEIRA que EXU foi convidado por OXALÁ,  
trabalhar na casa dele, receber as oferendas ganhas,  
EXU aceitou, e fazia muito bem, por isso foi recompensado,  
OXALÁ disse: “todos devem pagar alguma coisa a EXU”,  
EXU se tornou o dono da ENCRUZILHADA, e fez dali sua morada;

GINGA é movimento ancestral,  
foi inventado por EXU e é tão antigo como tocar TAMBOR,  
contam velhos, que EXU era o tocador de atabaque dos ORIXÁS,  
mas ele tocava tanto, que enjoaram e pediram para ELE parar,  
depois de um tempo, sentiram SAUDADE e pediram para ELE voltar,  
EXU se recusou a tal, mas benevolente passou o ofício ao HOMEM, OGAN;

HOMEM, MENINO que AMA ou AMOU, EXU vai entender,  
OXUM queria saber os segredos da VIDÊNCIA DE IFÁ,  
EXU era muito amigo de IFÁ, e ENAMORADO por OXUM,  
OXUM pediu os SEGREDOS, EXU aceitou lhe ACLARAR,  
assim OXUM virou SENHORA DO JOGO DE BÚZIOS,  
e EXU seu GUARDIÃO;

INTELIGÊNCIA, INDEPENDÊNCIA,  
são esses dos bel-prazeres de EXU,  
contam que ELE é assemelhado a ANANSE,  
ARANHA, teia, afro-diaspórica, caribenha,  
umbigo recém-nascido, ungido com pó de ARANHA;

JÁ falei das MUMUNHAS de EXU?  
pois bem: é estripulia, é espiral, é inacabado,  
“EXU carrega o AZEITE DE DENDÊ na peneira sem derramar”,  
EXU nasceu antes que a PRÓPRIA MÃE,  
EXU é o FUTURISMO ANCESTRAL;

KETÁ-IGBÁ é a ascendência da CAPOEIRA VADIA,  
é BOBEOU LEVOU, “palavra não se volta atrás”,  
“quem não sabe andar, pisa no massapê e escorrega”,  
CAPOEIRA é corpo fechado e aberto por IGBÁ-KETÁ,  
é FURDUNÇO, coreografias das rotas transatlânticas e de FUGA;

LÁ NA ÁFRICA, ESÚ É ALAKETU,  
no BRASIL, é MENINO ENDIABRADO,  
é ORDEM e DESORDEM ao avesso,  
é o que VAI A BOCA, é o que SAI DA BOCA,  
é o BULIR, rasteira, cabeçada e passa-pé;

MANDEI comprar PAIERO,  
pedi MARAFO igualmente,  
MISTUREI farinha com AZEITE DE DENDÊ e MEL,  
arriei ao lado da QUARTINHA D'ÁGUA,  
BAFOREI no PADÊ: LAROIÊ;  
NUMA MÃO, carrega a CANGIRA,  
na outra mão, carrega a CALUNGA,  
NUMA MÃO, o FALO berrante,  
na outra mão, o FAVO do encanto,  
EXU tem a CABEÇA maior que AS MÃOS;  
O OGAN, quando cacareja: “INA INA MOJUBÁ”,

ele diz, “FOGO FOGO MEUS RESPEITOS”,  
ODARA, a beleza, a felicidade, as coisas boas,  
OKOTO, o espiral, o caracol, o infinito,  
OJISÉ, o mensageiro, o emissário, o portador;

PARA EXU, o princípio do que já foi CRIADO,  
para EXU, a esfera, a fração, a possibilidade,  
PARA EXU, a porteira, o redemoinho, a imprevisibilidade,  
para EXU, o ereto, o compadrio, o sarro,  
PARA EXU, a primeira estrela CRIADA;

QUEIRA TOMAR UM CONSELHO:  
“EXU NÃO CARREGA FARDOS”,  
EXU é o UNIVERSO em EXPANSÃO,  
é EXUBERÂNCIA,  
EXU é TRAMA, é dúvida, EXU é gargalhada;

RALHAM por aí, que EXU é o DIABO,  
EXU é muita coisa, mas DIABO ele não é,  
o carregamento colonial, a marafunda capitalista,  
o desencanto ancestral, o esquecimento futurista,  
RALHAM, mas não conseguiram, encravar o DIABO NA GARRAFA;

SAIBAM que EXU é LAMPEJO, AMARRAÇÃO,  
EXU é “jogo que não se joga só”,  
SAIBAM que EXU é FAÍSCA, DESATADO,  
EXU é “Enugbarijo a BOCA que come e vomita: TRANSFORMAÇÃO”,  
SAIBAM que EXU é ESCULHAMBAÇÃO, REINVENÇÃO;

TRAQUINAGEM, “nasceu na RUA”,  
TUDO, “na HORA GRANDE”,  
TODO, “do lado de fora e do lado de dentro”,  
TENHO, “EXU come, ORIXÁ come”,  
TANTO, “o homem pensa, EXU ri”;  
UM, EXU é +1,  
UM, EXU é 201,  
UM, EXU é 3,  
UM, EXU é INFINITO,  
UM, EXU é ALÁFIA;

VIVE, brincando,  
VAMOS, gracejar igualmente,

dribles, gingas, NEGAÇA,  
VIVE, jogando,  
VAMOS, caminhar igualmente;

WAGI é PÓ AZUL para pintar ENCANTO,  
AZUELADO AFRICANO,  
“NO BRASIL, ninguém é santo”,  
e EXU é SANTO,  
MAS NEM TANTO;

XERETA, EXU SAMBA,  
XINGA a ORQUESTRA,  
XODÓ do CHORO,  
XARÁ do BLUES,  
IEMANJAZZ;

YANGI, SERELEPE,  
SORRATEIRO,  
comunica no SILÊNCIO,  
RISCA O PONTO,  
E cisca o MALDIZER;  
ZUM ZUM ZUM,  
EXU OPANIJÉ,  
ZOMBANDO e ZOMBETEIRO,  
ZELO por fim nesse ABC,  
que EXU SEMPRE TEM QUE FALAR;

Assim, ponderando a “Pedagogia das Encruzilhadas”, as “Mitologias Afro-brasileiras” e o “ABC DE EXU”, queremos apresentar algumas possibilidades que podem ser aproveitadas em ambientes educacionais:

### **Plano de formação**

1) TEMAS E OBJETIVOS: a) diversidade cultural brasileira; b) ações antirracistas; c) ações contra o racismo religioso;

2) METODOLOGIAS: a) verificar os conhecimentos prévios dos/as educandos/as a respeito da cultura afro-brasileira; b) propor a leitura coletiva de “EXU NAS ESCOLAS”; c) fazer roda de

conversa entre educadores/as e educandos/as a respeito da “Pedagogia das Encruzilhadas”, “Mitologias Afro-brasileiras”, “ABC DE EXU”; lançar perguntas possíveis para roda de conversa, conforme o texto: Quem é Exu? O que são encruzilhadas? Por que os conhecimentos afro-brasileiros são importantes para o Brasil? Por que é difícil tratar de EXU em ambientes educacionais? O que compreendeu dessas Mitologias Afro-brasileiras? d) inspirados pelo ABC DE EXU, propor a elaboração de um ACRÓSTICO, que é qualquer composição poética na qual certas letras de cada verso, quando lidas em outra direção e sentido, formam uma palavra ou frase, proponha a atividade considerando os elementos dispostos no texto “EXU NAS ESCOLAS”; e) em seguida indicar o compartilhamento dos ACRÓSTICOS entre os/as educandos/as e educadores/as;

3) RECURSOS DIDÁTICOS: a) educador/a e educandos/as; b) oralidade dos/as envolvidos/as; c) material impresso para compartilhar; d) papel e caneta para a atividade;

4) SUJEITOS ENVOLVIDOS: a) pode-se convidar um/a pai/mãe-de-santo para narrar mais mitologias afro-brasileira; b) essa dinâmica pode acontecer em visita a uma comunidade religiosa afro-brasileira;

5) OUTRAS REFERÊNCIAS: a) nas referências deste trabalho, dispomos os materiais que nós utilizamos e que podem ser úteis para outras experiências; b) indicamos igualmente alguns documentários, disponíveis no YouTube: “A Boca do Mundo: Exu no Candomblé” (2011) de Eliane Coster, duração de 26 minutos; “Dança das Cabaças - Exu no Brasil” (2006) de Kiko Dinucci, duração de 54 minutos; “Exu Rei - Abdias Nascimento” (2017) de Bárbara Vento, duração de 21 minutos.

6) DURAÇÃO DAS ATIVIDADES E AVALIAÇÃO: 90 minutos; a) observar com os/as educandos/as possíveis atitudes antirracistas, especialmente contra racismo religioso, ocorridas durante a atividade, indicamos comentar com os/as próprios/as educandos/as e educadores/as a importância e/ou desejo de que sejamos todos/as antirracistas;

## 7) BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DE OLIVEIRA FERNANDES, Alexandre. Espirais da linguagem de Exu: por uma filosofia do Òkòtó. Revista Espaço Acadêmico, v. 18, n. 207, p. 04-15, 2018.

Alaketu Re Ketu Bara Exu Máaloó,  
Alaketu Re Ketu Bara Exu Máaloó  
Rei de Ketu, É o Exu do Povo de Ketu, Exu Irá Embora,  
Rei de Ketu, É o Exu do Povo de Ketu, Exu Irá Embora

## Referências

ABC do Samba. Virada Sustentável. 2019. Disponível em: <<https://www.viradasustentavel.org.br/atracao/abc-do-samba>>.

Acesso em: 17 de maio de 2020.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Pallas, 2012.

COURLANDER, Harold. Tales of yoruba gods and heroes. New York: Crown, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Victor Lobisomem Alvim Garcia. **ABC da capoeira para crianças**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2013.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: Editora WMF Martins Fontes**, 2013.

Kabengele Munanga: A educação colabora para a perpetuação do racismo. Portal Geledés. 2012. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo/>> Acesso em: 17 de maio de 2020.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**.

CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**, tradução de António Marques Bessa. Lisboa, Edições, v. 70, 2010.
- MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. Pallas Editora, 2015.
- MAUPOIL, Bernard. *La géomancie à l'ancienne Côte des Esclaves*. Paris: Institut d'Ethnologie, 1988.
- MENESES, Maria Paula. Epistemologias do sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 5-10, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF-Dossiê: Literatura, língua e identidade**, v. 34, p. 287-324, 2008.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Alfabeto Negro*. [ilustrações Ana Raquel]. **Belo Horizonte: Mazza Edições**, 2000.
- ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro: Cantos populares do Brasil, tomo 1-2**. José Olympio, 1954.
- ROSA, Allan Santos da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro, 2013.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula Editorial, 2019.
- SANTOS, Mauricio dos. **"Kosi Falá, Kosi Orixá", Língua-de-santo: uma linguagem afro-brasileira**. 2018. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos – IELA. Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: o guardião da casa do futuro*. **Rio de Janeiro: Pallas**, 2015.
- SIMAS, Luiz Antônio. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros**. MV Serviços e Editora LTDA-Mórula Editorial, 2013.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memorias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

## **Glossário**

AGÔ: licença;

OXALÁ: divindade da paz, do pano branco, da velhice;

ENCRUZILHADA: caminhos cruzados;  
OGAN: homem autoridade religiosa afro-brasileira;  
IFÁ: jogo divinatório; divindade da adivinhação;  
OXUM : divindade das águas doces, das mães, da sagacidade;  
ANANSE: aranha mítica da afro-diáspora;  
MUMUNHAS: manha;  
KETÁ-IGBÁ: terceira cabaça, um dos nomes de Exu;  
ALAKETU: rei de Ketu, um dos nomes de Exu;  
ESÚ: o mesmo que Exu;  
QUARTINHA: vaso de barro, usado em cerimônias afro-brasileiras;  
PADÊ: cerimônia consagrada a Exu;  
LAROIE: saudação a Exu;  
CANGIRA: nome dado ao lugar onde se cultua Exu;  
CALUNGA: vários sentidos, calunga grande é o mar, calunga pequena é cemitério;  
INA INA MOJUBÁ: cantiga, cuja tradução pode ser “fogo, fogo, meus respeiros”;  
ODARA: belo, um dos nomes de Exu;  
OKOTO: caracol, infinito, um dos nomes de Exu;  
OJISÉ: mensageiro, um dos nomes de Exu;  
AMARRAÇÃO: feitiço;  
ENUGBARIJO: a boca que tudo come, um dos nomes de Exu;  
ALÁFIA: que assim seja, expressão afro-brasileira;  
NEGAÇA: iludir;  
WAGI: pó africano de cor azul;  
IEMANJAZZ: nome de um grupo musical brasileiro;  
YANGI: Exu jovem, um dos nomes de Exu;  
OPANIJÉ: pode ser traduzido como “te mato, te como”, expressão afro-brasileira;

2

## Chuvas femininas





## TransForma App

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Josefina de Fátima Tranquilin Silva  
Diego Francisco Ferraz

**Josefina de Fátima Tranquilin Silva**, mulher cisgênera, heterossexual e branca; Dra. em antropologia, pesquisadora das questões de gênero, professora universitária, coordenadora do app TransForma, presidenta do Comitê de Direitos Humanos e Cidadania de Sorocaba e Região/COMDHUC, conselheira da Associação Transgênero de Sorocaba/ ATS. É pesquisadora do Instituto Ritmos do Pensamento (Sorocaba) e faz parte dos grupos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade/UFSCAR/Sorocaba.

**Diego Francisco Ferraz**, homem cisgênero, etnia parda, bissexual. Pesquisador das questões de gênero e sexualidade. Fundador e designer do aplicativo TransForma. Formado na Universidade de Sorocaba (UNISO) no curso de bacharelado em Design, e especialização em Design Gráfico.

---

#### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimen to/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	O aplicativo TransForma foi gestado em um trabalho de conclusão do curso de Design Gráfico do, então, aluno Diego Ferraz, na Universidade de Sorocaba/UNISO. Esse trabalho o levou a criação de um protótipo de aplicativo
---	--

---

---

informativo e educacional, a fim de contemplar as “travestigeneres”, que vivem as sucessivas violações de direitos, que as vulnerabilizam. Assim, as “sujeitas” da pesquisa foram as mulheres transgêneras, transexuais e travestis, moradoras da cidade de Sorocaba. Depois do TCC aprovado em banca, as Thara Wells, Márcia Fernanda e Fabia Ferraz, sujeitas de nossa pesquisa, nos solicitaram que o *app* fosse efetivado. Convidamos o programador de aplicativos de celular, Fernando Valcazara, também ex-aluno do curso de Design, para programar o aplicativo e lançamos a primeira versão, somente para Android, no dia 29.01.2017, Dia da Visibilidade Trans. Em 2018, lançamos a segunda versão, incluindo a plataforma IOS. Em 2019, viemos com a terceira versão e, com ela a inclusão de geolocalização, onde os usuários podem colocar sua localidade para facilitar o acesso aos grupos de apoio de sua cidade.

O *app* se constitui por meio de uma linguagem simples, de fácil entendimento, que indica a pensar sobre algumas características analíticas de cisgeneridade e heterocisnormatividades, propondo-as como relevantes para as reflexões sobre as diversidades dos corpos e de identidades de gênero, assim como,

---

---

para ser um espaço de construção de narrativas das juventudes.

O app tem seu conteúdo formado com foco em segurança – endereçado, principalmente, às “tranvestigeneres” – educação e informação, trazendo dois grupos de ferramentas. O primeiro grupo é composto por ferramentas mais formais, como: “Emergência” e “Grupos de apoio”. O segundo grupo de ferramentas permite o acesso aos conteúdos científicos e informativos, assim como, consente uma maior interação entre os usuários: “Histórias”, “Conceitos”, “Árvore Binária”, até 2019 havia no *app* somente a árvore binária. Como muitas pessoas entraram em contato conosco, solicitando a árvore não-binária, a versão quatro colocamos a Árvore Binária (este “e” supõe binários e não binários.) – onde consta com várias identidades de gênero binárias e agora não binário. Este espaço é de caráter lúdico e informativo e, como última, ferramenta tem-se “Gírias LGBTIQ+”.

Então, o TransForma App é um aplicativo, educacional, informativo e ativista, que propõe por meio de conceitos, leis, histórias etc. contribuir com a formação educacional, levar informação, promover a visibilidade e a luta contra a violência aos direitos humanos, sofrida principalmente pelas pessoas trans (travestis, mulheres trans,

---

---

homens trans, transgêneros binários ou não), assim como pela população LGB. A Associação Transgênero de Sorocaba/ATS compõe o TransForma. É importante ressaltar que o TransForma não tem fins lucrativos e é mantido de forma voluntária e colaborativa. Qualquer pessoa pode nos escrever e fazer críticas a todo o conteúdo do *app*. Essas críticas são estudadas e se for o caso, mudaremos o conteúdo a partir delas. Qualquer pessoa que queira trabalhar conosco, de forma voluntária, também pode *entrar em contato, pelas redes sociais*:

*FACEBOOK:*

<https://www.facebook.com/TransFormaApp/>

*INSTAGRAM:*

<https://www.instagram.com/transformaapp/>

Ou pelo site:

<http://www.transformaapp.com.br/>

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Temas ligados ao universo LGTBIQ+, principalmente ao universo Trans
<b>Objetivos</b>	O TransForma App é um aplicativo educacional, informativo e ativista, que tem como objetivo contribuir com a formação educacional, levar

---

---

informação, promover a visibilidade e a luta contra a violência aos direitos humanos, sofrida principalmente pelas pessoas trans (travestis, mulheres trans, homens trans, transgêneros binários ou não), assim como por toda a população LGBTQ+

---

Nosso conteúdo é formado por:

**HISTÓRIAS:** Neste espaço você conhecerá vivências, perspectivas e realidades de pessoas trans.

**CONCEITOS:** Os principais conceitos sobre gênero, árvore binária e um dicionário LGBTQ+.

**GRUPOS DE APOIO:** Instituições que acolhem afetivamente pessoas LGBTQ+ que necessitem de ajuda em sua região.

**Conteúdos/sequência didática a ser abordada**

**LEIS:** Conheça os seus direitos quando o assunto for discriminação ou violação dos direitos humanos. Esta ferramenta é a mais complicada do *app*. Nossa tentativa foi colocar todas as leis a respeito da comunidade LGBTQ+, mas, é difícil de atualizar e mais difícil ainda que as pessoas entendam as leis, uma vez que essas possuem uma linguagem muito jurídica. Sonhamos com um (a) (e) voluntário (a) (e) da área de direito, para colaborar conosco. Além de fazer uma busca para atualizarmos todas as leis, ainda poderá deixá-la em uma

---

---

linguagem mais acessível.

NOTÍCIAS: Receba em seu celular (em notificações) eventos, cursos e notícias relacionadas ao universo LGBTQ+.

ÁRVORE BINÁRIE: Aqui há um teste de caráter lúdico, para os seguidores entenderem, na prática, os conceitos de sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual ou de gênero, descobrindo as múltiplas identidades de gênero existentes. A cada resposta, uma nova informação.

DICIONÁRIO LGBTQ+: Uma das principais formas de inclusão social é a comunicação, por isso acreditamos que esta ferramenta é muito importante.

EMERGÊNCIA: Ligado ao 190. Serve para lembrar aos usuários que todo cidadão tem direito a segurança.

Tentamos deixar o aplicativo bem didático, mas, como este assunto é muito difícil de ser explanado, ainda mais dentro de um espaço de *app*. Sugerimos que os educadores utilizem a forma lúdica, em sala de aula para abordar o assunto: teatro, performance, dança, bonecos de pano, fotografia, sons... De forma lúdica os adolescentes e as juventudes se divertem e aprendem.

---

---

---

**Duração da  
atividade/formação  
(mensurar em dias,  
semanas, meses)**

Estamos na plataforma Google desde nosso surgimento em 2017 e na plataforma iOS desde 2018.

Muitas são as atividades que podem ser pensadas a partir do aplicativo. Ele pode servir como base de pesquisa ao conteúdo sobre sexualidade e gênero, por exemplo. Se utilizado para lançar o conteúdo, pode ser de forma lúdica (como explicado acima), rodas de conversas, fabricação de cartazes, jogos de palavras, interpretação teatral, ou mesmo os estudantes e educadores lendo o conteúdo e explanando sobre eles, sempre dando voz aos estudantes. Acreditamos que o aplicativo tem conteúdo para ser trabalhado durante algumas semanas.

---

**Procedimentos  
metodológicos**

O nosso objetivo é que o *app* seja uma plataforma de formação e depois dela, uma plataforma de consulta diária. Nesse sentido, além das alternativas acima descritas os educadores podem desenvolver nos estudantes o hábito de ver o aplicativo. Todos os dias ele pode ser aberto em sala de aula e aleatoriamente, escolher uma das abas e trabalhar nela alguns minutos. Falar sobre as dicas de entretenimento, ler uma das histórias, etc.

Quando o educador conseguir se sensibilizar com a luta do TransForma,

---

---

**Recursos didáticos  
(meios digitais e  
físicos para  
realização)**

ele, certamente, conseguirá criar estratégias metodológicas para utilizá-lo.

Seria lindo se recebêssemos das escolas, os trabalhos feitos com os estudantes, a partir do *app*. Podíamos até pensar em uma aba, para fazer referência a eles.

---

Normalmente utilizamos recursos digitais para nossos conteúdos.

Na aba História, quando a pessoa não quer escrevê-la, temos uma estagiária de jornalismo que faz a entrevista e escreve a história. Esta somente é publicada depois do “aceite” do entrevistado. Quando a pessoa é de fora da cidade de Sorocaba, enviamos a entrevista por e-mail ou pelo *whatsapp*.

Quem faz os conceitos é Josefina Tranquilin Silva, doutora em antropologia e pesquisadora das questões de gênero, que faz parte da nossa equipe. Todos os conceitos que fazem parte do *app* são de base científica e adaptados para a linguagem simples do TransForma.

A árvore binarie, primeiramente, foi elaborada pela pesquisadora e depois validada por uma pessoa trans, não binária Augusto Neves, também grande estudiosa das populações trans.

Para a divulgação do TransForma usamos as redes digitais, assim como, distribuímos panfletos em eventos LGBTQ+, para militantes ou não.

---

---

Quando o *app* for utilizado por educadores, os materiais podem ser os mais diversos possíveis como reutilizar roupas doadas para criar personagens que se colocam no lugar do outro (principalmente transgênero), papéis que vão para a reciclável, garrafas pets para fazer os bonecos, enfim... qualquer material que se queria usar de forma criativa, dará certo.

---

As pessoas diretamente envolvidas com o aplicativo, são:

Josefina de Fátima Tranquilin, pesquisadora e doutora em antropologia. Responsável pelo conteúdo de gênero e sexualidade.

Diego Ferraz, designer. Responsável pela parte visual do *app*, dos conteúdos digitais e impressos.

**Sujeitos/as  
envolvidos/as**

Giovanna Loureiro Abbate, estudante de jornalismo. Responsável pelas redes digitais e publicidade.

Tom Valczara, designer e programador. Responsável por toda parte de programação e assistência sobre o aplicativo.

-----

---

---

A profa. Josefina Tranquilin poderá ajudar nas atividades que os educadores pensarem em fazer.

Mandando uma mensagem em seu e-mail: [tranquilinfina@gmail.com](mailto:tranquilinfina@gmail.com)

---

Desde o seu nascimento, o app TransForma teve como parceiro a Associação Transgênero de Sorocaba (ATS). Em janeiro de 2020, criou-se na cidade de Sorocaba o Comitê de Direitos Humanos e Cidadania de Sorocaba, no qual a profa. e pesquisadora Josefina Tranquilin é presidenta, desta forma, a parceria com o aplicativo já está estabelecida.

### **Parcerias/articulações**

Gostaríamos muito de termos como parceiros empresas que realmente levem a sério a diversidade de gênero e sexualidade, ou seja, empresas que tenham um programa de diversidade, que realmente estejam preocupadas com a vida das pessoas trans e não somente com o lucro que o *app* pode lhes trazer. Estamos precisando muito de um profissional da área de marketing para conversar com este tipo de empresa e propor que elas financiem o *app*. Como trabalhamos de forma voluntária, não temos tempo de nos dedicar como deveríamos e queríamos. Se conseguíssemos pagar o designer para trabalhar somente conosco, seria um sonho.

Além das empresas, também estamos abertos a parcerias com ONGs,

---

direitos humanos.

Nosso sonho, seria crescer, principalmente, em termos financeiros e fomentar pesquisas, lançar editais, enfim... um grande sonho!

As escolas que utilizarem o TransForma para fins didáticos, podem inclusive, entrar em contato com as ONGs sobre direitos humanos e/ou direitos LGBTQ+ e promoverem bate papo, rodas de conversas, palestras com as pessoas destas instituições, a partir do conteúdo do App. Os filmes e séries indicados no *app* podem ser vistos juntamente com as pessoas destas instituições e os educadores e estudantes podem promover debates com as pessoas das instituições.

Podem também convidar os empresários para assistir algo que os estudantes tenham feito e eles seriam os transmissores de conhecimento aos empresários, que podem levar os estudantes nas empresas para mostrar o trabalho e o quanto eles estão desconstruindo seus preconceitos em relação à sexualidade e gênero.

Enfim....estamos a inteira disposição para discutir mais ideias com todos da Educação formal e popular. É só entrar em contato.

---

---

**Alcance que a proposta teve/pode ter**

Desde de criação e lançamento do aplicativo em 2017, não imaginávamos o quão distante ele chegaria começamos ver o crescimento quando recebemos a primeira história de um casal trans do Belém do Pará, logo recebemos outro e-mail de uma pessoa de Portugal querendo saber se teria como baixar o *app* lá. (atualmente o aplicativo é disponível apenas no território nacional).

O Alcance começou a crescer organicamente no primeiro ano, apenas com o *facebook* e com as pessoas compartilhando com seus amigos. Em 2019, na versão 3.0 chegamos a cadastrar mais de 20 cidades pelo Brasil, sobre instituições proLGBTIQ+.

Logo em junho do mesmo ano (2019), tivemos a ideia de criar o *instagram*, um novo meio de comunicação que está em alta atualmente pelos jovens e usuários. Foi então que o aplicativo cresceu muito mais, e muito mais rápido com as divulgações, em janeiro deste ano (2020) lançamos a versão 4.0, hoje com mais de 50 cidades e 12 estados pelo Brasil cadastrados.

Hoje (05.10.2020) temos 815 seguidores no *facebook*, e 1.761 seguidores no *instagram*. Nossos maiores seguidores vêm do estado de São Paulo, porém o Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza são os estados alcançados também.

---

	<p>O público varia entre as idades de 18 a 34 anos, tendo um bom engajamento com idades entre 25 e 34 anos, eles representam em torno de 75% do nosso público.</p> <p>As postagens são 4 por mês, variando entre os temas de: entretenimento (dica de filme, livro, série, documentário lgbtiq+), institucional (coisas de dentro do aplicativo como uma palavra do dicionário lgbtiq+ ou uma questão sobre gênero e sexualidade), notícia (atualizando com uma informação relevante sobre o mundo lgbtiq+ do mês) e história (é postado uma história nova de pessoas trans). Todo domingo uma postagem no facebook e sendo replicada no instagram.</p>
<p><b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b></p>	<p>O TransForma pode e deve ser utilizado em sala de aula. Acreditamos que todas as disciplinas da área de humanas e sociais podem utilizá-lo. Acima demos algumas dicas de atividades e conexões entre disciplinas, instituições e entidades.</p>
<p><b>Formas de Financiamento</b></p>	<p>Não temos financiamento, mas, sonhamos em sermos financiados pelas parcerias com as empresas que lutam a favor da diversidade sexual e de gênero</p>
<p><b>Formas de Avaliação</b></p>	<p>A única forma de <i>feedback</i> que utilizamos é através da avaliação das plataformas <i>google play</i> e <i>apple store</i>, onde os usuários podem avaliar o aplicativo e comentar. Levamos muito</p>

---

em consideração essas avaliações para melhorar cada vez mais, e sendo um *app* colaborativo, também encontrar pessoas dispostas em ajudar.

---

### **Materiais didáticos e referências**

Nosso conteúdo mais conceitual é adaptado de pesquisas científicas, divulgadas de forma digital, como Google acadêmico, Scielo e instituições como ONU e UNESCO.

A ONU possui um vasto material, assim como cartilhas, vídeos. É só entrar no google e colocar ONU LGBTIQ+, e um imenso material bem confiável será encontrado.

Fizemos poucos processos formativos. Normalmente, fazemos slides e usamos *power point*. Não temos material próprio a não ser folders para divulgação. Usamos o próprio *app* quando vamos fazer este tipo de atividade.

---

### **Breve relato sobre a sistematização da experiência**

Nos anos de 2017 e 2018, conversamos muito sobre esta experiência, pois era início do *app* e tínhamos muitos questionamentos. Na verdade, começamos tendo como nosso público ideal as pessoas trans, principalmente aquelas que estão em maior vulnerabilidade social, a partir de entrevistas em profundidade com algumas mulheres trans de Sorocaba. Mas, ledo engano. Depois de um tempo, percebemos que não conseguimos atingir estas pessoas, pois a preocupação delas não é contar a própria história, não é saber os conceitos

---

---

nem as leis que as protegem. A preocupação delas é sobreviver. Só isso. Então, percebemos que quem mais nos seguiam eram pessoas da comunidade LGBTQ+, as pessoas cis, que são simpatizantes à luta aos direitos humanos, as juventudes de forma em geral, e as pessoas trans, binárias ou não, que não estão em vulnerabilidade social, apesar da violência física e psíquica que sofrem.

Bom, em termos de linguagem, estamos ainda tentando acertar. As pessoas trans com conhecimento das pesquisas e estudos, nos fazem críticas severas. Não gostam da linguagem de todo *app*, porque é binária e colonial; muitas vezes fazem críticas aos conceitos, dizendo que não estão corretos. Nossa experiência nos diz que não podemos definir os conceitos de forma científica, apesar de basearem-se na ciência porque temos que deixar simples para atingir quem não tem formação sobre as questões ligadas à sexualidade e identidade de gênero. Quanto à linguagem não binária, ainda vivemos um impasse. Na verdade, gostaríamos de ter as duas linguagens no *app* todo, ou seja, deixaríamos a linguagem binária e acrescentaríamos a neutra. Dessa forma conseguiríamos lutar por uma linguagem neutra, junto com as pessoas não-binárias, que se sentem representadas por esta linguagem,

---

---

assim como, conseguiríamos nos comunicar com quem não a conhece e, para além disso, passarão a conhecê-la. Porém, ainda é muito difícil de transcrever a linguagem binária para a neutra. Precisamos de ajuda para isso. Não temos braços para tal coisa, infelizmente!!! Dessa forma, devemos registrar que é super importante deixar claro que somos voluntários e que o *app* está aberto para qualquer pessoa que queria nos ajudar.

Também podemos falar que as redes digitais são fundamentais para o conhecimento, compartilhamento das coisas que postamos, assim como, para as pessoas baixarem nosso aplicativo.

Quanto ao design do aplicativo, também sistematizamos a nossa experiência e mudamos várias vezes. No lançamento, pensamos em usar as cores da bandeira trans, criada pela ativista de direitos das pessoas trans Monica Helms, em 1999, rosa e azul. Logo na versão 2.0, o ano em que começamos a falar em não-binário, fizemos a junção das duas cores e nasceu o lilás/roxo, e deixamos por 2 anos, na segunda e terceira versão. Hoje (2020), na versão 4.0 para trazer uma leveza aos usuários levando em consideração os *feedbacks*, estamos utilizando o rosa, lilás e azul, as três cores em forma de degrade, assim além da leveza e deixar o aplicativo mais *clean*

---

---

(limpo), trouxe ao usuário a experiência de objetividade e navegação pelo *app*, junto aos botões das principais ferramentas que são encontradas logo que aberto o aplicativo.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

Entender que as pessoas trans, tanto as que vivem em vulnerabilidade como as que não, precisam muito do nosso apoio. Inúmeras vezes nos pediram socorro, em mensagens *offline*, nas redes digitais. A Fina Tranquilin é que fica responsável responder, sempre passando seu *whatsapp* particular.

Com o TransForma e a proximidade que ele nos trouxe das pessoas trans, binárias ou não, aprendemos que somos seres humanos melhores quando somos amados, amadas e amades por travestis, transexuais, transgêneros e todos, todes e todas os, as, es, corpos, corpas e corpes chamados (as) (es) de inconformes pela cisnormatividade compulsória.

---

**Observações em geral**

Acreditamos que o aplicativo TransForma é uma ferramenta muito importante na ajuda ao combate da LGBTQ+fobia, pois podemos levar informação e educação para todas, todos e todes, principalmente, às pessoas cis e hétero. Acreditamos que a educação é uma das maiores formas para se combater a ignorância e preconceito que as pessoas podem ter sobre qualquer coisa, sobretudo sobre as pessoas da comunidade LGBTQ+. Levando a informação de forma objetiva

---

e correta, minimizamos, pelo menos, os preconceitos sofridos por essa comunidade.

---

**Saúde da população jovem LGBT:  
a experiência de atuação junto a um grupo de jovens no bairro  
Novo Recanto, Sobral – CE**

---

**PLANO DE FORMAÇÃO**

Andressa Gregório

**Andressa Gregório**, feminista, cearense, assistente social, especialista em saúde da família e trabalhadora do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) em Natal-RN.

---

**Vinculação da pesquisa**

O presente relato de experiência surge como uma síntese do processo de realização de uma pesquisa-ação, executada por mim, quando estava vinculada a Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia (Sobral - CE) e a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), por meio da 13ª turma de Residência Multiprofissional em Saúde da Família.

As principais motivações para a realização da pesquisa-ação foram a ausência de ações voltadas para a saúde da população jovem e LGBT no território; a fragilidade na construção de vínculos entre o serviço de saúde e os/as jovens; e a minha trajetória acadêmica e política, que já tinha um envolvimento com as temáticas de gênero e juventude.

## **Objetivo**

O principal objetivo da pesquisa-ação foi construir um espaço de discussão sobre gênero e diversidade sexual, estabelecendo sua relação com a saúde, junto às/os jovens da Companhia Marshall, no Bairro Novo Recanto, em Sobral – Ceará.

## **Caracterização dos/as participantes (Cia Marshall)**

A Cia Marshall se caracteriza por ser um grupo de jovens voltado para a dança que existe a cerca de três anos no território do bairro Novo Recanto, em Sobral - CE. Referenciados pelo estilo musical do Pop, os/as jovens se reúnem pelo menos três vezes por semana, para ensaiar, planejar ou executar ações/apresentações desenvolvidas pelo grupo.

O grupo é composto por 13 jovens, 9 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com faixa etária entre 16 e 21 anos. No que diz respeito a orientação sexual, 8 se afirmaram homossexuais, 2 se afirmaram lésbicas e 3 se apresentaram como heterossexuais. Com relação a identidade de gênero todos/as se reconhecem enquanto cisgênero.

Nos momentos iniciais de aproximação com o grupo foram perceptíveis que as demandas apresentadas pelos/as jovens têm grande relação com a dimensão da saúde, mesmo que eles/as não percebessem. A maioria dos/as participantes vivenciam situações de conflitos familiares, uma vez que a família não aceita sua orientação sexual. Esse é o principal fator causador de sofrimento mental para esses jovens, inclusive, alguns, trazem as marcas da autolesão como exemplo disso. A preocupação com padrões de beleza também é um elemento presente. Ademais, foi possível perceber que nos espaços coletivos as mulheres do grupo são mais retraídas que os homens e têm mais dificuldade de se expressar.

Para além dessa realidade de iniquidades vivenciadas pelos/as jovens, o grupo se configura como um espaço de promoção de saúde, não só pela questão da dança, mas também pelo fato de ser

um coletivo que proporciona socialização, construção de vínculos, acolhimento, acesso a debates. A dança, a vivência coletiva e a organização no grupo, se apresentam para esses/as jovens como um refúgio e como uma abertura para outras possibilidades.

## **Metodologia**

A fase interventiva da pesquisa foi realizada no período de setembro de 2017 a fevereiro de 2018 e teve como território de atuação o bairro Novo Recanto, localizado na Cidade de Sobral-CE.

A proposta metodológica do projeto foi realizar rodas de conversas e oficinas sobre temáticas relativas a gênero, diversidade sexual e saúde, com a juventude que se organiza no grupo, referenciadas pela educação popular e conduzidas por meio de metodologias ativas, por entender que a juventude traz o elemento da dinamicidade, exigindo, assim, formas criativas de trabalho.

Foram realizados seis momentos com os/as jovens da Cia Marshall, sendo eles em ordem cronológica: 1) Roda de conversa sobre patriarcado e relações sociais de gênero; 2) ensaio fotográfico; 3) Oficina de muralismo; 4) Roda de conversa sobre saúde da população jovem LGBT; 5) Oficina de Teatro do oprimido; 6) Tenda do conto. Ao longo desses momentos, buscou-se desenvolver um espaço orientado pelos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde, como: o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular, ao dialogar com a realidade dos/as jovens, proporcionando um momento de interação de saberes.

## **Detalhamento das ações**

### **• Roda de conversa sobre patriarcado e relações sociais de gênero:**

A primeira roda de conversa realizada com o grupo teve como tema as relações sociais de gênero e patriarcado. Pensou-se em

começar com a discussão sobre essa temática por entender o patriarcado enquanto sistema que estrutura a sociedade tanto no que diz respeito as relações de desigualdade entre homens e mulheres, quanto entre heterossexuais e LGBTs. Além disso, a Cia Marshall é um grupo misto, ou seja, composto por homens e mulheres que vivenciam as relações sociais de gênero de diferentes formas por conta de seu sexo.

O objetivo da roda de conversa foi discutir sobre as implicações das desigualdades entre homens e mulheres, bem como a construção social do masculino e do feminino, possibilitando perceber as compreensões que os/as jovens tinham sobre a temática, bem como as expressões disso no seu território e em suas vidas.

Como afirmamos anteriormente, utilizamos como metodologia para as rodas de conversa, o Círculo de Cultura, envolvendo os três momentos propostos pelo método: investigação temática do universo vocabular, tematização e problematização.

Inicialmente busquei extrair o universo vocabular dos/as jovens a respeito da temática. Para isso, propomos a construção de um painel, subdividido em três colunas, em que os/as jovens deveriam levantar palavras que caracterizassem cada uma. Na primeira coluna estava escrito: *“a sociedade que temos”*; na segunda: *“a sociedade que queremos”*; e na terceira: *“Como fazer para passar da sociedade que temos para a sociedade que queremos?”*.

O enfoque da construção do painel estava voltado para a temática discutida no momento, ou seja, deveria trazer as características das relações sociais de gênero. Ao fim desse momento de levantamento do universo vocabular, obteve-se a construção do seguinte painel:

A sociedade que temos	A sociedade que queremos	Como fazer para passar da sociedade que temos para a sociedade que queremos?
Trabalho doméstico para as mulheres	Igualdade	Lutando
Coisa de menino e coisa de menina	Respeito	Cobrando os governantes
Brinquedos	Humildade	União
Cores	Inclusão	Confiança/auto confiança
Machismo na escola	Representatividade	Trabalho de base
Alienação	Segurança	Organização
Julgamento moral das mulheres	Políticas públicas eficientes	Derrubando padrões
Mulheres como objeto	Conscientização	
LGBTfobia	Família mais próxima	
	Mais oportunidades	

As palavras levantadas representam o conhecimento prévio dos/as participantes. A conversa entre eles/as fluiu de forma natural e a cada palavra ou termo levantado se seguiam exemplos do cotidiano vivenciados pelos/as mesmos/as. Não são elementos que estão distantes de suas vidas. Talvez, por conta disso, consigam expressar com mais facilidade. Partir dos elementos que constituem as suas realidades se mostrou essencial para construção do diálogo, por fazê-los perceber que tinham algo a contribuir com o debate.

A segunda parte do momento consistiu na tematização e na problematização, que buscou aprofundar o debate a partir das palavras e termos levantados no primeiro momento. A partir de cada palavra foi se construindo o debate a respeito da sociedade patriarcal e sua influência na vida dos/as jovens, buscando também possibilidades de transformações do contexto vivido.

A maior parte da discussão girou em torno dos temas: machismo na família, machismo na escola e nas profissões, mercantilização e objetificação do corpo da mulher e LGBTfobia.

Ao avaliar todo o percurso da roda de conversa percebemos que apesar da temática ter sido sobre machismo, as mulheres foram as que menos se colocaram e menos falaram. Como culturalmente nos é negado esse espaço da fala, não estamos acostumadas a ficarmos a vontade ao falar em público. Por isso, é muito importante a construção de espaços como esses, para que as mulheres exerçam essa sua capacidade e percebam que tem com o que contribuir. Apesar de exercerem menos a dimensão da fala, foram as mulheres que mais prestaram atenção e mais demonstraram interesse no debate.

De um modo geral, a roda de conversas foi permeada por muitos risos e brincadeiras entre os/as participantes, o que mostra o bom vínculo estabelecido entre os/as mesmos/as, mas também houve muitas conversas paralelas, que por consequência atrapalharam o processo.

Ao final, solicitamos que de formal oral eles/as fizessem uma avaliação do momento. As avaliações foram positivas. Mas o interessante foi perceber que eles utilizaram também esse momento para autoavaliar as suas participações e posturas durante a atividade, inclusive identificando que reproduziram comportamentos machistas por, em alguns momentos, não terem dado tanta atenção a fala das mulheres. Isso já nos fez perceber que o debate gerou pelo menos alguma inquietação.

### • **Ensaio fotográfico**

A proposta de realizar o ensaio fotográfico surgiu atrelada a ideia da oficina de muralismo. Como o intuito da oficina era fazer um grafite, por meio da técnica do estêncil, com a imagem do grupo, sentiu-se a necessidade de realização do ensaio como precedente desse outro momento. Além do mais, era uma forma de construir registros do grupo de forma mais profissional.

Para que o ensaio acontecesse, estabelecemos a parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, Juventude, Esporte, Lazer (SECJEL), vinculada a Prefeitura de Sobral – CE. Por meio da

SECJEL foi possível a liberação, através de ofício, de um profissional que se disponibilizou a fazer o trabalho. Apresentamos o projeto para o fotógrafo, bem como a intencionalidade do ensaio. Vale salientar que o profissional em questão se identifica como um homem transexual, o que proporcionou maior interação no desenvolver do momento.

O ensaio fotográfico aconteceu em um sábado e todas as decisões a respeito de sua realização foram tomadas pelos/as jovens da Cia Marshall, desde o horário, ao local e o figurino.

As expressões e as posturas escolhidas demonstravam bem a identidade do grupo. Era nítido o quanto o ensaio foi importante e significativo para o grupo. Era um desejo antigo do grupo que não havia se concretizado devido à falta de condições financeiras. Essa importância se expressou também nas avaliações do momento. Durante todo o processo, os/as jovens externaram, seja verbalmente ou não, o sentido e a relevância do momento para eles/as. Foi importante perceber, como coisas simples podem interferir positivamente na vida dos/as sujeitos/as e como faz toda a diferença realizar uma intervenção que faça sentido não só para o/a pesquisador/as e/ou profissional, mas também para os/as participantes. Pra eles/as a fotografia do grupo representou afirmação de uma identidade.

#### • **Oficina de muralismo**

A oficina de muralismo sucedeu ao ensaio fotográfico. A intenção era usar as fotografias produzidas no ensaio como base para a oficina. Para esse momento firmou-se a parceria com o artista Marquinhos Abu, grafiteiro há 28 anos e integrante do Coletivo Aparecidos Políticos. A proposta de realizar o muralismo com a imagem dos/as integrantes do grupo partiu do artista. O mesmo já desenvolve um projeto, chamado Muntu, que visa estampar a identidade dos/as moradores/as de periferias nos muros dos bairros em que residem. Muntu é uma palavra que tem

origem na filosofia africana e que significa a constituição do ser humano em sua identidade e sua história.

Fazer um muralismo com a imagem dos/as jovens nas paredes do bairro, representa essa demarcação, enquanto pessoas que existem e resistem naquele local. O território é assim um espaço que possibilita a construção e afirmação dessa identidade. Uma das jovens chegou a reforçar:

[...] e isso é uma forma da gente resistir também, o grafite ainda é marginalizado, porque as pessoas não entendem como arte, a dança também é. E nesse processo que a gente vive tão difícil, que é golpe por cima de golpe, resistir com a nossa arte é uma luta constante, principalmente quando a gente demarca o nosso território, quando diz: *olha ali é a Marshall. Ali eu tenho poesia na parede.* (Lilás)<sup>1</sup>.

A oficina aconteceu em um final de semana, no espaço da Estação da Juventude e durante os dias de oficina contou-se com a contribuição e presença da coordenadora do equipamento social.

Em um primeiro momento o facilitador fez uma conversa com os/as jovens, em que abordou os fundamentos políticos de sua atuação e a metodologia da oficina.

A técnica utilizada na oficina foi a do estêncil. Essa é uma técnica do grafite, que consiste na aplicação de desenhos ou até mesmo fotografias através do uso de tinta sobre moldes que podem ser feitos de forma artesanal com papel ou outros materiais.

A proposta era fazer um estêncil de grande escala, ou seja, em tamanho real. O processo foi bem cansativo, pois, como os moldes eram muito grandes, exigiam bastante trabalho e tempo. Entretanto, os/as jovens permaneceram até o fim durante os dois dias.

O muro escolhido para o muralismo foi o da Estação da Juventude, segundo eles porque: “aqui é o lugar que a gente se reúne, que é a nossa cara” (Púrpura).

---

<sup>1</sup> As cores representam os nomes fictícios dados aos/as jovens em referência ao arco-íris da bandeira LGBT.

A intencionalidade dessa ação era dar maior visibilidade a Cia Marshall no território em que ocupam, bem como, proporcionar a construção de meios, através do estêncil, para que os/as jovens propaguem seu trabalho, suas identidades e suas ideias. Buscou-se também possibilitar que os/as jovens posteriormente dessem continuidade ao que aprenderam nos dois dias de oficina.

Foram nesses momentos de oficina que senti que, aos poucos, ia deixando de ser uma estranha. As conversas fluíam com mais facilidade e percebia-se uma maior abertura, proporcionada pela informalidade do momento.

As avaliações dos/as jovens foram muito positivas. Só pelo fato de permanecerem até o fim durante os dois dias, mesmo com o cansaço, já é um indicativo de que a atividade lhes interessava. Além disso, no momento da avaliação da oficina, também aproveitaram mais uma vez para avaliar o ensaio fotográfico.

Eu queria aproveitar o momento para agradecer sobre o ensaio fotográfico. Acho que não teve esse agradecimento, e eu tava esperando esse momento pessoalmente pra agradecer. Eu acho que todo mundo ficou muito realizado. Só de ver a foto ali eu tava em tempo de chorar. É uma coisa que todo mundo já sonhou e tá tendo essa possibilidade de realizar. É muito legal a gente ver a nossa foto ali no muro. Estar falando da gente. Em nome da Marshall queria agradecer por esse momento. (Lilás).

Falas como essa nos fazem concordar que promover saúde diz respeito também à dimensão subjetiva e social dos/as sujeitos/as. Ao levarmos em consideração a integralidade dos indivíduos e suas relações com o meio social, reconhecemos seus afetos, sonhos, vontades, que também devem servir como fundamentos para a atuação dos/as profissionais de saúde.

#### • **Roda de conversa sobre saúde da população jovem LGBT**

O momento da roda de conversa sobre saúde da população jovem LGBT foi um dos pontos centrais da pesquisa. A atividade ocorreu na sala de reuniões do Centro de Saúde da Família (CSF)

do bairro Novo Recanto e contou com a participação de sete jovens. Propus ao grupo que o momento acontecesse no CSF justamente para que fossem se habituando àquele local, reconhecendo-o como um espaço que eles/as também devem ocupar.

Iniciamos o momento com uma dinâmica que pretendia discutir os preconceitos vivenciados pela população LGBT na sociedade patriarcal e heteronormativa. Colamos pequenas tarjetas nos rostos de cada jovens em que estava escrito: “LGBT”, “mãe/pai de um LGBT”, “jovem”, “prostituta”, “profissional de saúde”, “HIV positivo”. Os/as jovens deveriam interagir durante um tempo, demonstrando a tratativa que teriam com cada uma dessas pessoas. Nas paredes da sala estavam as seguintes tarjetas: “Centro de saúde”, “trabalho”, “escola/faculdade”, “festa”, “casa”, “motel”, “rua”, “igreja”. Através dessa interação eles/as deveriam determinar o local que cada sujeito ocuparia.

Como resultado da dinâmica eles/as definiram que o espaço do/a LGBT era a festa, da prostituta era o motel, da/o mãe/pai de um LGBT era a casa, do jovem era a escola/faculdade, do profissional de saúde era o trabalho e da pessoa HIV positivo era o Centro de Saúde. As tarjetas que indicavam os espaços da rua e da igreja não foram escolhidas como locais de nenhum dos sujeitos. A dinâmica foi utilizada para introduzir o debate, fazendo referência a questão dos estigmas existentes na sociedade.

Para aprofundar a discussão, nos utilizamos de frases geradoras, que abordavam as dimensões da juventude e da diversidade sexual. Distribuimos as frases pelo chão da sala e cada jovem deveria escolher uma e trazer seu entendimento, opinião e comentário sobre a frase escolhida. As frases foram: 1) “Que tua juventude não canse e que tua voz não cale”; 2) “O meu afeto te afeta?”; 3) “O amor é uma coisa linda demais pra ficar escondida no armário”; 4) “Não há cura para o que não é doença”; 5) “O amor é um ato político”.

As frases geradoras provocaram um longo debate entre os/as jovens, que focaram em suas compreensões e vivências no que diz

respeito à temática da diversidade sexual, com centralidade na questão das contradições existentes no contexto familiar.

Ao fim dessa etapa de discussão sobre as frases geradoras, senti a necessidade de fazer mais alguns questionamentos aos/as jovens sobre assuntos que não surgiram durante as falas, sendo eles: como é ser LGBT no bairro Novo Recanto? Como eles/as identificavam que deveriam ser as ações da saúde para a população LGBT? Já haviam frequentado alguma vez o CSF do Novo Recanto? Sabiam quais profissionais atuavam no CSF?

A maioria declarou que frequentava raramente, apenas para atendimentos pontuais com profissionais da medicina ou dentista. O CSF ainda é considerado um espaço estranho para esses/as jovens. Não tinham conhecimento da totalidade dos/as profissionais do serviço. A maior novidade para eles/as foi saber que existia um psicólogo na equipe, foi perceptível o interesse por saber sobre o atendimento psicológico na unidade, demonstrando assim, que talvez essa seja a maior demanda desses/as jovens no que diz respeito a saúde, o que contraria a maioria das políticas de saúde, tanto para a população jovem, quanto para a população LGBT, que focam na perspectiva da saúde sexual. O grupo também demonstrou interesse pelas atividades grupais desenvolvidas no CSF e chegaram a perguntar se havia algum grupo de LGBTs. Os questionamentos e as surpresas demonstraram a falta de acesso à informação, por parte dos/as jovens, sobre as atividades realizadas na unidade.

Para concluir o momento de roda de conversa sobre saúde da população jovem LGBT, distribuí entre eles/as papéis de blocos de notas e solicitei que os/as jovens escrevessem recados que gostariam de dizer para os/as profissionais de saúde, já que não foi possível a presença da equipe no momento. As mensagens sintetizaram o desejo dos/as jovens na garantia do acesso à saúde.

## • Oficina de Teatro do Oprimido

A oficina de teatro do oprimido foi proposta com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de potencialidades nos/as jovens, bem como de fazer com que expressassem por meio do teatro do oprimido a realidade vivenciada pela população LGBT. Para o momento, contou-se com a parceria do Profissional de Educação Física que também é membro da turma XIII da Residência Multiprofissional em Saúde da Família de Sobral – CE. A atividade aconteceu em uma quinta-feira à noite, na sede da Estação da Juventude e estavam presentes tanto os/as jovens que compõem a Cia Marshall, como também outros/as jovens do bairro que não são organizados em nenhum grupo.

Iniciamos o momento pedindo que os/as jovens escrevessem em uma folha de papel, qual significado eles/as atribuíam à palavra “corpo”. Tanto no teatro, quanto na dança, o corpo e o entendimento que temos sobre ele são elementos fundamentais.

Passado esse momento inicial, o facilitador propôs aos/as jovens alguns exercícios de aquecimento, antes de dar início aos jogos do teatro do oprimido propriamente ditos.

Os pontos principais da oficina foram dois jogos teatrais desenvolvidos com o grupo: o teatro fórum e o teatro jornal.

Para a metodologia do Teatro Fórum, solicitou-se a participação que três jovens que iriam contribuir com a construção de uma cena. A orientação era que a cena deveria consistir em uma situação de conflito. Com base nisso, os/as jovens tinham a liberdade de escolher qual situação e como iriam encená-la. A cena escolhida pelos jovens envolvia uma relação conflituosa entre um pai, uma mãe e um filho, tanto por conta da sexualidade do filho, quanto pelo interesse do mesmo em dançar. Apesar de não ter sido delimitado um foco para a escolha da cena, a dimensão da sexualidade e da dança surgiram quase que espontaneamente entre eles, atingindo assim, o objetivo do teatro do oprimido, que é fazer com que os sujeitos/as tragam suas opressões para a cena.

Em certo momento, o facilitador solicitou que paralisassem a cena e questionou aos espectadores o que eles/as fariam caso vivenciassem a situação. Os posicionamentos foram bem diversos, e o importante do teatro fórum é essa questão de perceber os diversos olhares e atitudes dos/as sujeitos/as para uma mesma situação.

O último exercício desenvolvido na oficina foi o Teatro Jornal, que consiste em uma técnica simples que possibilita a transformação de notícias em cenas teatrais. O facilitador orientou que os/as jovens se dividissem em dois grupos. Em um grupo ficaram os/as jovens da Cia Marshall, e no outro os/as demais jovens do bairro. Solicitou-se que cada grupo formulasse uma notícia que posteriormente deveria ser encenada. As notícias formuladas por cada grupo foram as seguintes:

“26 de outubro de 2017. Cia de dança Marshall declara e informa nota de lançamento do *tour* internacional 2018 em parceria com a Cia de dança Royal Family. Ademais, Rihanna confirma para a imprensa o contrato de cinco anos com seus bailarinos oficiais.” (notícia formulada pelo grupo composto pela Cia Marshall).

“Nessa terça-feira, foi encontrada certa quantidade de droga muito alta em uma casa no Complexo do Alemão e dentro da casa foi encontrado um cadáver. Juntamente com as drogas e após a análise da perícia foi constatado que a pessoa que foi a óbito, foi vítima de overdose.” (notícia formulada pelo grupo composto pelos demais jovens do bairro Novo Recanto).

Após a encenação das notícias, os/as próprios/as jovens começaram a compará-las. Um deles chegou a afirmar: “olha a diferença: uma é a expectativa e a outra é a realidade” (Dourado). O jogo teatral nos fez perceber a distinção entre os/as jovens que estão organizados/as em um grupo para os/as demais. Os/as jovens da Cia Marshall conseguiram elaborar uma notícia positiva, que condiz com suas aspirações, mesmo levando em consideração os exageros. A organização no grupo permite a eles/as vislumbrar possibilidades, construir aspirações. Enquanto isso, a notícia elaborada pelo outro grupo, reproduz uma realidade presente na grande maioria dos territórios periféricos. A organização em grupo

possibilitou, nesse momento, que esses/as jovens conseguissem enxergar para além dessa realidade cruel.

A utilização da metodologia do Teatro do Oprimido nos permitiu extrair dos/as jovens informações essenciais sobre o processo de opressão que vivenciam. Apesar disso, a atividade consolidou-se como um momento leve, alcançando, por meio da arte, as concepções de mundo, sentimentos e vivências. Sem o uso dessa metodologia ativa seria bem mais difícil ter acesso a essas informações.

### • Tenda do Conto

A Tenda do Conto é uma metodologia participativa que permite, em sua essência, discutir histórias de vida, visões de mundo, bem como identificar os afetos, significações, subjetividades e determinantes sociais que permeiam o processo de saúde dos/as participantes.

O interesse em realizar a Tenda do Conto junto aos/as jovens participantes da pesquisa, surgiu com o intuito de fortalecer os vínculos entre a pesquisadora e o grupo, bem como entre os seus membros. A proposta era de estimular o exercício da alteridade, enquanto capacidade de se colocar no lugar do/a outro/a, buscando assim, fortalecer a empatia entre o grupo. Além disso, como foi o último momento interventivo da pesquisa, pensou-se em utilizar-se da Tenda do Conto como momento de culminância da pesquisa.

O momento aconteceu em uma quarta-feira à noite, no Centro de Saúde da Família do Novo Recanto e foi a etapa da intervenção que contou com a maior participação dos/as jovens.

Por entendermos a importância da ambiência, decoramos o local de forma que proporcionasse aos/as jovens a sensação de receptividade e para que se sentissem à vontade durante o momento. Retiramos as cadeiras da sala, estendemos panos coloridos pelo chão, deixamos apenas uma cadeira ornamentada no espaço e no ambiente ecoava uma música de fundo para proporcionar o acolhimento.

Antes de dar início ao momento em si, fizemos alguns acordos entre o grupo. Acordamos a importância de ficar em silêncio e escutar quando o/a outro/a estiver falando, não fazer julgamentos e o comprometimento de que as coisas socializadas no momento ficariam apenas entre o grupo.

Solicitamos que os/as jovens trouxessem algum objeto que os/as representassem, que simbolizassem suas histórias de vida ou que de alguma forma lhe trouxessem lembranças. Durante a realização, de um por um, os/as jovens se dirigiam à cadeira decorada, apresentam o objeto que haviam trazido e socializavam o seu significado.

Exercer a capacidade de escuta durante esse momento nos proporcionou não só conhecer de forma mais aprofundada a história desses/as jovens, mas também levantar dados fundamentais que se relacionam com a saúde da população jovem LGBT.

As falas, de uma forma geral, foram carregadas de significados. Algumas demonstravam afetos, outras traziam a leveza de memórias alegres e outras situações de sofrimentos. Mas a maioria dos/as jovens trouxeram objetos que remetiam a simbologia da Cia Marshall, afirmando a forte identidade do grupo e a influência em suas vidas.

O momento de uma forma geral foi bem intenso e marcado por momentos de descontração e emoção. Construir espaços de diálogo e escuta como a Tenda do conto, confluuiu para a possibilidade da afetação por meio do encontro com o/a outro/a.

### **Avaliação da ação**

A realização de uma pesquisa intervenção voltada para os aspectos da saúde da população jovem LGBT se mostrou como um grande desafio, principalmente pelo fato de que, ainda hoje, se têm poucas formulações teóricas a respeito da temática, bem como também poucos exemplos de atuações dos serviços de saúde voltados para esse público.

Como na educação popular o processo de construção do conhecimento é uma via de mão dupla, socializo a síntese dos aprendizados construídos a partir da interação com os/as jovens da Cia Marshall: 1) É preciso ser como um/a jovem para atuar junto a juventude. Não em uma perspectiva cronológica/biológica, mas no sentido de imergir e compreender as realidades vivenciadas, para assim estabelecer uma atuação condizente e não hierarquizada entre adultos e jovens; 2) As relações de classe, “raça”/etnia e gênero se mostraram mais imbricadas do que nunca; 3) O grupo se configura como um espaço de promoção de saúde; 4) A política de saúde e seus profissionais têm muito a aprender com a aproximação desses/as jovens; 5) Vínculo se constrói a partir do momento que o/a pesquisador/a ou o/a profissional se coloca em uma posição de igualdade; 6) Os/as jovens têm muito o que falar, mas existem poucos espaços de escuta; 7) O patriarcado e a LGBTfobia influenciam na saúde das pessoas, seja física ou psicologicamente; 8) A família, comumente entendida como um espaço de cuidado, também pode se configurar como uma instituição geradora de sofrimento. 9) A dança é um refúgio que possibilita a esses/as jovens vivenciarem um espaço em que possam ser que realmente são. Quem dera que todos os outros espaços da sociedade fossem assim, e que esses/as jovens não precisassem de um refúgio; 10) Não existe neutralidade na ciência.

O processo de rememorar essa experiência possibilitou o resgate de memórias afetivas construídas ao longo da ação, bem como reavivou a relevância de sua existência, no sentido de demonstrar que é possível desenvolver ações de saúde com a juventude que levem em consideração as temáticas que os/as afetam. Além disso, ações como estas podem e devem extrapolar a dimensão da saúde e serem desenvolvidas pelas demais políticas sociais, inclusive a educação, tendo as instituições de ensino como locais estratégicos, em que a discussão de gênero e sexualidade deveria aparecer de forma transversal em seu currículo.

## Projeto Educação e De(s)colonização

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Jonas Mateus Ferreira Araujo

**Jonas Mateus Ferreira Araujo**, bixa nordestina, ensaiando formas de agir no mundo que desconstruam as colonialidades. Construindo minha identidade indígena desde o território de nascença, e na rua me gritam negro. Professor de português brasileiro na rede básica de ensino no estado do Ceará, bacharel em Serviço Social, especialista em Ensino de Literatura e mestre em Estudos Latino-Americanos.

---

#### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	As atividades aqui apresentadas e propostas são caracterizações de algumas atividades realizadas pelo Projeto Educação, Gênero e Sexualidade (PEGS), que esteve ativo de 2015 à 2017 na EEEM Liceu de Iguatu Dr. José Gondim e pela experiência de intercâmbio que realizei na Colômbia entre outubro e dezembro de 2019, na Universidad de Antioquia (UdeA), sob a supervisão da professora Angela Emilia Mena Lozano, facilitando nesse processo
--	--

---

---

dois minicursos na Faculdade de Educação da mesma universidade: “Cada vez que doy un paso el mundo se sale de lugar’: pensando prácticas decoloniales de educación popular” e “Portugués básico: un abordaje de(s)colonial” e a oficina: “Practicas Descolonizadoras de Educación Popular” no Centro de Estudos e Investigação Docentes, instituição do Sindicato dos Professores do estado de Antioquia.

As atividades apresentadas dentro da tabela possuem maior relação com as ações do PEGS e as que aparecem ao final estão mais relacionadas com as desenvolvidas no intercâmbio. Elas não aparecem em ordem de realização, recomenda-se que caso a atividade vá ser desenvolvida essa escolha possa ser feita de acordo com a realidade local.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	O projeto aborda temáticas sobre as relações de gênero, sexualidade, raça e classe.
<b>Objetivos</b>	Abordar de maneira articulada a forma como as relações de gênero, sexualidade, raça e classe se apresentam objetivando a superação dessas opressões em diversos espaços educativos (escolas, coletivos, ONG, movimentos sociais, associações comunitárias, etc);

---

<p><b>Conteúdos /sequência didática a ser abordada</b></p>	<p>ATIVIDADE 01: Muralismo</p> <p>ATIVIDADE 02: Roda de Conversa</p> <p>ATIVIDADE 03: Cine debate</p>
<p><b>Duração da atividade/ formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b></p>	<p>ATIVIDADE 04: Oficina de Cartazes</p> <hr/> <p>ATIVIDADE 01: Entre 6 e 8 horas, a depender do tamanho da superfície a ser pintada.</p> <p>ATIVIDADE 02: Normalmente cada roda de conversa demorava entre 01 e 02 horas.</p> <p>ATIVIDADE 03: A depender do vídeo e do tempo destinado para o debate (uma hora é uma boa sugestão).</p> <p>ATIVIDADE 04: entre 30 e 40 minutos, a depender no nível de discussão que já exista sobre o tema, ela pode ser feita inclusive a partir de alguma das discussões propostas nas outras atividades.</p>
<p><b>Procedimentos metodológicos</b></p>	<p>ATIVIDADE 01: Essa atividade em questão foi realizada na EEEM Liceu de Iguatu Dr. José Gondim no ano de 2016 pelo Projeto Educação Gênero e Sexualidade (PEGS) como uma das atividades da primeira Semana da Diversidade e Relações de Gênero. Na ocasião, primeiro realizamos uma palestra no auditório, com um pouco mais de 100 estudantes, a palestra tratava de temas relacionados ao projeto e a ideia era que antes da atividade prática, pudesse haver uma roda de conversa, cine-debate, ou alguma outra atividade formativa sobre o que se pretendia pintar. Após o debate na palestra, foi apresentado alguns exemplos de imagens sobre muralismos feitos por movimentos</p>

---

sociais, associações comunitárias e outras experiências de resistência na América Latina. A apresentação das imagens foi feita com o intuito de mostrar a diversidade de possibilidades de pinturas e o compromisso com sua intencionalidade transformadora, antes mesmo da preocupação com a estética do que é “belo”. Se possível, fazer antes uma breve introdução sobre Comunicação Popular. Em seguida, foi perguntado quem teria interesse em participar da proposta que funcionaria da seguinte forma.

1. Os estudantes saíram do auditório e se reuniram em grupos de mais ou menos 10 pessoas nas salas de aula e ali desenharam em folhas a proposta de desenho que teriam que fazer na parede, como se tratava de uma escola, um espaço público, e com uma temática envolvida, foi importante acompanhar o processo de criação.

2. Após esse momento foi distribuído o material para a pintura e eles foram para os muros, projetaram os seus desenhos ainda pequenos em tamanho maiores, detectaram dentro do grupo quem queria desenhar, se mais de uma pessoa iria fazer isso, e a pintura foi feita de forma coletiva. Cada um pintou um pouco. Mesmo sem antes terem experiência em muralismo, conforme havia informado antes de realizar a atividade.

ATIVIDADE 02: Essa atividade aconteceu durante todos os anos do projeto, tendo encontros semanais e as vezes quinzenais a depender das demandas, por isso é importante pensar que a frequência dos encontros vai depender de acordos coletivos com as pessoas que participam. Com o passar do tempo,

---

---

foi percebido que os/as jovens não conseguiam realizar leituras em casa com a frequência dos encontros, pois uma parte trabalhava, outra não tinha muito o hábito da leitura e algumas pessoas preferiam apenas escutar. De modo que adotamos a prática de ler nos encontros, nos organizávamos em círculos para quebrar um pouco da rotina da sala de aula e suas fileiras e garantir também que estávamos nos vendo, olho no olho. Fazíamos leituras paragrafadas, cada pessoa lia um parágrafo e avançávamos a medida que avaliávamos necessário ou fazíamos pausas para comentar o texto, principalmente trazendo experiências das nossas vidas para compor a discussão, tensionando inclusive as relações escolares! Normalmente introduzíamos o espaço com uma mística com músicas, poemas, vídeos, e partíamos para a discussão, ou muitas vezes tendo essas fontes como o ponto central da discussão. O importante a ser dito é que é necessário escutar, ver e sentir verdadeiramente o grupo ali, caso contrário pode virar mais um espaço sem humanidade com viés meramente conteudista.

ATIVIDADE 03: Não realizávamos com boa frequência o cine debate, às vezes debatíamos vídeos nos encontros semanais, mas algumas outras organizávamos no auditório levando até 3 turmas, aproximadamente 120 pessoas. No drive que aparece no link também é possível encontrar o link do LGBTFlix, do AfroFlix e da Cinemoteca Popular Brasileira, com um vasto acervo de filmes. Outros Planos de Formação também apresentam sugestões de filmes.

---

ATIVIDADE 04: É importante que as pessoas se sintam à vontade para construir o material. A criação pode ser baseada em assuntos discutidos anteriormente, em algum acontecimento local, demandas que surgem, etc. Um exemplo de atividade que realizamos no projeto foi um cartaz simples feito numa folha de papel A4 com os dizeres “jogue o seu preconceito aqui”, uma seta apontada para baixo e as cores da bandeira LGBT compunham as letras. Colocamos os cartazes abaixo de todas as lixeiras da escola e a atividade gerou muito debate. A proposta é que essa seja uma atividade de livre criação, onde cada pessoa se expresse da sua forma, criando estilos de letras, usando recortes, pintando...

---

**Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)**

ATIVIDADE 01: Pincéis, tintas, papel, lápis. A depender do tipo de tinta usado pode ser necessário solvente para limpar os pincéis.

ATIVIDADE 02: Textos, Projetor, Computador, Xérox (O material pode ser substituído pela leitura dos textos no próprio celular, a depender da realidade em questão).

ATIVIDADE 03: Computador, projetor e tela de projeção, ou parede, ou pano branco para projetar o filme.

ATIVIDADE 04: Papel, cartolinas, papel madeira, lápis, giz de cera, pincéis ou outro material desejado para colorir.

---

**Sujeitos/as envolvidos/as**

ATIVIDADE 01: A depender de onde a atividade vá acontecer, é importante contactar as pessoas responsáveis pelo espaço, coordenadores, diretores, etc. Informá-los sobre a realização da

---

---

atividade, e na medida do possível, solicitar materiais, como foi o caso da ação feita pelo PEGS. As pessoas envolvidas, de fato, foram os/as estudantes, que se propuseram a desenvolver uma atividade que até então não possuíam experiência, nem aparente habilidade, apenas confiaram em si porque alguém confiou neles/as.

É recomendável que a atividade possa acontecer de maneira articulada com outras experiências ou organizações do bairro, da cidade, para essa atividade especificamente não contamos com o apoio de ninguém externo, mas sempre buscávamos construir redes de colaboração com coletivos, movimentos sociais e ativistas da cidade.

ATIVIDADE 02: A atividade aconteceu como quase sempre com maioria de estudantes, eram raros os casos onde os/as professores/as sem envolviam. Pensando em realizar a atividade fora de espaços institucionais, é válido considerar a escolha de textos mais curtos, fluidos e que se aproximem o máximo possível das dimensões de classe, raça, sexualidade e gênero das pessoas que participarão da atividade.

ATIVIDADE 03: A atividade variou, ora acontecendo com um grupo menor de 15 pessoas, ora com um auditório de 120 lugares lotado.

ATIVIDADE 04: A atividade foi realizada com estudantes, mas está livre para públicos diversos.

---

**Parcerias/  
Articula-  
ções**

ATIVIDADE 01: É recomendável que a atividade possa acontecer de maneira articulada com outras experiências ou organizações do bairro, da cidade. Para essa atividade, especificamente, não contamos com o apoio de ninguém externo, mas sempre

---

---

buscávamos construir redes de colaboração com outras instituições, coletivos, movimentos sociais e ativistas da cidade.

Uma ação importante de acontecer e que pode ser útil para várias iniciativas é buscar mapear as possíveis parcerias que existem na cidade, no bairro, em cidades vizinhas e até mesmo na região, pois a depender da proposta, tudo pode ajudar. Rádios, coletivos, associações comunitárias, grêmios estudantis, movimentos sociais, ativistas diversos e também instituições estatais que se demonstrem abertas ao diálogo.

ATIVIDADE 02: As mesmas recomendações da atividade 01 são válidas para aqui.

ATIVIDADE 03: As mesmas recomendações da atividade 01 são válidas para aqui.

ATIVIDADE 04: As mesmas recomendações da atividade 01 são válidas para aqui.

---

**Alcance  
que a  
proposta  
teve/pode  
ter**

ATIVIDADE 01: A atividade do muralismo contou com a participação direta de, mais ou menos, 30 pessoas e indireta de mais 1.000, pois esse era o número de estudantes que frequentavam a escola diariamente, além dos servidores e possíveis visitantes.

O alcance pode ser maior dependendo de onde a atividade for realizada, vias públicas acabam tendo maior visibilidade, como os muros externos da escola não possuíam boa localização, nos tocou fazer internamente.

---

ATIVIDADE 02: As rodas de conversa normalmente tinham entre 7 e 15 pessoas, o que é um bom número porque garante que um maior número de pessoas possa falar, podendo ter até 20. Em casos com mais gente, é bom pensar em dividir em mais grupos e ver sempre uma ou mais pessoas para mediar a discussão.

ATIVIDADE 03: Para além do quantitativo mencionado antes, é importante mencionar que algumas estudantes levaram os filmes para ver com suas famílias, ou comentaram com elas sobre as discussões.

ATIVIDADE 04: O grupo de estudantes, que costumava variar, e a escola toda teve acesso ao resultado porque ele foi exposto em todas as salas e em algumas partes do corredor. Parte da comunidade escolar também tinha acesso quando visitava a escola.

---

**Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material** Esses são temas que podem ser abordados em todas as disciplinas, pois além das discussões que as áreas de humanas podem realizar, é fundamental não esquecer que as disciplinas de ciências exatas igualmente lidam com humanos na sala de aula e suas questões de raça, classe, gênero e sexualidade afetam diretamente na aprendizagem.

---

**Formas de Financiamento** No caso das atividades e do projeto em questão, contávamos com o apoio financeiro da gestão, então recomenda-se que os espaços institucionais possam ser ocupados e disputados, pois o direcionamento que a verba pública tem também é político.

---

---

Caso as atividades sejam realizadas em espaços não institucionais, ou sem renda específica para as atividades, podem ser pensadas campanhas coletivas de arrecadar fundos. As sugestões apresentadas precisam ser pensadas desde cada realidade, cada pessoa e/ou grupo pode avaliar o que mais se aproxima das possibilidades concretas de materialização das formas de financiamento.

- Financiamento coletivo através dos sites.
- Rifas, pedágios, participação em eventos de outras organizações para a venda de comidas, bazares;
- Livro de ouro;
- Mensalidades dos/as participantes;
- Busca de editais para submissão de projetos;
- Articulação com partidos de esquerda que possam financiar projetos sem necessariamente exigir cooptação;

---

**Formas de Avaliação**

Considerando que toda atividade precisa ser avaliada, é importante que esse momento não seja para julgamentos, e que as pessoas possam se sentir à vontade para falar, então a depender do entrosamento com o grupo, talvez seja o caso de fazer uma avaliação por escrito. Rodas de conversa onde as pessoas possam expressar sua voz, desejos e sentimentos oralmente também são espaços muito potentes.

---

**Materiais didáticos e referências**

Algumas discussões realizadas na pesquisa “De leiga à rainha, cada dia mais destruidora: o Projeto Educação, Gênero e Sexualidade e o Liceu de Iguatu” que analisa experiências e impactos do projeto podem servir de apoio, também encontrará mais material de apoio com cartilhas, artigos e outras referências para subsidiar o debate

---

---

	no	link: <a href="https://drive.google.com/drive/folders/10UAK5cKq7rnfMp8BdnKsHkkeuNgVGArU?usp=sharing">https://drive.google.com/drive/folders/10UAK5cKq7rnfMp8BdnKsHkkeuNgVGArU?usp=sharing</a> .
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>		Relembrar as experiências desse projeto e das ações que aparecem adiante foi doloroso em alguns momentos, por ter que reviver situações traumáticas, mas também foi revigorante por recompor e organizar neste material essas experiências de resistência.
<b>Quais aprendizagens a experiência proporcionou</b>		Um trabalho mais detalhado sobre as aprendizagens pode ser encontrado no meu Trabalho de Conclusão de Curso que foi uma pesquisa-ação sobre essa experiência. Ele pode ser encontrado no link do drive acima.
<b>Observações em geral</b>		

---

As ações desenvolvidas na Colômbia aparecem juntamente com as do PEGS pela semelhança de abordagem e temática, podendo se complementarem facilmente.

### **Oficina de história de vida**

Essa oficina pode ser pensada para introduzir espaços de cursos, aulas, etc ou para processos auto descobrimentos. No caso em questão, ela foi usada ao final de um minicurso como forma de perceber o quão inseparáveis são as relações de classe, raça, gênero e sexualidade, bem como para mostrar a importância de reconhecermos como essas relações nos atravessa, em que lugar nos situam socialmente, etc. Os materiais produzidos podem ser

lidos e discutidos, caso as pessoas se sintam à vontade para compartilhar.

### **Orientações para oficina de história de vida**

Perguntas que cruzam categorias de estruturação de nossa sociabilidade: essas são perguntas para motivar a reflexão e o recomendado é construir uma narrativa a partir delas, as linguagens para isso podem ser variadas, de acordo com o desejo de cada pessoa (texto em prosa, versos, desenhos, músicas, etc.).

Quando você descobriu sua sexualidade? De que forma? Quem descobriu isso? E sua raça e/ou etnia?

Como as questões de gênero influenciaram sua vida? Quais são as dificuldades e/ou privilégios que têm por conta do gênero? E quanto à raça/etnia?

Como as questões raciais moldaram sua vida? *(É importante observar como as pessoas brancas reagem a essa pergunta, caso elas não apresentem nenhum elemento, ou apresentem, é válido refletir sobre o privilégio branco de viver sem precisar pensar sobre a questão racial, o mesmo é válido para as pessoas que não reconhecem a sua heterossexualidade e sua cisgeneridade [por cisgeneridade se entende o fato de pessoas nascerem e seguirem sua vida sem se identificar com outro sexo/gênero do qual lhe foi imposto ao nascer, termo que se opõe a transexualidade])*

Com quantos anos você começou a trabalhar? O que o trabalho significa em sua vida? E para a sua família? Quais foram as profissões que seus avós e seus pais tiveram e o que elas dizem sobre você?

Como é o território onde você cresceu? Quem o controla? Existe água limpa? Saneamento?

O que a luta significa para você? Quais foram e são as suas lutas?

Você é realmente quem você gostaria de ser? Reflita sobre a pergunta "O que eu faria se fosse eu?" *[texto originalmente escrito em espanhol e traduzido para o português brasileiro]*

Grande parte das atividades foram realizadas contavam com a realização de rodas de conversa, e sobre essa atividade, algumas observações podem ser percebidas na ATIVIDADE 02 da tabela acima.

Depois de escrever sobre nossas histórias de vida é possível realizar alguma atividade tentando *retextualizar* esse material, *explorar outras linguagens*. Na experiência do intercâmbio, realizamos uma **oficina de stencil**<sup>2</sup> (é possível encontrar uma diversidade de vídeos na internet com orientações sobre como fazer). Nesse link é possível encontrar alguns modelos de letra: <https://drive.google.com/file/d/1r-EHiyDQUadcJVGOKwq9NNsMWgVlcFfj/view?usp=sharing>. Mas também é possível criar sua própria fonte de letra. Abaixo seguem algumas fotos da oficina de stencil.

**Foto:** Stencil com a frase América es marica (América é bixa).



Fonte: Autoria própria

---

<sup>2</sup> Essa oficina também foi realizada no PEGS.

Foto: Pintura de um título para resultado do stencil.



Fonte: Autoria própria

Foto: Mural de stencil: Interseccional.



Fonte: Autoria própria

A princípio a proposta era realizar a atividade de stencil nas ruas, mas no momento a cidade de Medellín estava passando por turbulência por conta da violência policial diante dos protestos na Colômbia entre novembro e dezembro de 2019, então resolvemos realizar a atividade na instituição que sediou as oficinas, a Casa de Integración Afrocolombiana. Também não estava planejado fazermos o letreiro com o nome “interseccional”, mas a professora Ángela Mena sugeriu colocarmos o nome acima para situar as frases. E como não era uma atividade planejada, usamos apenas pincéis simples/canetinhas para construir, cada pessoa escrevia uma letra com o formato e cor que queria e depois fizemos pequenos desenhos dentro delas (que não aparecem nessa foto), e aproveitamos a situação para conversar sobre as exigências estéticas que costumam impor diante das expressões artísticas, pois algumas pessoas estavam inseguras por acharem que não sabiam desenhar na parede.

Em outra ocasião, com um grupo maior de educadores, realizamos outras oficinas:

- criação de **livro de receita de medicamentos caseiros** a partir das memórias ancestrais (divisão de um grupo, cada pessoa conta as receitas que conhece, se possível situar onde e como aprendeu visando trabalhar ancestralidades, e o livro vai sendo escrito a partir das experiências de cada pessoa);

- **Oficina de fanzine**, gênero textual verbal e não-verbal, mesclando imagens e palavras para transmitir mensagens, no caso foi deixado em aberto para que cada grupo escolher o tema, mas a proposta da oficina foi direcionar a construção dos materiais sobre as receitas de plantas medicinais. Sobre as formas de fazer os fanzines, existem várias propostas (e-zines, zines, fanzines), e no youtube é possível encontrar diversos tutoriais para ajudar nos processos criativos.

- **Mapeamento de experiências de resistência da cidade** que pudessem contribuir com o trabalho em rede tão necessário para os processos educacionais (o grupo criava categorias e ia fazendo o mapeamento a partir delas: sindicatos, movimentos sociais, grupos

artísticos, ONGs, grupos com enfoques distintos como gênero, raça, etc.);

Em relação à construção do mapeamento, foi apresentado o site [www.reevo.org](http://www.reevo.org) que faz esse mesmo trabalho a nível mundial, mapeando experiências educacionais não convencionais em diversos países, principalmente no território da América Latina.

As outras duas oficinas propostas foram:

**-Para todo mundo ver:** exercício de sensibilização diante das necessidades das pessoas cegas. A atividade consiste em vendar os olhos de algumas pessoas do grupo e colocá-las em exposição com materiais e situações diárias onde não existe acessibilidade para pessoas cegas. Exibir vídeos sem áudio descrição, expor temas sem considerar a realidade dessas pessoas, pedir para que caminhem por determinados espaços (com acompanhamento para evitar acidentes), etc.

**-Viagem pela rua:** A viagem aqui é metafórica no momento da oficina, e se refere ao exercício das pessoas viajarem em suas memórias diárias sobre os lugares que elas frequentam tentando visualizar a segregação racial existente nos espaços. Pode-se pedir que cada pessoa escreva os nomes dos lugares, incluindo as ruas que passam, e quais são as pessoas que vivem aí, quem está trabalhando em cada lugar, como se dá a divisão racial do trabalho de acordo com o *status* social de cada trabalho. A depender do nível de discussão do grupo sobre esses temas, é possível que algumas pessoas desconheçam ou neguem a existência dessa segregação, então pode se trabalhar com depoimentos de outras pessoas do grupo ou pedir que elas comecem a observar essa realidade.

## Lute como uma garota

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Monique Cordeiro.

**Monique Cordeiro.** Sou professora de Língua Portuguesa na rede estadual do Ceará há dez anos, tenho mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Nesses anos, minha prática tem se transformado à medida que reflito sobre as questões de raça, gênero e classe social. Sou uma mulher cis que tem se conectado com a sua ancestralidade negra e indígena. Acredito na arte, no livro e na leitura como formas de transgressão. Nos últimos anos, tenho sido escritora, contadora de histórias, atriz e participante/mediadora de projetos de escrita criativa. Em 2019, coordenei um espaço de formação de professores/as na Bienal Internacional do Livro do Ceará e participei da comissão de Seleção de Acervo Bibliográfico da Biblioteca Pública do Ceará no mesmo ano. Atualmente faço uma Especialização em Escrita e Criação na Universidade de Fortaleza.

---

#### Informações da organização

---

**Instituição/Movimento/  
Coletivo/Grupo (etc)**

Monique Cordeiro, professora da rede estadual do Ceará há dez anos, trabalha nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, faz mediação de leitura no projeto Tertúlia Literária, orienta projetos de

---

---

literatura assim como os de gênero e sexualidade.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

<b>Temáticas abordadas</b>	Gênero, sexualidade, linguagem, discurso.
<b>Objetivos</b>	Promover espaço de fala e de escuta dentro do ambiente escolar para acolher meninas das três séries do Ensino Médio e, assim, estimular a sua emancipação; Propiciar seminários, minicursos, debates sobre as práticas machistas e patriarcais; Incentivar o debate sobre o enfrentamento à violência sexual;
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	Tipos de violências; Relacionamentos abusivo; Padrões estéticos; Protagonismo feminino;
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	Ações desenvolvidas em um bimestre durante seis encontros, em que cada ação teve no mínimo 1 encontro e no máximo 2, no caso das rodas de conversa. Cada etapa pode ter a quantidade de encontros que se achar necessário. Orientação (1), apresentação (1), roda de conversa (2), seminário (1), avaliação (1).
<b>Procedimentos metodológicos</b>	Orientação das participantes do projeto; Apresentação do projeto pelas alunas participantes; Roda de conversa com grupo de meninas- (acolhimento feito com música e relaxamento,

	abertura do diálogo pelas facilitadoras com algum relato pessoal ou texto previamente selecionado, fechamento com música e abraços); Seminário sobre práticas de enfrentamento da violência sexual;
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	Papel ofício, cartolina; Caneta, canetinhas; Som, caixa de som. *nenhum dos elementos é obrigatório.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Alunas, professoras, convidadas.
<b>Parcerias/articulações</b>	Participantes da sociedade civil da área da arte, da saúde e demais que possam contribuir com o debate; Rede aquarela - rede de enfrentamento à violência sexual;
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	Estudantes do ensino médio e ensino superior; Professoras e professores da educação básica; Interessados/as em discussões sobre as questões de gênero e sexualidade.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Língua Portuguesa, História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Artes.
<b>Formas de Financiamento</b>	Não há custos.
<b>Formas de Avaliação</b>	Conversas para avaliação da metodologia e autoavaliação após as rodas de conversas
<b>Materiais didáticos e referências</b>	Mapa da violência (mapadaviolencia.org.br) Mulheres (carolrosseti.com.br) Onu Mulheres

---

(onumulheres.org.br) Outros jeitos de usar a boca, Rupi Kaur; Sejamos todas feministas, Chimamanda Ngozi Adichie; Triste, louca ou má, Francisco el hombre.

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

As alunas costumavam colocar a música “Triste, louca ou má” para um momento de relaxamento em que as participantes ficavam deitadas no chão com as luzes apagadas. Após esse momento, sentadas em roda, uma das multiplicadoras passava cartazes e imagens que diziam respeito a relacionamento abusivo e aspectos questionados na aparência feminina, neste ponto os temas podem ser variados. A partir daí, a discussão era estabelecida e muitas falavam sobre os aspectos da aparência como o fato de usar ou não cabelo curto. As multiplicadoras também faziam relatos pessoais o que incentivava a maior participação das outras. Os grupos geralmente eram acolhedores e respeitavam o tempo de fala de cada menina. Em seguida, a discussão tratava de algo que surgisse na roda. Num encontro específico, foi levantada a seguinte questão: “são as mulheres que tem que se defender ou os homens que têm que parar de agredir mulheres?”. Antes que o tempo acabasse, as multiplicadoras sugeriam a feitura de cartazes como expressão do que elas tinham experienciado naquele

---

---

momento. Surgiam palavras de incentivo e desenhos ressignificando tudo o que elas haviam discutido até ali. A roda de conversa geralmente era concluída com a música “Florescer” e um momento com abraços.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

As práticas de cada atividade estimulava a fala, o posicionamento e o pensamento crítico. Além disso, algumas meninas saíram das conversas mais fortalecidas na sua autoestima e mais seguras sobre uma rede de apoio na escola. Além de serem agentes de questionamentos nos espaços onde atuam.

---

**Observações em geral**

---



## **Diálogos sobre Sexualidade, Afetividade e Espiritualidade**

---

### **PLANO DE FORMAÇÃO**

Messias Pinheiro

**Messias Pinheiro.** Educador social, defensor popular de direitos humanos, militante LGBTQI+ e missionário das Igrejas da Comunidade Metropolitana-ICM missão em Iguatu, reside na cidade de Iguatu - CE e realiza suas atividades missionária, socioeducativa e pastoral na região centro sul do Ceará.

---

#### **Informações da organização**

---

**Instituição/Movimento/  
Coletivo/Grupo (etc)**  
**Igrejas da Comunidade  
Metropolitana - ICM –  
Missão Iguatu**

As **Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM)** são uma comunhão brasileira e internacional de comunidades cristãs da vertente protestante, caracterizadas particularmente por seu progressivismo humanitário e aceitação irrestrita de fiéis que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e afins (LGBT) e de seus familiares e amigos/as. Cada congregação da ICM é compreendida dentro do que é conhecido como Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM). A ICM foi fundada em

---

---

1968, nos EUA, pelo Reverendo Troy Perry, está estabelecida em mais de 30 países, em todos os continentes. No Brasil, estabeleceu-se em 2003, inaugurando seu primeiro templo no Rio de Janeiro, em 2004. Depois, expandiu-se com igrejas e missões em várias cidades. Possui atualmente (2018) mais de 200 templos espalhados pelo mundo, sendo 160 o número de igrejas filiadas, 45 igrejas emergentes e 7 igrejas sem templo. (Oasis), isto é, comunidades baseadas em espaços cibernéticos. Na cidade de Iguatu - CE, a ICM iniciou seus trabalhos em 2018 através do Irmão Messias Pinheiro, onde o missionário desenvolve atividades de Escuta e Aconselhamento Pastoral, Semanas Missionárias, Celebrações. Rodas de Conversa e Diálogos sobre Espiritualidade, Afetividade, Sexualidade, Religiosidade, Políticas Públicas e Direitos Humanos, como também participação e apoio no fortalecimento de organizações comunitárias e sociais de luta e defesa LGBTs . **Fonte: Wikipedia.**

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Espiritualidade, Sexualidade e Afetividade.
----------------------------	---

---

<b>Objetivos</b>	Dialogar sobre a sexualidade humana e as expressões do afeto como dimensão espiritual do ser humano
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	O que é sexualidade? O que é afeto? O que é Espiritualidade? Como vivenciamos nossa sexualidade? Celebração do dom da criação.
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	As rodas de diálogos podem acontecer em 04 encontros, sendo uma por semana, com duração uma hora e meia. Total: 04 encontros, no período de um mês.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	Cada encontro é um espaço de memória e partilha de histórias e vivências, de reflexão sobre os conceitos e preconceitos enraizados em cada um. De forma criativa e alegre, prepara-se o ambiente do encontro, espaço sagrado de partilha de vidas. Organiza-se o espaço, colocando as cadeiras em forma circular, para que todos possam se ver e conectar-se, criando um ambiente harmônico e de confiança; no centro, pode-se colocar a pergunta geradora do debate, flores, pedras, imagens, vela, bíblia e outros elementos que representem a temática a ser trabalhada.
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	Imagens sobre o tema do dia, caixa de som com música ambiente, e outros elementos que desejar.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	

<b>Parcerias/articulações</b>	Centros de Referências da Assistência Social – CRAS Coletivo Livre TLGBQI+
<b>Alcance que a proposta teve/poder</b>	25 pessoas
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Língua portuguesa: pesquisa textual e comparativo de discursos bíblicos , visando textos de negação e de afirmação sobre sexualidade, espiritualidade e demonstração de afetos. História: pesquisas sobre a história da sexualidade e seu papel na sociedade.
<b>Formas de Financiamento</b>	
<b>Formas de Avaliação</b>	Participação e envolvimento do público na discussão.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	<p><b>Textos Bíblicos:</b> Salmo 139:13-15, Gêneses 1:27, Exôdo 19:5-6, I Cor 6:19-20, João 15:15, Filipenses 2: 2-11. I Samuel 18: 1-4, I Samuel 19, II Samuel 2:26, Mateus 8: 5-13, Mateus 19:12, Marcos 14:12-16, Atos 8:26-39.</p> <p><b>Livros:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Wilson, Nancy L. 1950. Nossa tribo: gays, Deus, Jesus e a Bíblia. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012.</li> <li>• Feitosa, Alexandre. Bíblia e homossexualidade: verdades e mitos – Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.</li> <li>• Hornsby, Teresa J. 1959 – A sexualidade na Bíblia: o que os textos</li> </ul>

---

sagrados nos revelam sobre o amor e o sexo. São Paulo: Cultrix, 2009.

- Retamero, Marcio. Pode a Bíblia incluir? Metanoia, 2010.

- Teologias fora do armário: teologia, gênero e diversidade sexual. Regina Soares. Jundiai, SP: MAX Editora, 2019.

---

**Breve relato sobre a  
sistematização da  
experiência**

---

**Quais aprendizagens  
a experiência  
proporcionou**

---

**Observações em  
geral**

---



# 3

## Educação e Luta de classes





## Ação Revolucionária

### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Observando o avanço da organização da direita no Brasil e do conservadorismo, a partir de 2016, na qual os ataques ao povo ficaram cada vez mais explícitos e severos, sobretudo, com a candidatura e êxito nas urnas de Jair Bolsonaro no pleito de 2018, sentimos a necessidade de uma organização revolucionária que pudesse despertar o interesse pela formação de pequenos grupos locais antifascistas, bem como a criação de comitês de auto-defesa e coletivos culturais, a fim de compor a base para o desencadeamento de ações em nível nacional. Desde a percepção dos elementos mencionados, tínhamos compreensão dos nossos limites, como por exemplo, sermos um grupo pequeno, não contar com uma estrutura física e financeira para fomentar nossas ações em uma realidade tão adversa como aquela que se projetou em 2018. Dessa forma, optamos iniciar nosso trabalho no meio digital, pensando o uso da tecnologia, sobretudo, das redes sociais (especificamente o Instagram) como um dos instrumentos necessários nesse processo de
--	--

---

---

construção do fluxo de informações a que nos propomos.

Nossa identidade política se baseia nas ideias de Carlos Marighella, em que o funcionamento da organização deve partir de baixo pra cima, composta por grupos com número reduzidos de companheiros/as, tendo o anonimato como ferramenta fundamental de estratégia e colocando em evidência a importância das ações para o avanço da organização. Sempre pensando que a organização não está acabada, fechada em seus grupos, mas que sua edificação ocorre na medida em que as ações aparecem, como também na medida em que outros grupos surgem. Cada indivíduo tem um papel fundamental na construção da organização. A experiência no grupo tem que ser de todos que participam dele, o que queremos dizer é que todos que estão no grupo participam ativamente de todas as ações, para não se correr o risco de centralizar as ações em um indivíduo apenas.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Anticapitalismo, anti-imperialismo, antifascismo, anti-heteropatriarcal e antirracista.
----------------------------	---

---

<b>Objetivos</b>	<p>Despertar o interesse pela formação de pequenos grupos locais antifascistas, comitês de autodefesa e coletivos culturais, que poderão compor a base para o desencadeamento de ações a nível nacional.</p> <p>Compor um banco de dados de artes que possam servir para lambes, cartazes e toda a luta da agitação e propaganda.</p> <p>Incitar ações na rua, como colagem de lambes, distribuição de panfletos, cartilhas e manuais.</p>
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	<p>Os conteúdos utilizados estão dispostos nas páginas da Ação Revolucionária na internet, sendo dispostos de forma sequencial, da seguinte maneira: Apresentação do que é, o que queremos, princípios, bandeiras de luta, minimanuais de como proceder na organização e de como agir em uma manifestação de rua.</p>
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	<p>Trata-se de atividades contínuas, uma vez que os materiais ficam dispostos na internet por tempo indeterminado. No entanto, o material foi pensando para que seja lido/apreciado em um curto espaço de tempo, tendo em vista que a internet nos exige a criação de materiais mais fluidos e diretos, nos fazendo focar na incitação de ações sem negar a importância do estudo sobre as histórias de lutas dos povos brasileiros e latinos.</p>

---

**Procedimentos metodológicos**

A pesquisa se deu através de materiais físicos, como a cartilha Marighella Vive, publicado pelo Projeto Marighella Vive, o livro Cypherpunks, do autor Julian Assange e também através de materiais virtuais, como Chamamento ao povo brasileiro, de Carlos Marighella, uma publicação feita na Revista Marcha em 68 e que está disponível junto a vários outros textos do autor na página Marxists Internet Archive, os informes, cartas e manifestos do arquivo zapatista no site oficial da EZLN e o texto Ação antifascista que faz parte do livro Receitas para o desastre: Um livro de receitas anarquistas.

---

**Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)**

A fim de dar início de forma rápida as ações, o recurso inicial é a internet, tanto para incitações e planejamentos de ações, quanto para o desfecho de ações pensadas para o meio. Para ações na internet é ter preciso ter conhecimento de como funcionam algumas redes sociais e plataformas de streaming, para pensar as vantagens e restrições que terão no caminho. Já para ações na rua, pode se utilizar de materiais diversos tais como panfletos, cartazes e manuais impressos, escritos, pintados ou de qualquer outra técnica/material que esteja disponível para a confecção dos mesmos.

---

**Sujeitos/as envolvidos/as**

Todo o núcleo duro da AR.

---

<b>Parcerias/articulações</b>	A AR conta com parcerias estratégicas de propagação do material criado em mídias sociais com páginas como FluxoMarginal, Bordadinha, Zabelê e para as ações na rua contamos com sujeitos independentes e anônimos.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	A proposta da AR é de que os materiais sejam acessíveis para diferentes públicos como dos sindicatos, movimentos feministas, estudantis, camponeses, dos movimentos de bairro, coletivos de artistas e também sujeitos desorganizados.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Na disciplina de História levando uma perspectiva decolonial principalmente da história do Brasil, como também uma abordagem da perspectiva dos povos marginalizados na história. No ensino da Arte abordando-a como ferramenta política de organização.
<b>Formas de Financiamento</b>	A ação é pensada para que seja de baixo custo, principalmente na questão dos materiais e técnicas. Os investimentos podem ser feitos de individual ou coletiva a depender do desfecho final que se quer da ação pensada.
<b>Formas de Avaliação</b>	A avaliação é contínua conforme é observado o engajamento, interesse e participação nas ações.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	O material é disponibilizado em redes sociais em formas de cartilhas e minimanuais, também dispondo de materiais de parceiros como

---

FluxoMarginal que disponibiliza filmes, músicas e textos sobre a luta antifascista.

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

O momento histórico em que passa a ser desencadeada a ação por meio da AR é avaliado por nós como propício, tendo em vista o cenário de avanço da extrema direita no país. Nesse processo, foi percebido por nós como as redes sociais estavam sendo utilizadas para difundir os ideais, princípios e as táticas dos grupos que estão no poder, exemplo desse movimento foi a vitória de Jair Messias Bolsonaro. Dessa forma, torna-se fundamental que também utilizemos dessas ferramentas para propagandear nossas ideias, nossas formas de nos defender e atacar.

Foi fundamental compreender por meio da sistematização os limites e as possibilidades no uso dessas ferramentas, sobretudo, as redes sociais.

Diante disso, apreendemos que os conteúdos precisam ser pensados e produzidos de forma mais direta e acessível, isso decorre a possibilidade de serem apreendidos de forma pragmática ou superficial, o que nos remete ao desafio de coordenar a ação de forma contínua, tendo como norte a necessidade de se aprofundar a percepção, o debate, e as diversas

---

---

formas de resistência que representam a diversidade humana.

É sempre um desafio fazer as mediações necessárias para compreender a realidade; dessa maneira, alguns debates precisaram ser tratados de forma mais urgentes, como no caso do minimanual do manifestante, uma vez que o contexto era de um aumento rápido no uso da violência por agentes de repressão do Estado e por grupos organizados da extrema direita. Assim, foi entendido por nós a necessidade de aprender e repassar de forma rápida, algumas informações básicas de como se comportar em situação de repressão em manifestações.

Tem se colocado também como desafios, a falta de recursos financeiros e a própria complexidade da vida cotidiana, como se trata de um grupo muito pequeno a luta pela existência dentro do sistema capitalista se coloca como um entrave à ampliação da ação, é daí também de onde vem a dificuldade de sistematizar nossas ações.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

A ação desenvolvida por nós indica os meios digitais como um campo de vastas possibilidades, no sentido da agitação e no desencadeamento da luta e das formas de resistência no cotidiano. Também nos alerta sobre o campo de dificuldade que esse meios

---

---

nos impõe em relação ao alcance dos públicos diversos, tendo em vista que a internet é um meio já dominado pelo capitalismo e nos impõe investimento não só de tempo e produção, mas também de dinheiro de forma sistemática e contínua para um bom alcance de público nos materiais apresentados.

---

**Observações em geral** A sistematização foi um processo enriquecedor para pensar a Ação Revolucionária e seus horizontes possíveis, uma vez que nos incentivou no estudo da história já construída pela AR e em como se deu as ações que compõem essa história.

---

## Escola Nacional Paulo Freire

### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Escola Nacional Paulo Freire R. São Daniel, 119 - Vila Brasilio Machado, São Paulo - SP, 04288-110. Trata-se de uma escola de formação política, cultural e técnica para a juventude da classe trabalhadora.
--	---

---

### Sistematização da(s) proposta(s)

---

<b>Temáticas abordadas</b>	1) Juventude; 2) Movimento popular; 3) Educação; 4) Educação Popular; 5) Formação econômica e social do Brasil/Realidade brasileira; 6) Economia e pensamento crítico; 7) Capitalismo, patriarcado e racismo; 8) Questão urbana; 9) Questão agrária; 10) Pensamento de Paulo Freire.
<b>Objetivos</b>	Ser uma escola de educação popular dedicada à formação política, cultural e técnica da juventude brasileira.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	Varia conforme a atividade pedagógica realizada, pois a escola recebe um público heterogêneo: juventude da periferia urbana de São Paulo, militantes e dirigentes dos movimentos populares etc.
<b>Duração da atividade/formação</b>	Não há uniformidade. Exemplos de cursos com durações diferenciadas:

---

<b>(mensurar em dias, semanas, meses)</b>	Rede de cursinhos populares Podemos+, Curso Realidade Brasileira, Formação de Formadores para os movimentos populares, Cursos de Economia Crítica, seminários temáticos sobre o pensamento de Paulo Freire etc.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	Método pedagógico da Educação Popular; Pedagogia do Oprimido; Método Pedagógico Josué de Castro.
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Público predominantemente jovem, mas não exclusivamente. Jovens da periferia urbana. Jovens dos movimentos populares do campo e da cidade. Militantes do Levante Popular da Juventude.
<b>Parcerias/articulações</b>	Universidades, intelectuais, artistas, movimentos populares.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	Em dois anos a escola tem contribuído com a formação de centenas de jovens e militantes.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	
<b>Formas de Financiamento</b>	Autofinanciamento, campanhas de fidelização etc.
<b>Formas de Avaliação</b>	

---

<b>Materiais didáticos e referências</b>	Há material próprio já formulado, que inclui cartilhas, vídeos e publicações em redes sociais.
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	Resposta coletiva.
<b>Quais aprendizagens a experiência proporcionou</b>	Resposta coletiva.
<b>Observações em geral</b>	

---



# 4

## Um toque dos clássicos





## O Cordel e Saúde: a literatura de cordel construindo epistemologias em saúde coletiva

Jobson Nery Fernandes de Lima  
Teógenes Eufrasio Bezerra  
Pedro Walisson Gomes Feitosa  
Elaine Apolinário dos Santos  
Gabriella Moreira Bezerra Lima  
Sally de França Lacerda Pinheiro

### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	O projeto surgiu em 2017, associado à Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri. A ideia sempre foi de transmitir saúde através da literatura de cordel, a qual os meios de veiculação mudaram ao longo dos anos por logística e experimentação. Adotamos o discurso do movimento armorial, definido por Suassuna, pelo reconhecimento e erudição da cultura nordestina, a qual contribuímos pela disposição do conhecimento técnico-científico respaldado pela faculdade de medicina em um formato tão associado ao povo desprezado nordestino, o cordel.
--	--

---

## Sistematização da(s) proposta(s)

<b>Temáticas abordadas</b>	Abordamos temas relacionados à saúde como hipertensão, diabetes, arboviroses, gripes, saúde oral, saúde da mulher, saúde infantil, etc.
<b>Objetivos</b>	Transmitir o conhecimento médico de forma próxima ao cotidiano nordestino: com o uso dos jargões e falas de propriedade nordestina.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	Costumamos afirmar que é um processo contínuo na qual cada verso escrito nos tornamos mais poetas, mas a média de tempo necessário para a adequação e formação de escritores capazes de definir todos os tópicos relacionados às doenças em métrica e vernáculo adequados é de cerca de 3 meses.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	Realizamos reuniões semanais com o fito de propor temáticas relevantes para a execução dos textos. Nessas reuniões, são debatidos assuntos de saúde numa visão horizontalizada e altamente conectada às perspectivas psicossociais da população, levando-se em conta questões políticas, culturais e econômicas.
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	Nosso meio mais prolífico, atualmente é o nosso Instagram @cordelsaude, mas também temos livretos tradicionais e vídeos no YouTube.

<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Além da coordenação, temos 6 colaboradores.
<b>Parcerias/articulações</b>	As maiores parcerias realizadas são entre os próprios projetos de extensão da faculdade de medicina, os quais muitas vezes recorrem a nós encomendando cordéis sobre temas específicos a serem apresentados em eventos especiais ou atividades de extensão diversas. Ademais, parcerias com o segundo setor fazem-se necessárias para a veiculação de mídias impressas e quaisquer necessidades de financiamento que necessitamos.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	Através da ação formalizada e tradicional, nosso alcance era limitado pela parca veiculação de livretos e ações de extensão reduzidas pela performance dos poetas e, às vezes, o desprezo do público. No entanto, a mudança à internet expandiu exponencialmente os horizontes do projeto, o qual chegou a obter mais de 50 mil visualizações em uma postagem sobre suicídio. Nessa perspectiva, a nossa visão é crescer no ambiente virtual.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Uma vez que tratamos de assuntos relacionados à saúde, os nossos cordéis podem ser usados na transmissão de conhecimento de biologia e ciências para estudantes de ensino médio e fundamental.
<b>Formas de Financiamento</b>	

<b>Formas de Avaliação</b>	(Informal) Feedback do público.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	O método do cordel (métrica, linguagem específica e configuração de versos) é ensinada em formato oral.
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	O método do grupo se estabeleceu pelas reuniões, em um ambiente livre, no qual o debate e a criatividade se tornaram enfáticos em um local de ciência e austeridade (a faculdade de medicina). Assim, as exigências e os prazos, em vez de um fardo, tornaram-se motivos para a construção de cordéis no esquema 1 – debater sobre um tema; 2 – escrever sobre; 3 – declamar na próxima reunião.
<b>Quais aprendizagens a experiência proporcionou</b>	A expansão das perspectivas culturais e aprofundamento à arte e à cultura caririense permitiu aos integrantes a percepção ao valor e o enaltecimento do cotidiano cearense, que tornou-se inspiração e cor para, além da escrita de novos versos sobre saúde, viver e entender melhor a comunidade – exercício essencial ao médico.
<b>Observações em geral</b>	

## Mostra cultural Asa Branca Canta e Encanta

Antonio Jorge Andrade

### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Informações apresentadas no decorrer do texto.
--	---

---

### Sistematização da(s) proposta(s)

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Cultura Nordestina
<b>Objetivos</b>	- Preservar a história, a cultura local e o meio ambiente; - Contribuir com formação artística de crianças e jovens da comunidade.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	Anualmente, realizamos um musical temático tendo como objeto de pesquisa a cultura nordestina, suas múltiplas linguagens e manifestações. Algo que a comunidade possa se reconhecer nele; com esse sentimento de pertencimento, torna-se protagonista da mostra cultural. Temos como premissas a construção coletiva e a democratização das decisões; por isso, o primeiro momento é escutar a comunidade, suas sugestões de temas e o modo de fazer, logo após realização oficinas temáticas e ensaio voltados para a mostra cultural.

---

<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	O evento propriamente dito tem a duração de uma semana. Mas considerando oficinas, ensaios e reuniões, há uma duração de três meses. (Exemplo: mês de realização da mostra julho, início dos ensaios em março).
<b>Procedimentos metodológicos</b>	A ONG Realeza nordestina nasce com a missão de conservar o patrimônio histórico-cultural e preservar o meio ambiente local, tendo como objetivo: contribuir na formação artística e profissional de crianças e jovens da região por meio da arte em suas múltiplas formas de manifestações: danças, teatro, música, poesia, pintura, artesanato, entre outros. Trabalhamos com crianças, adolescentes, jovens e adultos na perspectiva de colaborar na formação de artistas e profissionais capazes de fazer de suas habilidades ferramentas de trabalho e de encantamento, trazendo beleza e magia aos olhos de quem os prestigiam.
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	O centro comunitário é o espaço utilizado para os ensaios e reuniões. Também usamos: som, tv, instrumentos musicais, telefone, data show, caixa de som, cordas, papel, madeira.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	As comunidades da região do Distrito de Santarém - Orós/CE.

<b>Parcerias/articulações</b>	Associação comunitária, Escolas, igrejas, sindicatos e Memorial Joaquim Cândido.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	A comunidade é toda envolvida na mostra cultural de maneira direta ou indiretamente. Diretamente em torno de 100 pessoas e indiretamente 600 pessoas.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	História, arte, língua portuguesa, matemática e geografia.
<b>Formas de Financiamento</b>	Sócios contribuintes, eventos sociais para arrecadação de recursos, doações de entidades e convênio com o poder público.
<b>Formas de Avaliação</b>	Assembleia com a comunidade uma vez por ano e nas reuniões mensais com a diretoria da entidade.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	Livros e obras de autores nordestinos: O Quinze, Vidas Secas, O Auto da Compadecida. Musicais: Asa Branca, A volta da asa branca, Assum Preto, Vida de Viajante. (Temos dvds, páginas nas redes sociais, álbuns fotográficos).
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	Esse projeto é muito significativo para mim e para a comunidade de Santarém, pois ele é um elemento de inclusão social e oferece oportunidades para os envolvidos crescerem tanto como artistas adquirindo uma formação sólida e interagindo com outras pessoas e

---

ambientes, assim como cidadão capaz de pensar criticamente na realidade que o cerca e quais as possibilidades de transformações.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

O maior aprendizado é que o conhecimento da nossa história e da nossa arte é imprescindível para desenvolver em cada ser o senso de corresponsabilidade com a comunidade (meio em que vive) com o desejo de transformá-la em um lugar melhor. E que toda pessoa tem a arte na sua essência precisa apenas se autodescobrir.

---

**Observações em geral**

---

## Grupo parafolclórico Caretas do Alto da Bonita<sup>1</sup>

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Carlê Rodrigues  
Michel Prudêncio

**Carlê Rodrigues**, mulher nordestina, cisgênero, bissexual, estudante do curso de História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua profissionalmente como Narradora de Histórias na Biblioteca Pública Municipal Dr. Matos Peixoto (Iguatu/CE), com formação pela Escola de Narradores do Cariri e SENAC Iguatu, faz parte da rede de contadores de histórias do Ceará, atua também na área de produção cultural com formação técnica pelo SENAC/CE e Instituto Elo Amigo (Iguatu/CE). Militante da cultura desde 2006, contribui com diversos coletivos culturais na região Centro Sul, Vale do Salgado e Cariri Cearense, como a Associação Ortaet de Teatro (Iguatu/CE 2007/2016), Coletivo de audiovisual TENTAME (Iguatu/CE 2017), Coletivo Cerebral (Iguatu/CE 2018), Coletivo Cultura no Largo (Icó/CE), Escola Livre de Artes (Orós/CE) e desde 2016 integra o Coletivo Camaradas (Crato/CE) desenvolvendo ações de democratização da leitura, fomento à criatividade, ludicidade e narrativas orais com destaque para o projeto de intervenção poética Poste Poesia. Além de pesquisar a brincadeira dos Caretas da Semana Santa no grupo de projeção parafolclórico caretas do Alto da Bonita, também desenvolve uma pesquisa artística sobre o Vento do

---

<sup>1</sup> É possível que alguns links apresentados abaixo estejam desativados ou em processo de reconstrução, para obter mais referências os links a seguir podem ser consultados: <https://www.youtube.com/watch?v=Kiazqsl-rM0> e <https://www.youtube.com/watch?v=Sik6vbWZe98>.

---

Aracati e é idealizadora do projeto "Dia de Narração", ação realizada uma vez ao mês na antiga estação ferroviária de Iguatu/CE com o intuito de rememorar a história do referido patrimônio, bem como contribuir no processo de transmissão de cultura através da literatura oral.

**Michel Prudêncio**, artista da música e do teatro Popular. Desenvolve trabalhos de pesquisa com a cultura popular como os Humbertos - Caravana Cearense do Baião, show musical "Prudêncio e Baião de Terreiro". No teatro, foi membro do Grupo Ciranda de Teatro, Companhia Ortaet de Teatro e é membro do Grupo de Caretas do Alto da Bonita. Desenvolve uma pesquisa teatral acerca da violência da infância dos anos 90 no monólogo "O Circo da Rua de Baixo". É historiador em formação pela Universidade Estadual do Ceará em parceria com a Universidade Aberta do Brasil.

---

### **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	O Grupo Caretas do Alto da Bonita é formado por artistas, produtores e pesquisadores da cultura popular, situado no município de Iguatu/CE contando com a participação de integrantes vindos de outras cidades da Região Centro Sul e Vale do Salgado. O foco do coletivo se dá na pesquisa e prática da brincadeira dos caretas da semana santa. Com o intuito de contribuir para a valorização desta tradição, o grupo promove programações mensais com debates sobre a cultura local e políticas culturais, além de estudos, oficinas direcionadas a musicalidade nordestina, confecção de máscaras,
--	---

---

---

confecção de figurinos e produção de audiovisual.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

<b>Temáticas abordadas</b>	Cultura popular, artes visuais, música, audiovisual e artes cênicas.
<b>Objetivos</b>	Salvaguardar o patrimônio cultural imaterial do povo cearense, precisamente o brinquedo dos caretas da semana santa realizado na Região Centro Sul e Vale do Salgado.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1.Convocação e articulação de brincantes;</li><li>2.Arrecadação de recursos materiais e financeiro;</li><li>3.Planejamento e formatação de programações mensais (debates, oficinas, estudo, confecção de roupas e máscaras);</li><li>4.Organização midiática (registro audiovisual das ações, divulgação das atividades nas redes sociais, participação em entrevistas de rádio e jornais impresso etc.);</li><li>5.Preparação dos brincantes e cortejo nas ruas;</li><li>6.Avaliação da vivência na rua;</li><li>7.Produção do documentário;</li><li>8.Divulgação e circulação dos produtos culturais desenvolvidos;</li><li>9.Avaliação geral e coleta de propostas para o ano seguinte.</li></ol>
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	<b>Em 2019:</b> <b>14 a 18 de abril:</b> Preparação das roupas e debates sobre a tradição. <b>19 e 20 de abril:</b> Saída do cortejo nas ruas e gravação do documentário (Iguatu/CE). <b>14 a 19 de maio:</b> Exposição de máscaras e figurinos na 17ª semana nacional de museus no

---

Museu Iguatuense da Imagem e do Som  
Francisco Alcântara Nogueira.

**27 de agosto:** Lançamento do Documentário na  
plataforma do Youtube.

**13 de setembro:** Exibição oficial do  
documentário na I Mostra FECLI de Culturas  
(Iguatu/CE).

**07 a 12 de dezembro:** Exposição e exibição do  
documentário na Semana de Artes Integradas  
do SESC Iguatu.

**18 de dezembro:** Participação Festival Cultural  
Icozeiro (Icó/CE)

**Em 2020:**

**1º Encontro**

**Janeiro**

**2ª semana de janeiro:** Convocação dos  
brincantes

**25/01**

**14h** - Apresentação musical e dinâmica de  
integração.

**14h20min** - Estudo e debate do texto: O pré-  
Teatro e a função da máscara.

**15h20min** - Exibição e debate do Documentário:  
caretas do Alto da Bonita (2019)

**16h10min** - Roda de Conversa sobre Teatro  
popular e tradição Nordestina com o mestre  
bonequeiro Cleodon de Oliveira.

**20h** - Cervejada cultural (restrito ao grupo)

**26/01**

**08h** – Oficina de “musicalidade nas tradições”  
com Michel Prudêncio

---

**9h30min** – Oficina de modelagem em papel machê com Mulé Colagista

**13h as 17h** – **Oficina** “O corpo como objeto principal da pesquisa: ocupar espaços e desenraizar” Com Carlê Rodrigues

### **Fevereiro / 2020**

**1º semana de fevereiro:** Início da campanha para arrecadação de materiais.

**22/02** – Pesquisa de Campo: Visita ao grupo de caretas do sítio Tipís II e entrevista com Mestre Buca.

### **2º Encontro**

**28/02**

**18h** - Início da confecção das roupas;

**19h** – Confecção das roupas, exibição e debate do filme “A noite do espantelho”.

**29/02**

**9h às 11h** – Confecção das roupas.

**14h** – Oficina e vivência sobre cultura popular com o Mestre de capoeira Mororó e Carlê Rodrigues.

### **Março / 2020**

**01/03**

**08h** – Socialização da visita ao mestre Buca do Caretas do sítio Tipís II

**09h** – Leitura e debate da tese de mestrado de Ivaneide Ullisses sobre a festa do caretas de Jardim/CE.

**10h** – Ensaio das músicas.

### **3º Encontro**

---

**14/03**

**09h** – Produção de máscaras, etapa de pintura com Mulé Colagista.

**14h** – Roda de conversa com o mestre Cleodon de Oliveira.

**15/03**

**09h** – Produção de máscaras com a Mulé Colagista.

**14h** – Produção de figurino e ensaio das músicas.

**4º Encontro**

**Abril / 2020**

**OBS:** Este encontro seria a finalização dos trabalhos para a intervenção na rua, porém devido a pandemia do COVID-19 e seguindo as recomendações do OMS foi realizado uma *programação virtual* no período da semana santa (06 a 11 de abril) com abordagens do processo da pesquisa.

**06/04 (Segunda-feira santa) - 17h**

Exibição on-line e debate do documentário Caretas do Alto da Bonita, realizado no ano de 2019, com Alexia Duarte.

**07/04 (Terça-feira santa) - 17h**

Debate: Cultura Popular e a tradição dos caretas, com Cleodon de Oliveira, Bima Moreira e mediação de Michel Prudêncio.

**08/04 (Quarta-feira de trevas) - 17h**

Oficina de musicalidade nas tradições, com Michel Prudêncio.

**09/04 (Quinta-feira santa, a última Ceia) – 17h**

---

Debate sobre a formação dos brincantes com Carlê Rodrigues e participação com o mestre da capoeira Mororó.

**10/04 (Sexta-feira da Paixão) – 17h**

**Concepção e a construção das máscaras, com Mulé Colagista.**

**11/04 (Sábado de aleluia) – 17h**

A pesquisa dos caretas na universidade - Exposição e debate de teses acadêmicas. Mediação de Michel Prudêncio.

**5º Encontro**

**Agosto/2020**

Programação Virtual no instagram @caretasdoaltodabonita, referente ao mês do Folclore, recebendo convidados para um bate papo folclórico.

**26/08 (Quarta-Feira) - 15h**

Bate papo com Cleodon de Oliveira, bonequeiro da Cia Chacoalho de teatro de bonecos (Fortaleza/CE). Mediação: Jan Messias

**27/08 (Quinta-Feira) - 15h**

Bate papo com Emanuel, Bonequeiro e artista popular da Trupe Será O Benedito (Caicó RN). Mediação: Carlê Rodrigues.

**28/08 (Sexta-Feira) - 15h**

Caretas do Alto da Bonita e o olhar documental de Alexia Duarte (Icó/CE), audiovisual e as artes visuais.

**29/08 (Sábado) - 15h**

Oficina de Concepção de máscaras, com Mulé colagista (Patricia Gomes) (Orós/CE).

**30/08 (Domingo) - 15h**

---

Os caretas e a pesquisa acadêmica, com Michel Prudêncio (Iguatu/CE). Mediação: Brunno Ricelly.

### **6º Encontro**

**Setembro/2020**

**Dias 23 e 30 - 18h**, no instagram: @caretasdo altodabonita

Performance e debate sobre os processos criativos do grupo

Programação virtual do SESC ceará #tudoemcasafecomercio

---

### **Procedimentos metodológicos**

A organização do grupo se deu de forma espontânea, no ano de 2019, foram convidadas através das redes sociais pessoas interessadas na formação de um grupo que inicialmente se reuniu para confeccionar roupas e máscaras com a finalidade de brincar caretas na semana santa. Com a evolução dos estudos e debates, a pesquisa começou a ganhar forma e, no ano de 2020, observando que a proposta reuniu uma diversidade muito grande de colaboradores com atuação em diversas áreas da cultura, passou-se a organizar programações mensais para pesquisar, estudar e debater sobre a temática. Os encontros mensais passaram a ter duração de três dias, em cada dia são realizados duas ou três atividades como oficinas, debates com pessoas convidadas que atuam na área da cultura popular, exibição de filmes, leitura de textos, preparação musical, além do processo de coser grandes retalho de tecido nas roupas e a produção das máscaras com a técnica da papietagem.

---

Os trabalhos iniciam no mês de janeiro com a convocação de integrantes e segue até o mês de abril com a preparação dos figurinos, máscaras, estudos e organização do cortejo. No período da semana santa, os brincantes saem às ruas da cidade de acordo como manda a tradição; nesse momento, é feita a coleta de imagens para produção de um documentário e uma exposição fotográfica. Após o período de realização da ação, o grupo se organiza para circular com as exposições das roupas e fotografia, edição e lançamento do documentário, além de participar de rodas de debates em escolas, universidades, instituições e eventos culturais.

O grupo conta com 24 participantes e 4 integrantes se comprometem com organização geral dos trabalhos e partilha com os demais. Os participantes se dividem entre a pesquisa (seja virtual ou em campo), definição dos temas e produção das formações para os brincantes, organização de mídias (organização e produção de conteúdos nas redes sociais, jornais e rádios e etc) e do registro de audiovisual dos trabalhos. O grupo é aberto para novas propostas de formações e demais atividades relacionadas a pesquisa seja a produção de conteúdo ou produtos culturais. Existe a assinatura fixa de alguns artistas dentro desse processo, são elas: Alexia Duarte assina a produção do documentário e fotografia, Patrícia Gomes assina a idealização e produção das máscaras. Michel Prudêncio estrutura a parte musical e acadêmica da pesquisa bem como a produção de conteúdo digital e Carlê Rodrigues atua na

---

mediação das formações dos brincantes e estruturação do espetáculo/cortejo. É importante ressaltar que, durante todo o processo de preparação da brincadeira, os demais participantes se articulam e se enquadram em cada atividade proposta de maneira colaborativa, sem fins lucrativos e de acordo com suas identificações, habilidade e/ou área de atuação. A parte prática é realizada por todos, apesar da grande colaboração nem todos os integrantes desejam participar do cortejo.

Ressaltamos também que no ano de 2020 não foi realizada a brincadeira na rua, tendo em vista o isolamento social devido a pandemia do COVID-19; mesmo assim, o grupo realizou lives na rede social do instagram durante a semana santa (abril) e semana do folclore (agosto), bem como participou da programação virtual do SESC Ceará (setembro) falando sobre todo o processo da pesquisa e bate papo com figuras da cultura popular, buscando promover o intercâmbio com grupos e artistas de diversos lugares.

---

**Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)**

- Pesquisa virtual sobre as máscaras no carnaval, a máscara e o teatro, a máscara como objeto de proteção;
- Fabricação de papel machê para produção de máscaras;
- Oficinas sobre a técnica da papietagem na construção de máscaras;
- Pesquisas sobre as formas de produção de figurinos a partir de retalhos de tecido;
- Pesquisa em sites e jornais sobre a tradição dos caretas da semana santa no interior do Ceará;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rodas de conversas com pessoas ligadas a cultura popular;</li> <li>- Exibição de filmes e documentários;</li> <li>- Canções tradicionais, seja do reisado, cantos de trabalho, indígenas, africanas, repentos e criação de uma <i>playlist</i> para apreciação.</li> </ul>
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Militantes, agentes, pesquisadores e produtores culturais, artistas de várias linguagens (como audiovisual, artes visuais, música, teatro de palco, teatro de bonecos, artes digitais, dança, capoeira), brincantes de caretas, tatuadores, acadêmicos (curso de letras, geografia e história), memorialistas, professores, integrantes de movimentos sociais e agricultores.
<b>Parcerias/articulações</b>	E.E.M.T.I Filgueiras Lima (Iguatu/CE), Coletivo Cultura no Largo (Icó/CE), Coletivo Icozeiro e AMICÓ (Icó/CE), Companhia Chacoalho de Bonecos, Contramestre Mororó (NGGC), Paróquia de São Sebastião Distrito de Alencar.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perfil no Instagram: <b>570</b> seguidores</li> <li>- Documentário 2019: <b>489</b> visualizações (plataforma do Youtube)</li> <li>- Teaser 2019: <b>275</b> visualizações (plataforma do Youtube)</li> <li>- Vídeo making Off 2019: <b>160</b> visualizações (plataforma do youtube)</li> <li>- Vídeo de Divulgação 2019: <b>89</b> visualizações (plataforma do Youtube)</li> <li>- Exibição do Documentário e exposição no SESC Iguatu/CE: <b>300</b> pessoas</li> <li>- Exposição e debate no Museu da Imagem e do Som de Iguatu/CE: <b>200</b> pessoas</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançamento do Documentário no Campus Multi Institucional Humberto Teixeira (UECE): mais de <b>300</b> pessoas.</li> <li>- Live Semana do folclore (2020): <b>690</b> visualizações no instagram @caretasdoaltodabonita</li> <li>- Live SESC #tudoemcasafecomercio: <b>120</b> visualizações (Dia 23/09)</li> </ul>
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Artes, História, Estudos regionais, Formação Cidadã, Sociologia, Educação Física, Química (Processo de construção das máscaras).
<b>Formas de Financiamento</b>	Doações. É realizado uma campanha virtual para arrecadação de materiais para confecção de máscaras e roupas, como: linha, agulha, tesoura, cola, revistas e jornais velhos, retalhos de tecido, roupas usadas, tintas e etc.
<b>Formas de Avaliação</b>	Conversa com o coletivo sobre como foi a vivência para cada indivíduo e coleta de novas propostas para o ano seguinte.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de programações virtual no perfil do Instagram: <a href="https://www.instagram.com/caretasdoaltodabonita/?hl=pt-br">https://www.instagram.com/caretasdoaltodabonita/?hl=pt-br</a></li> <li>- Registro no Mapa Cultural do Ceará: <a href="https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/37260/">https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/37260/</a></li> <li>- Documentário Caretas do Alto da Bonita: Link <a href="https://www.youtube.com/watch?v=1Sm8GqimdAM">https://www.youtube.com/watch?v=1Sm8GqimdAM</a></li> <li>- Making Off da produção em 2019:</li> </ul>

---

<https://www.youtube.com/watch?v=K2DimYRxSa4>

- Tutorial de máscaras:

<https://www.youtube.com/watch?v=L6l0uIwVxYw&feature=youtu.be>

- Documentário: caretas de papelão de Acupe/BA

<https://www.youtube.com/watch?v=pICQhAIKRXA&feature=youtu.be>

- Matéria do Jornal diário do Nordeste sobre os caretas de Jardim/CE

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/caretas-vivem-antiga-tradicao-1.17421>

- Matéria do Jornal A Praça sobre Os Caretas do Alto da Bonita:

<http://www.jornalapraca.com.br/grupo-os-caretas-do-alto-da-bonita-seleciona-integrantes/>

- ULISSES, Ivaneide Barbosa. "Caretas": festas e performance dos brincantes na cidade de Jardim-CE. 2004. 191 f - Dissertação (Mestrado)

- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2004.

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/44612>

- Técnica da papietagem:

<https://www.youtube.com/watch?v=vlHamawj4x4>

- Filme A Noite do Espantinho:

<https://www.youtube.com/watch?v=F8GPnOJY5Ew>

---

- Texto “ O pré-teatro e a função da máscara: o fogo brincante dos Papangus: <http://oficarte-teatroecia.blogspot.com/2009/05/?m=0>

---

**Breve relato  
sobre a  
sistematiza-  
ção da  
experiência**

**Michel Prudêncio:** Minha participação no grupo está ligado ao processo de pesquisa da tradição em que estudamos, bem como colaborar no processo de produção dos encontros e das participações do grupo em eventos e atividades educacionais promovidos por entidades públicas e privadas. Também desenvolvo conteúdos digitais e faço o contato com a imprensa acerca de nossas atividades, na formação e concepção do espetáculo contribuo com formação das ações musicais por meio de oficinas e curadoria de repertório.

**Alexia Duarte:** Dentro deste processo, além de contribuir na produção das programações, atuo como fotógrafa, assinando os registros visuais propostos para a produção da exposição fotográfica e do documentário. Minha função foi documentar através do audiovisual o cortejo e a brincadeira dos caretas, um papel importante, haja vista que temos poucos registros desse tipo.

**Patrícia Gomes (Mulé Colagista):** Eu participo do grupo, principalmente, pela proposta artística de produção das máscaras, pois a matéria prima utilizada na confecção delas é o papel, que é base para meu trabalho como colagista. Também tem muito a ver com o modus operandi desses grupos parafolclóricos que utilizam de forma muito criativa materiais

---

simples para poder fazer as suas ornamentações.

Quanto artista, tem sido uma experiência incrível a produção de máscaras, por ser um trabalho que posso usar minha própria persona para transmitir minha experiência como brincante, proporcionando o entendimento do brinquedo através de uma estética visual possibilitada por meio dos estudos e pesquisas da tradição. O contato com o grupo me deu a ideia de que os caretas são assustadores; ainda há uma aura de medo ao redor desses personagens enigmáticos, mas eles também são encantadores, possuem movimento e charme. Passar essa ideia através das máscaras me fez ter em mente a estética de assustadores, porém muito coloridos e vivos, chamativos, mesmo que cause medo.

**Carlê Rodrigues:** Minha atuação se dá nas mediações das formações e na estruturação do cortejo. Após a experiência no ano de 2019, percebemos a necessidade de consolidar a brincadeira de maneira que desse para realizar a vivência na rua sem descaracterizar a tradição, mas ressignificando alguns elementos de acordo com as propostas artísticas que foram surgindo, sempre a partir dos grupos tradicionais. Percebemos também que essa manifestação faz parte de uma memória coletiva. As formas de enxergar os personagens, a reprodução das vozes característica dos mascarados, as formas de locomoção, os sentimentos de medo e encantamento e o desejo de se expressar a partir do “persona”

---

mascarado é algo em comum entre os brincantes. A partir dessas observações, passamos a trabalhar o corpo dos brincantes como elemento principal para expressar as memórias de infância que davam vida a cada máscara, a cada brincante mascarado. Realizar uma oficina que reunisse exercícios e elementos que pudessem despertar essas memórias e fazer com que os participantes projetasse-na no corpo, foi um grande desafio. A cada encontro muitas observações e anotações eram feitas na tentativa de alinhar as ideias de cada convidado que trazia seu conhecimento para partilhar com o grupo. Assim, a pesquisa ganhou estrutura, ganhou música, movimento e ritual.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

**Michel Prudêncio:** É um momento de profunda vivência com a cultura popular. e compartilho com os artistas do meu tempo, artistas contemporâneos que também mergulham nesse estilo de pesquisa e de vivência artística. Trabalhar no grupo me enriquece enquanto artista que busca aglutinar as culturas do povo do sertão, principalmente, quando o homem utiliza uma máscara para fazer o teatro popular orgânico, da sua cultura de convivência com a natureza. Esse trabalho me enriquece e é referência para as outras linguagens em que atuo como por exemplo a música, tornando-se assim uma das experiências mais importantes da minha vida.

**Alexia Duarte:** O grupo de caretas do alto da bonita me possibilitou conhecer ainda mais uma tradição que desde criança me encanta.

---

---

Participar deste grupo enriqueceu meu entendimento sobre as tradições da minha região e a beleza que ela carrega. Tenho pretensões de futuramente lançar fotografias dos cortejos e possivelmente um livro documental com fotos e textos sobre a tradição. Espero continuar documentando os trabalhos do grupo por muitos anos.

**Bruno Rycelli:** Minha experiência com o grupo de caretas tem sido muito enriquecedora, veio num momento do meu processo de acúmulo de conhecimento cultural que é um processo diário que passamos. Eu sempre tive vontade de atuar nessa área, desenvolver e ajudar a desenvolver material para a área da cultura, sempre lendo e buscando acompanhar esse tipo de trabalho desde que eu era mais jovem. No curso de história, tive a proximidade com colegas que atuam na área e isso me possibilitou estudar mais e me engajar mais no meio cultural até a oportunidade de participar do grupo de caretas do alto da bonita. Está sendo um trabalho importante para a evolução cultural, no resgate dessa tradição, revivendo-a e mantendo sempre viva, atuante e ativa. Me possibilitou encontrar novas pessoas dentro da vivência, levar a proposta para a academia e trazer a academia até esse trabalho também. É um grupo muito engajado e qualificado e que por ventura não pode finalizar o trabalho em 2020, devido a esse momento de pandemia. Porém, nós estávamos muito focado nas oficinas, trabalhando a parte do corpo, da pesquisa, da integração e da interiorização da pesquisa no quesito de manter

---

---

sempre viva essa tradição que está bem distante da realidade, já que sofreremos um processo constante de tentativa de se domar a arte, de tentar enjaulá-la, tentar enlatá-la e usá-la como produto apenas para obter lucro. Apesar disso, tem muitos jovens envolvidos no trabalho, dando a arte o que ela sempre foi, um meio para ultrapassar barreiras, pular muros. Se expandindo e mostrando que arte e cultura nunca morrem, elas podem adormecer por um tempo, mas não morrem. Somos nós que pegamos com a mão e levamos esse trabalho adiante. Pretendo levar isso para os meus filhos e para as gerações futuras sempre enaltecendo nossa regionalidade, nosso Nordeste, nosso Brasil. Viva a Cultura! Viva a Arte!

**Patrícia Gomes (Mulé Colagista):** Diferente dos outros brincantes, eu não tinha a identidade dos caretas, essa figura quase “bruxelante”, assim no imaginário das pessoas do nordeste, não fazia parte de meu próprio imaginário porque não nasci no Nordeste. Não tinha até então essa vocação dessa manifestação, para mim isso era distante, folclore que não fazia parte da minha própria cultura. Quando entrei em contato com o grupo, percebi que as outras pessoas que chegavam para participar já tinham um interesse no tema, por causa dessa vocação inconsciente da brincadeira dos caretas, o medo, o espanto e o encanto que causa já era comum para eles. Me senti atraída pela força e o poder de uma história que não se tem registro exato de onde começou ou quem começou, mas sabe-se que é pagão, é popular, e as pessoas

---

acham bonito. Acho que esse interesse vem do fator fantasia e máscara, que traz um status anônimo ao brincante como também uma liberdade. A pessoa se desliga do que ela é para ser outra coisa que só existe ali. O meu primeiro contato com essa tradição já foi participando da brincadeira, então eu tive que descobrir como me comportar, como falar, como interagir com as pessoas, diferente dos outros brincantes que já tinham essa noção, uma ligação quase emocional com a brincadeira.

**Carlê Rodrigues:** Antes de tudo, esse é um espaço que nos conecta com nossos ancestrais, que nos permite refletir sobre como estamos respeitando os espaços ritualísticos independente da tradição, um espaço que nos conecta com o outro de uma maneira fluida. Ouvir a vivência de cada pessoa a cada encontro é muito valioso. Entender, a partir dessa imersão no grupo de caretas, que cada movimento da cultura popular deve ser valorizado tal qual sua estrutura e modo de fazer, foi um passo importante e, a partir disso, perceber que criar vínculo com a cultura popular local e incentivar essas produções fará com que elas se perpetuem de geração em geração.

---

**Observações em geral**

**Biografia Michel Prudêncio:** Artista da música e do teatro Popular, desenvolve trabalhos de pesquisa com a cultura popular como os Humbertos - Caravana Cearense do Baião, show musical "Prudêncio e Baião de Terreiro". No teatro, foi membro do Grupo Ciranda de

---

---

Teatro, Companhia Ortaet de Teatro e é membro do Grupo de Caretas do Alto da Bonita. Desenvolve uma pesquisa teatral acerca da violência da infância dos anos 90 no monólogo "O Circo da Rua de Baixo". É historiador em formação pela Universidade Estadual do Ceará em parceria com a Universidade Aberta do Brasil.

**Biografia Carlê Rodrigues:** Atua profissionalmente como Narradora de Histórias na Biblioteca Pública Municipal Dr. Matos Peixoto (Iguatu/CE), com formação pela Escola de Narradores do Cariri e SENAC Iguatu, faz parte da rede de contadores de histórias do Ceará, atua também na área de produção cultural. Militante da cultura desde 2006, contribuiu com diversos coletivos culturais como a Associação Ortaet de Teatro (2007/2016), Coletivo de audiovisual TENTAME (2017), Coletivo Cerebral (2018) e desde 2016 integra o Coletivo Camaradas (Crato/CE). Além de pesquisar a brincadeira dos Caretas da Semana Santa no grupo de projeção parafolclórico caretas do Alto da Bonita, também desenvolve uma pesquisa-ação artística sobre o Vento do Aracati.

---

Foto: Caretas do Alto da Bonita.



Fonte: Alexia Duarte.



# 5

## Literaturas e trânsitos textuais





## Propostas de leitura de poesia erótica de autoria feminina

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Maria do Socorro Pinheiro

**Maria Socorro Pinheiro** possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (1997), Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2006), Doutorado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2015) e Pós-Doutorado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (2019). Atualmente é professora Adjunta da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iguatu FECLI/UECE. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura popular, poesia erótica, lírica feminina. É docente permanente do Mestrado interdisciplinar em História e Letras MIHL/UECE.

---

#### Informações da organização

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu- FECLI/UECE.
--	---

---

## Sistematização da(s) proposta(s)

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Erotismo Corpo Sexualidade Amor Liberdade
<b>Objetivos</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Apresentar a poesia erótica de autoria feminina como um gênero importante no processo de formação do leitor.</li><li>2. Ler a poesia erótica de autoria feminina em sala de aula, por meio de diferentes modos de leitura.</li><li>3. Desenvolver atividades de leitura que promovam a aproximação do leitor com o texto e a construção dos sentidos.</li><li>4. Discutir a temática erótica presente em outras formas de linguagem, pelo viés interdisciplinar e transdisciplinar que os diferentes textos verbais e não verbais suscitam.</li></ol>
<b>Conteúdos/seqüência didática a ser abordada</b>	<p>Eis algumas metodologias de leitura que podem ser utilizadas em sala de aula como forma de trabalhar a poesia erótica de autoria feminina. São práticas simples, mas se bem desenvolvidas tendem a ter um efeito satisfatório.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Antes de qualquer atividade com os(as) alunos(as), o(a) professor(a) deve fazer a leitura dos poemas eróticos de autoria feminina e selecioná-los, para em seguida apresentá-los. A leitura do(a) professor(a) é imprescindível</li></ol>

---

---

nessa etapa de escolha dos poemas, para saber quais deles são mais adequados aos(as) alunos(as). Cada sala de aula, tem sua especificidade e o(a) professor(a) ao conhecer sua turma de alunos(as) escolhe os poemas que podem ser trabalhados, sem causar tanto alvoroço, pois a temática suscita curiosidade. “É o professor que conhece sua turma e sabe que poemas indicar, que tipo de discussão pode estimular e como procurar sensibilizar os leitores mais recalcitrantes”, nos adverte Pinheiro (2018, p. 124).

2. Uma boa forma de começar o assunto em sala de aula é o(a) professor(a) perscrutar se alguém da turma já leu poesia, sem definir a temática. Em caso afirmativo, qual foi a poesia e motivar o(a) aluno(a) a falar sobre o que leu e como foi sua experiência leitora. Muitos(as) alunos(as) vão se sentir à vontade para relatar suas preferências de leitura, outros nem tanto. É bom que falem, sejam estimulados(as), pois assim o(a) professor(a) terá mais condição de introduzir a leitura dos poemas.

3. O(a) professor(a) pode distribuir os poemas eróticos (iguais ou diferentes) formando pequenos grupos para a leitura e discussão. Cada grupo escolhe o poema, que deve ser lido em voz alta, repetidas vezes, por três ou mais

---

---

alunos(as), para exercitar a melhor forma de leitura. Essa atividade pode ser feita várias vezes.

4. Solicitar que cada grupo faça a leitura dos poemas e discuta a construção dos sentidos do texto, mostrando trechos do poema que mais tenham chamado atenção do leitor. Metodologia que faz o(a) aluno(a) interagir com o texto e expressar o pensamento. Uma forma de inserir os(as) alunos(as) na leitura é adotar a leitura individual e depois deixar que cada um(uma) diga, ao seu modo, o sentido do poema, sob a orientação e a mediação do(a) professor(a). Evidentemente que outras formas de leitura podem ser experimentadas e o professor(a) vai admitindo as que são capazes de causar neles(as) curiosidade, inquietação indagadora e inclinação ao desvelamento de algo, como nos adverte Paulo Freire (1996).

5. Formar rodas de conversa com os(as) alunos(as) para ler os poemas e discutir a relevância da produção de autoria feminina, sobretudo a de temática erótica. Cada aluno(a) poderá citar nomes de poetisas de épocas e estilos diferentes, ampliando seu repertório de leitura.

---

---

6. Relacionar a poesia com outras linguagens (música, teatro, pintura). O professor pode relacionar poesia e música cujo tema seja semelhante. Para exemplificar, o poema *Despejo* de Aíla Sampaio e a canção *Eu te amo* de Chico Buarque. Alguns poemas de Elisa Lucinda podem ser dramatizados dentro de uma ambiência que requer antecipadamente decoração planejada pelos(as) alunos(as). Pinheiro (2018, p. 46) nos orienta sobre a montagem teatral, afirmando que “pequenas encenações possibilitam um corpo a corpo com o poema, com a experiência de interpretação adequada, que pede inúmeras leituras e releituras individuais, afora os ensaios coletivos”. É uma atividade que faz o(a) aluno(a) descobrir seu potencial, vencer a timidez, interagir com outros colegas e despertar o gosto pela leitura.

7. A poesia também pode ser trabalhada ao lado da pintura. O(a) professor(a) pode selecionar algumas telas, apresentá-las em datashow e fazer uma abordagem interartística, discutindo a relação entre a poesia e a pintura. Essa proposta aponta para um estudo interdisciplinar, intersemiótico, intertextual. Para exemplificar, os poemas *Dúvida* e *Gosto Maior* de Regine Limaverde com a tela o *Jardim das Delícias Terrestres* de Hieronymus Bosch.

---

---

8. Os poemas podem ser trabalhados por meio de fotografias, pinturas em telas, debates. Toda a atividade deve ser produzida pelos(as) alunos(as) e sob a orientação dos(as) professores(as) de artes, literatura e língua portuguesa. Para finalizar, o(a) professor(a) pode solicitar uma exposição das fotografias e telas produzidas pelos(as) alunos(as).

9. Trabalhar os diferentes modos de ler o poema (leitura individual ou em grupo, em voz alta ou silenciosa). “A prática da leitura em voz alta é um instrumento importante para uma aproximação ao poema e, no contexto da sala de aula, quando bem realizada, pode despertar o interesse de muitos leitores” (PINHEIRO, 2018, p. 32). É importante que o(a) professor(a) observe como os(as) alunos(as) recebem a poesia, para em seguida orientá-los(as) na forma de ler, de conhecer o poema, de se emocionar e de se surpreender com a leitura.

10. Realizar saraus na sala de aula, no pátio da escola e na biblioteca. Essa atividade pode ser feita também no contraturno escolar. A biblioteca deve ser o lugar mais frequentado pelos(as) alunos(as). Os saraus realizados na biblioteca tornarão esse espaço vivo, atraente e necessário ao leitor.

---

---

11. Nesse campo da oralidade, o cordel de autoria feminina deve ser levado para sala de aula, como os cordéis de Dalinha Catunda, Lindicássia Nascimento, Josenir Lacerda, Vania Freitas, entre outras cordelistas. A leitura dos cordéis pode ser feita de forma coletiva ou cada aluno(a) pode ler uma estrofe alternando com outros(as) colegas. O(a) professor(a) pode preparar com os(as) alunos uma feira de literatura de cordel e convidar os/as cordelistas da cidade para declamar poemas e serem entrevistados pelos(as) alunos(as).

12. Criar blogs contendo material literário para que os(as) alunos(as) acessem e divulguem o que estão lendo. A indicação de leitura do dia ou da semana no blog ajudará muito os(as) alunos(as) a lerem também e a expandir o repertório de leitura. É importante motivar os(as) alunos(as) na criação dessa ferramenta.

13. Fazer um mural com os poemas eróticos de autoria feminina, criando uma convivência diária com a leitura de poesia. A cada poema fixado no mural, um(uma) aluno(a) deve ler para os(as) demais colegas.

14. Organizar antologias poéticas de autoria feminina com a participação

---

---

dos(as) alunos(as). As antologias favorecem as atividades com o texto em sala de aula. Elas podem ser feitas por temáticas (alunos(as) podem escolher quais os temas), por autoras (a escolha também deve ser feita por eles(as), sob a orientação do(a) professor(a), por escolas literárias (antologia poética modernista), por épocas (antologia poética do século XIX ou do século XXI), entre outras formas, de modo que atenda a carência do(a) aluno(a).

15. Discutir com os(as) alunos(as) sobre a literatura erótica e os possíveis preconceitos existentes em torno dessa temática. Mostrar com clareza o sentido do erótico, como umas das experiências humanas, e sua relação com a poesia. Para esse momento, pode-se fazer um seminário ou até mais de um, caso haja necessidade, reunindo alunos(as) e professores(as) e se possível os pais dos alunos. É importante que as dúvidas sejam debatidas e esclarecidas em relação ao erotismo e ao pornográfico.

---

**Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)**

As propostas de atividade (metodologias) devem ser desenvolvidas durante todo o ano letivo. Mensalmente, o(a) professor(a) escolhe três ou quatro poemas, usando alguma das metodologias, para serem lidos e discutidos em sala de aula, de modo que todo mês, os(as) alunos(as)

---

---

possam ter três ou quatro aulas de leitura de poesia, seguindo as propostas indicadas, que podem também ser adaptadas conforme as condições de cada sala de aula.

---

**Procedimentos metodológicos**

As propostas de leitura estão centradas no procedimento metodológico de natureza qualitativa, observando o comportamento e a necessidade dos(as) alunos(as) mediante as atividades de leitura. Para tanto, o(a) professor(a) pode escolher qualquer uma das propostas e desenvolvê-las durante o mês, de modo que haja interação e vivência com o texto poético. Contudo, tais propostas tornam-se desafiantes para o(a) professor(a), caso não tenha sido treinado/formado para esse tipo de educação literária.

Diante de tantos falsos e exacerbados moralismos e de uma educação ainda muito castradora e fragmentada, o que representaria a poesia erótica de autoria feminina em sala de aula? Essa pergunta nos faz sustentar a seguinte tese: A leitura de poesia erótica de autoria feminina na escola assegura um caráter de resistência diante do grande monopólio instalado pelo sistema de ensino cuja base ainda está alicerçada no patriarcado. Essa prática de leitura é uma tentativa de desfazer todo e qualquer tipo de negação do talento e da versatilidade das mulheres diante das

---

---

diferentes temáticas, principalmente dos temas transgressores para elas. A criação de uma agenda de leitura de poesia de autoria feminina na escola está instituindo ao leitor o cumprimento de um direito e à autoria feminina a ocupação de um lugar.

Notadamente, necessitamos de uma discussão na escola envolvendo pais, professores e gestores, para refletir sobre o lugar da autoria feminina na escola e ainda discutir propostas de leitura de poesia erótica, de modo a desfazer possíveis resistências e preconceitos. Há quem diga que tal proposta incentive os alunos ao sexo, no entanto José Paulo Paes defende em seu livro *Poesia Erótica em Tradução*, que “se não seria melhor ir diretamente para a guerra em vez de ler um poema épico, ou cometer diretamente um crime em vez de ler um romance policial” (PAES, 2006, p. 14).

O leitor, portanto, está diante de um saber que representa as vivências e os sentimentos humanos, “supor que um poema erótico digno do nome de poema vise tão-só a excitar sexualmente os seus leitores equivale a confundi-lo com pornografia pura e simples” (PAES, 2006, p. 15). Embora não seja unanimidade entre os estudiosos a distinção entre o erótico e o pornográfico, Paes (2006) registra a diferenciação um do outro ao menos

---

	quanto à noção de efeito. Na literatura pornográfica o efeito é “comercialismo rasteiro” e na literatura erótica “é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica” (PAES, 2006, p. 15).
<b>Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)</b>	Livros, antologias, computador, data show, slides.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Alunos e professores
<b>Parcerias/articulações</b>	Escolas públicas e privadas de Ensino Médio.  Grupo de Poesia e Leitura - FECLI/UECE.  Projeto de Extensão POESIA NA SALA DE AULA: DISCUTINDO PROPOSTAS METODOLÓGICAS.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	A proposta envolverá o público leitor em diferentes atividades de leitura, despertando seu interesse para a poesia de autoria feminina.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	As propostas de atividade de leitura de poesia podem se vincular a outras disciplinas escolares, como artes, história, filosofia, formação humana, língua portuguesa, atendendo ao que propõe Morin (2014), sobre um conhecimento articulado, em conexão com outras áreas. Somos seres complexos, necessitamos do estudo da

---

	linguagem em seus mais variados aspectos “sob a forma mais consumada, que é a forma literária e poética (MORIN, 2014, p. 43).
<b>Formas de Financiamento</b>	Não se aplica
<b>Formas de Avaliação</b>	Não se aplica
<b>Materiais didáticos e referências</b>	Antologias Poéticas. Vídeos. Livros. Músicas. Pinturas. Quadros. Fotografias. Blogs, etc.

---

#### REFERÊNCIAS:

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- PAES, José Paulo. *Poesia Erótica em tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.
-

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

Depois de verificar a ausência de leitura de poesia em sala de aula, proveniente de um ensino cujo modelo precisa passar por reformulações, vimos a necessidade de propor metodologias que pudessem atender a necessidade dos alunos.

As propostas de leitura têm sua gênese a partir de leituras e pesquisas e, ainda, de experiências como docente, possibilitando-nos a constatação de agendas pedagógicas, que se alimentam de atitudes excludentes, tradicionalistas e que visam apenas a lógica do lucro. Tais atitudes se distanciam largamente daquilo que propomos para a leitura de poesia.

Acreditamos que as propostas minimizem as lacunas existentes no ensino de poesia e possam despertar, efetivamente, o interesse pela leitura de poesia.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

Essas metodologias possivelmente levem o(a) aluno(a) a ler, a ter contato mais próximo com o texto, a descobrir o universo da leitura, a explorar a beleza que a poesia expressa, no entanto, é preciso motivação. Sem que o(a) professor(a) provoque o(a) aluno, muito provavelmente, ele(a) não terá interesse sozinho. Lembra Paz (2012, p. 48) que “a poesia vive nas camadas mais profundas do ser, enquanto as ideologias e tudo o que denominamos ideias e opiniões são os estratos mais superficiais da consciência”.

---

---

A escola, portanto, não pode se esquivar de possibilitar ao(a) aluno(a) o contato com a poesia, de estimular as “camadas mais profundas do ser”, e isso somente ocorre “pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível” (MORIN, 2014, p. 45).

---

**Observações em geral**

Essas propostas são possíveis de realização na sala de aula. O(a) professor(a) é o mediador(a) de todas as atividades de leitura e nessa operação há o que chamamos de intervenção metodológica. Se algo não deu certo na aprendizagem dos(as) alunos(as), é importante rever a necessidade dos(das) alunos(as), a postura docente e o projeto de ensino da escola.

É preciso detectar os problemas no ensino e cuidadosamente observar suas consequências, quem são os mais prejudicados, quais os danos e quais as ações para enfrentar as dificuldades na aprendizagem. Se soubermos quais os problemas e seu nível de complexidade, teremos condições de refletir sobre ações estratégicas, que ressignifiquem o ensino, a partir de um enfrentamento coletivo. E a leitura é a estratégia mais eficaz, o ponto chave para o desenvolvimento do intelecto nas mais variadas atividades humanas.

---

## Laboratório de Escrita Criativa - Alargando Horizontes

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Jonas Mateus Ferreira Araujo  
Monique Cordeiro

**Jonas**, bixa nordestina, ensaiando formas de agir no mundo que desconstruam as colonialidades. Construindo minha identidade indígena desde o território de nascença, e na rua me gritam negro. Professor de português brasileiro na rede básica de ensino no estado do Ceará, bacharel em Serviço Social, especialista em Ensino de Literatura e mestre em Estudos Latino-Americanos (UNILA).

**Monique Cordeiro**. Sou professora de Língua Portuguesa na rede estadual do Ceará há dez anos, tenho mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Nesses anos, minha prática tem se transformado à medida que reflito sobre as questões de raça, gênero e classe social. Sou uma mulher cis que tem se conectado com a sua ancestralidade negra e indígena. Acredito na arte, no livro e na leitura como formas de transgressão. Nos últimos anos, tenho sido escritora, contadora de histórias, atriz e participante/mediadora de projetos de escrita criativa. Em 2019, coordenei um espaço de formação de professores/as na Bienal Internacional do Livro do Ceará e participei da comissão de Seleção de Acervo Bibliográfico da Biblioteca Pública do Ceará no mesmo ano. Atualmente faço uma Especialização em Escrita e Criação na Universidade de Fortaleza.

---

Começamos apresentando algumas motivações que nos levaram a escrever essa proposta.

Monique: Faz algum tempo que venho refletindo sobre a escrita na minha vida. Passei algum tempo pensando em “por que eu escrevo”? E essa pergunta me acompanhou e me acompanha ainda. Acredito na escrita como forma de traduzir-se. É um modo de estar num mundo, ser livre para ser quem se é através daquilo que escrevemos. A escrita nos possibilita lembrar quem somos. Ela também nos conta história sobre nós que, às vezes, tendemos esquecer. Penso em Cecília e Clarice que estavam em constante processo de pensar suas escritas. Nesse instante que existe agora, podemos escrever e registrar a história que vivemos ou que queremos inventar. Num tempo do “quando”, imaginamos o que seria possível e também impossível, imponderável na existência do “hoje da realidade”, mas possível no “quando da imaginação”. Penso em Conceição Evaristo que fala de sua “escrivência” e afirma que a nossa história tem de ser contada por nós e para nós. Reescrever narrativas, subverter, revolucionar. Utilizar nossa vivência para reafirmar quem somos, de onde viemos e trilhar os caminhos para onde vamos.

Então, no meio desse processo, o convite. Um convite para pensar e compartilhar a escrita desse material. Pensar em um Laboratório de Escrita que vá além das reflexões de escrita. Pensar coletivamente num espaço (coletivo) de reflexão, partilha e escrita de experiências libertadoras. Ou de experiências dolorosas que possam ser transformadas em palavra livre e poética. Pensar que posso contribuir com sugestões de práticas transgressoras que visem a libertação de si me motiva a trabalhar, a pensar, a escrever. Através da escrita e da reflexão sobre ela e sobre nossas existências, escrevemos a nossa liberdade, desenrolamos os nós da história que nos colocam em condições de subalternidade. Escrevemos e transgredimos. Reescrevemos e reafirmamos a nossa existência como somos.

Sendo assim, escrevo para reafirmar minha existência, para ampliar voz de mulher que vem se reconectando à sua identidade e ancestralidade. Além disso, escrevo para devorar e digerir o que

ao longo do tempo tenho percebido sobre o impacto de ver, viver, sentir e refletir sobre as questões de raça, classe e gênero. Pensar um Laboratório de Escrita que amplie horizontes discutindo essas questões se mostra como uma possibilidade de resistência e de afeto nos dias de hoje. Encontrar um espaço em que podemos falar sobre essas descobertas e ainda escrever me interessa, pois acredito que compartilhar escrituras seja um ato de amor.

Jonas: Uma das motivações da escrita desse material foi a minha participação em um Laboratório de Escrita Criativa na UNILA onde aprendi muito. Pela primeira vez, senti meu trabalho literário reconhecido, mas foi preciso passar pelo reconhecimento de pessoas da academia, em sua maioria brancas, para que pudesse reconhecer essa importância. Porém, como participei do projeto durante todo o ano letivo de 2018, esse período foi suficiente para perceber que essa branquitude só legitimava o que eu escrevia desde que não existisse uma crítica ao racismo. Pois numa dada situação em que mencionei que parte da minha poesia literária erótica era inspirada nas problemáticas das relações inter-raciais que tive com pessoas brancas, escutei que isso não fazia muito sentido porque vivemos num país de muitas misturas, onde todas as pessoas se relacionam. Ou seja, silenciamento, pois para parte daquelas pessoas não existe racismo e o mito da democracia racial não é tão mito assim.

Escrever é um ato de liberdade e libertação, desde que não hajam muitos filtros e preocupações sobre quem vai ler, desde que escrever seja pacto de fidelidade consigo mesmo/a. A mão está ligada diretamente ao chakra do coração, esse ser que pulsa nossa vida e alimenta cada parte da nossa existência cotidiana, escrever sentimentos pode ser terapêutico, inventá-los, também, a poesia não precisa ter compromisso com a realidade, aliás não precisa ter muitos compromissos a não ser com ela mesma, o que não significa os bordões parnasianos da “arte pela arte” ou que ela precisa ignorar a realidade em que pisa e voa, ao contrário, daí deve partir. O que quero dizer é que a poesia também está em não dizer porque sendo quem somos algumas coisas podem ganhar na poesia ao não

serem ditas. Estamos em outro tempo em que cresceu o tensionamento para acabar com as imaginárias barreiras entre quem diz e o que é dito, entre a arte e o seu criador. Muita arte é feita só com a existência, porque as pessoas brilham e as palavras quando são poesia é porque estão de roupa nova, ou de roupa velha, ou com a roupa que convém para o sabor do que se diz.

Escreve quem conhece, e o caminho para conhecer é um sem fim, seja conhecer nós mesmos/as ou o mundo, que é coisa grande demais para terminar em palavras. Por isso importante é o caminhar, caminhamos com a escrita na medida em que nos permitimos experimentar, deixar fluir, nos julgar menos e nos preocuparmos menos com os julgamentos alheios. Isso vale de uma forma mais intensa para as pessoas que são historicamente mais marginalizadas, como a população trans e travesti, mulheres e homens negros, LGBTQI+, mulheres brancas e demais pessoas em situação de pobreza. Porque como bem diz nossa mestra Carolina Maria de Jesus quem tem fome não consegue sonhar. Então escrever, que é uma forma de sonhar acontecendo, também é difícil.

## **Vamos às OFICINAS**

As propostas que veremos aqui são alguns estímulos, talvez os primeiros passos para algumas pessoas, o avanço nos passos de outras, ou algo que não se pode mensurar porque é isso que acontece quando uma coisa cai no mundo, né?

A ideia é que as propostas de escrita possam acontecer em qualquer espaço, nas escolas, com amigos em casas, em coletivos, movimentos sociais, ONGs, grupos artísticos, em qualquer lugar que tenha pessoas interessadas em escrever! Esse é o único pré-requisito: ter vontade de fazer. Outra possibilidade que pode ser experienciada é o uso das propostas ou de alguma delas com grupos de pessoas em contextos relacionados com atividades de escrita e leitura, no caso também podem servir de rega para uma semente adormecida em alguém que não sabia ou ignorava seu desejo de escrever.

Por isso também não falaremos de gêneros textuais, suas características e fronteiras, que as escritas possam ser fluidas e se por motivos específico alguma pessoa ou coletivo quiser trabalhar partindo de gêneros específicos, fiquem à vontade, esse também é um caminho possível, só atenção para não deixar as regras acadêmicas serem barreiras no fazer poético.

Pois bem, escrever é se conhecer porque a todo momento temos que escolher palavras, ordens, temas, cores, cheiros e cada escolha diz muito sobre nós. E se nos conhecemos um pouco mais do que habitualmente essa sociedade nos prepara para esse caminho, as escolhas ficam mais conscientes, assim é importante não ter medo desse caminho e saber “usar” a escrita como ferramenta de lançar a voz no mundo, quebrar silêncios fabricados.

É fundamental também que seja dito que a ordem e as informações que aqui aparecem não precisam ser consideradas em sua totalidade, esteja atento/a à sua realidade e o que melhor pode ser feito nela. Também pode ser tomado em conta que as oficinas não precisam ter um fim, no sentido de que algumas podem ficar em aberto representando projetos maiores para cada pessoa, ou podem estar em andamento ao mesmo tempo em que outras podem iniciar, pois os textos não tem fim, tem pausas quando assim é decidido.

## **1º OFICINA: História de vida.**

Uma sugestão de primeira atividade é fazer a Oficina de História de Vida que aparece ao final do Plano de Formação Educação e De(s)colonização neste mesmo material. Ela pode ser um bom caminho para descobertas e caso seja um grupo novo, pode ser uma boa forma de se conhecerem um pouco mais.

A oficina de Projeto de Vida está direcionada para outras reflexões que não as somente literárias, então é sugerível que esse seja um momento, talvez introdutório, para que cada pessoa pense qual o seu projeto literário, sobre o que lhe cai melhor escrever, quais temas que te atravessam e de que forma eles podem ser geradores de ação.

**2º OFICINA:** Coletar histórias da família, trabalhar ancestralidade.

Essa oficina pode ter muitos caminhos, um bom começo pode ser olhar álbuns fotográficos caso sua família tenha, visitar familiares, conversar sobre as pessoas mais velhas que estão aí. Tentar descobrir o nome dos familiares que você não conhece e aparecem em fotos, e mais que isso, é importante resgatar memórias não registradas e que podem ser contadas pelas pessoas mais velhas, tente fazer a sua árvore genealógica, quanto mais longe (ou seria perto?) você conseguir ir, é provável que mais descubra sobre suas raízes.

Nessa oficina é importante trabalhar a ancestralidade, quem são as pessoas que alicerçaram suas bases para que você exista hoje. Quais são suas raízes indígenas, e afro-brasileiras, ou sua família tem mais descendência com a população branca? Se você não for uma pessoa que é lida socialmente como branca (se já te disseram negra/o), esse pode ser um momento para descobrir mais sobre sua história, apesar do grande apagamento histórico que a colonização causou, é possível mergulhar nesse passado e tentar descobrir esses caminhos apagados, muitas vezes as pistas estão dentro de nós. Se você é lida/o socialmente como branca/o, também pode fazer essa busca, sempre há o que aprender com nossas/os ancestrais.

Aproveitar o momento de reflexão a partir das aproximações que as formas de estar no mundo dos nossos antepassados para rever, tensionar e transformar as relações cotidianas de alienação que a sociedade capitalista, racista e cisheteropatriarcal nos impõe!

**3º OFICINA:** Dialogar com a comunidade, ver histórias que lhe inspiram.

Na infância tinha um senhor negro aqui na comunidade que pedia para as crianças encontrarem os maiores e mais gordos sapos, em troca ganhávamos refrigerante, e ele fazia remédios com as banhas dos sapos, até pouco tempo atrás ainda era possível encontrar esse senhor pelas ruas, nunca mais ele foi visto, mas a

questão aqui é que seria mágico conversar com ele, saber se ele teria interesse em contar algumas histórias para serem registradas. Outro elemento que pode ser explorado são as histórias que podem existir por trás dos nomes das cidades, dos bairros, das ruas, dos fenômenos da natureza. Como exemplo temos um texto elaborado a partir da história do vento de nome Aracati disponível no link <https://drive.google.com/drive/folders/10UAK5cKq7rnfMp8BdnKsHkkeuNgVGArU?usp=sharing>.

#### **4º OFICINA:** Contar a história do próprio nome.

De onde vem seu nome? O que pode ser inventado sobre a história dele? Seu nome desde sempre ia ser esse ou foi cogitado outro?

Nosso nome carrega uma história. Através dessa história, podemos descobrir sobre os desejos e expectativas geradas sobre nós. E, a partir disso, escrever ou reescrever o que o nome significa para cada um/a. Também podemos levantar questões sobre a motivação daquele nome, os aspectos da tradição de alguns nomes da família, se há algum viés religioso ou não.

O nosso nome carrega a força da identidade que temos ou que estamos construindo. É pelo nome que somos identificados/as e, por isso, saber de sua história ou inventar a que quer escrever sobre si é um passo importante na sua própria percepção.

#### **5º OFICINA:** Fotos que contam histórias

Essa oficina pode ter vários direcionamentos a partir das relações que as pessoas têm com as fotos, seu passado e seus significados. Apresentaremos aqui três sugestões de atividades a partir das fotos. Primeiramente o que pode ser feito é reunir fotos que são marcantes para sua história, e também aquelas que são enigmáticas por serem de situações que você não viveu, não conhece as pessoas ou não lembra muito bem da situação.

A primeira proposta de atividade é simplesmente **contar a história daquela foto**, o que aconteceu naquele momento, naquele dia, nas situações que antecederam o encontro das pessoas que estavam no dia, na foto. O que significou compor aquele momento, quais sentimentos existiam ali, o que pode ser sentido ao lembrar da situação, ao ver a foto. Lembrando que toda atividade é um caminhar para descobrir os seus caminhos na escrita, não espere que essa descoberta aconteça da noite para o dia, ela se faz no processo de escrita, então à medida que você vai escrevendo, é importante ir se percebendo nesse processo. O compartilhamento do texto com mais pessoas que escrevem para que possam trocar impressões sobre seus processos é importante porque a escrita não precisa ser um ato solitário.

Uma segunda atividade que pode ser feita a partir das fotos é a **invenção de situações a partir delas**, para quem não conhece o que está sendo retratado ali, qualquer história pode ser inventada, então essa também é uma possibilidade para explorar a criatividade e até mesmo desenvolver histórias no campo da fantasia que podem ter o caráter que você quiser, cômico, trágico, de terror, de magias, etc. As pessoas podem virar personagens de uma história que nada tenha a ver com elas, ou podem compor uma trama que se pareça com as suas vidas, mas que ganham outros contornos. Não se limitar a realidade no momento da escrita é uma boa forma de se desprender dos julgamentos que o mundo real pode impor, e assim esse pode ser um caminho para despertar criatividade.

A terceira proposição de atividade pode estar relacionada com as demais, pois consiste em realizar o processo de escrita em grupo, ou pelo menos em dupla, onde na situação em questão cada pessoa escolhe uma foto e troca com alguém e cada pessoa vai **escrever sobre a foto de outra pessoa**, nesse caso várias opções de escrita podem ser tomadas em conta. As pessoas podem conversar entre si sobre o que as fotos representam e a outra pessoa escreve sobre ela a partir do seu olhar sobre a situação. A escrita pode ser um processo mais descritivo e sensitivo, onde se busca tentar captar os

elementos mais visuais e como os sentimentos são retratados ali. A escrita também pode partir da imaginação, às cegas, sem conhecer nada sobre a história da foto e dar vazão à imaginação a partir daí.

As propostas de atividades podem ser feitas de maneira articulada, uma opção não exclui a outra, são sugestões que se complementam. Fica a critério de cada pessoa, ou da organização de vai trabalhar com as propostas, ver de que maneira as atividades melhor se encaixam no contexto que serão trabalhadas.

### **6ª OFICINA: Memórias da Plantação**

O título dessa oficina é inspirado na obra da escritora e artista visual Grada Kilomba. E a proposta da oficina é transformar a dor e os traumas causados pelo racismo em poesia, tentar reviver memórias de situações racistas e transpassá-las para as linguagens que podem ser vazão para esses sentimentos. Esse pode ser um momento para externalizar dores silenciadas, tornar público sentimentos que o racismo nos faz duvidar de sua veracidade, por transferir a culpa da violência para as vítimas. Esse é um exercício de autoconhecimento, mas é importante saber que mergulhar nessas memórias costuma ser doloroso, então só o faça se estiver bem o suficiente para começar essa viagem ou puder contar com ajuda de outras pessoas capacitadas para te acompanhar nesse processo.

### **7ª OFICINA: Carta - resposta ou “Matando um opressor”.**

Muitas são as situações de opressões vividas ao longo de nossa história. E em muitas dessas situações não temos oportunidade de nos posicionar e dizer aquilo que pensamos e sentimos. Uma vez que, muitas vezes, nossas vozes são silenciadas, é preciso encontrar espaços em que possamos reconhecer nosso valor, reconhecer e ouvir nossa voz.

A escrita permite criar espaço para dizer aquilo que não pode ser dito ou que não foi ouvido. Pensando num contexto de um Laboratório de Escrita, é também um espaço em que se pode e se

deve escrever endereçando a carta a um/a opressor/a. O que se gostaria de dizer? O que anda entalado na garganta que ainda não foi dito ou não foi escrito? É possível também a criação de narrativas em que se realize alguma ação ou resposta.

Imaginar ser possível se posicionar contra quem nos oprime, escrever e compartilhar com as demais pessoas é um momento catártico. Como diz hooks (2017), “ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro é um exercício de reconhecimento” (p. 58) e, acrescentamos, de solidariedade com a dor do outro.

### **8ª OFICINA: O que fala teu corpo?**

A proposição de escrita parte da existência de um corpo que muitas vezes é invisibilizado. Ou, em outros casos, objetificado como os corpos de muitas mulheres, de pessoas trans, travestis, negras e/ou indígenas. Desse modo, a oficina consiste em escrever a partir deste corpo que carrega histórias, memórias, cicatrizes. A investigação pode partir dos cabelos e seguir para outras partes do corpo, como olhos, boca, nariz, mãos, pés, ou outra parte que desejar, e da investigação para a escrita da descrição desse corpo, da narrativa dos afetos experienciados.

É possível, neste momento, além da leitura de textos para estimular essa reflexão, a utilização de músicas que possibilitem movimentar o corpo, dançar, e perceber sua articulação e seu estar no mundo. Considerando os escritos de hooks (2017), olhar para seu próprio corpo é uma forma de romper com o “legado de repressão e negação que nos foi transmitido” (p. 253) em diversos espaços, especialmente, o escolar.

### **9ª OFICINA: Amor**

As narrativas de amor estão (quase) sempre atreladas a um ideal romântico, que idealiza o amor e o distancia da realidade. Às vezes, nessa idealização há uma valorização do sofrimento, do

sacrifício e do abusivo. Através da escrita, podemos reescrever essa lógica e muitas vezes denunciar e expurgar o que nos fez sofrer. Além disso, em muitas narrativas de amor se enfatiza e se destaca comportamento e pensamentos cisheteronormativos que excluem as múltiplas expressões de amor.

Nesta oficina, propomos um deslocamento da forma de pensar o amor. A ideia é promover um debate a partir de livros, filmes e músicas que tratem do amor como possibilidade de cura e de cuidado consigo e com o outro, como já dizia bell hooks no seu artigo “Vivendo de amor”. Após esse momento de partilha, um momento para escrever uma narrativa fictícia ou autobiográfica, um poema, uma canção, sobre o amor e/ou sobre as experiências de amor.

#### **10ª OFICINA:** Meu lugar é meu.

A relação com a cidade, com o bairro, pode ser caminho de construção das nossas narrativas. Por onde andamos? Qual parte da cidade gostamos? Qual parte não gostamos? Cada parte dos lugares onde vivemos, nos encontramos, caminhamos, carrega um pouco de nós. Também fica registrado na memória e pode virar palavra.

A sugestão é lembrar de lugares da cidade ou do bairro por onde se caminhou e pensar nos sentimentos despertados. Também é possível pensar em personagens que nunca estiveram naquele lugar ou que já estiveram para mostrar sobre o olhar deles/as sobre aquele lugar, aquela quebrada, aquele gueto ou viela, sobre aquela rua, bairro ou cidade.

#### **11ª OFICINA:** Apresentação/ compartilhamento de textos - Sarau.

O último encontro pode ser uma festa literária. É possível pensar num espaço, comes e bebes, som e microfone para a leitura dos textos produzidos durante os encontros. Podem ser pensadas performances poéticas e apresentações musicais. É um momento de celebrar esse percurso criativo de escrita que culminou em texto

e muito afeto. E esse encontro não precisa necessariamente ser o último, ele pode ser apenas o encerramento de um ciclo de atividades. O fim pode ser o começo.

## **Referências**

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor** in <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> acessado em 22/05/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

## **Produção textual na universidade e letramentos sociais: um olhar a partir de grupos em situação de margem**

---

### **PLANO DE FORMAÇÃO**

Francisco Raule de Sousa

Sou **Raule Sousa**, atualmente atuo como professor de Libras e Produção Textual da Universidade Federal do Cariri e também sou tradutor Intérprete de Libras. Ao longo de minhas formações, sempre me envolvi com associações, conselhos municipais e estaduais, fóruns de debates e outras agremiações que pensam novas formas de vida e de um mundo melhor. Sair do armário, da caixa e de dentro das denominadas grades curriculares tem sido minha luta pessoal, profissional e de liberdade nos últimos 15 anos. Compartilhar com algumas pessoas um pouco de minhas ações é partilha, coletividade e o descortinar de formas diferentes de existir e resistir ao CISTema.

---

#### **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Instituto de Formação de Educadores IFE Universidade federal do Cariri – UFCA ( <i>Campus</i> Brejo Santo) - Turma de Produção Textual
--	---

---

#### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	A produção textual na universidade como oportunidade de repensar as
----------------------------	---

---

---

	<p>concepções de linguagem ao longo da formação escolar;          Texto para quê, para quem?          Texto e inclusão;          Letramentos Sociais, Letramentos de Reexistência;          A produção científica na área de ciências naturais e matemática;          Quais as contribuições das produções textuais dos diversos grupos sociais para a academia?</p>
<p><b>Objetivos</b></p>	<p>Oportunizar pessoas em formação (inclusive universitários jovens e adolescentes) a considerar as experiências de letramento de outros jovens também em processo de formação;          Gerar espaços de interação, via linguagens, entre jovens professores em formação de nível acadêmico e jovens em formação de nível básico;          Estimular professoras e professores em formação a não apenas lerem os textos de adolescentes, mas lerem experiências presentes também em suas manifestações culturais, tecnológicas, artísticas e experiências com outra língua, a Língua de Sinais.</p>
<p><b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b></p>	<p><u>A produção textual na universidade como possibilidade de (re)produzir, mas, principalmente, de receber textos de adolescentes;</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Inicialmente, as/os estudantes são levadas/os a refletirem sobre o</li> </ul>

---

---

porquê dos temas da redação do ENEM, por exemplo, ter o peso (peso-nota) que tem em seus ingressos na universidade e como as temáticas abordam questões sociais. É feita uma rememoração das problemáticas sociais das três últimas temáticas de redação através da apresentação de projetos sociais, de pesquisa e de extensão que buscam minimizar o problema.

O que adolescentes têm ouvido/lido/visto/vivido... que alimentam sua produção textual;

- Dentro da discussão realizada, as/os estudantes são levadas/os a pensar suas possíveis contribuições na academia para exercerem, na prática, suas propostas de intervenções dadas nas temáticas das quais dissertaram. Realizam levantamentos de projetos de pesquisa e de extensão universitária que dialogam com possíveis ações de intervenção e buscam se envolver nas atividades em uma construção de experiências e reflexões sobre seu papel enquanto professor/a em temáticas sociais.

Locais onde adolescentes publicam seus textos;

- Suas redes sociais e possíveis eventos que venham a participar ao longo do primeiro semestre de formação são elencados como

---

---

espaço de disseminação das novas ideias e de suas produções. São feitos levantamentos de alguns pequenos eventos de formação para que possam participar. A ideia, neste momento, é fazer circular seus textos, conhecer outras produções, pesquisas, atividades, possibilidades.

Abordar a publicação de textos não apenas em periódico acadêmicos, ou seja, voltados à produção científica, mas também “publicar” no sentido usual da palavra, nas redes sociais, em ambientes interativos de aprendizagem, em plataformas digitais etc.

- São elencadas palavras-chave dentro dos interesses de suas produções para que cada aluna/o consiga focar melhor suas leituras e participação em outras atividades que façam conexão com o componente Produção Textual. Em casos em que seja necessário ensinar sobre as características linguísticas de alguns textos acadêmicos como: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados, Discussão de resultados, Resumos... isso é feito a partir de seus próprios textos, de textos de professores da unidade acadêmica, dentro das temáticas sociais apresentadas.

---

---

A aula de português e de redação vista como o único espaço para produzir textos e a reflexão sobre as outras possibilidades de discutir linguagem em sala de aula e, de igual modo, refletir sobre as diversas formas de expressão da linguagem:

- Aqui, as/os jovens em formação são instigados a formarem outras/os leitores (futuras/os alunas/os) ainda que em suas aulas de Ciências Naturais e Matemática. São pensadas obras literárias que abordam ciências e matemática, contos, crônicas, filmes, teatro. Assim, serão sensibilizados a não suporem que somente nas aulas de “português” e “redação” é possível trabalhar leitura, escrita e diversas linguagens que agregam conhecimento através de possibilidades de entretenimento.

Como professoras/es de Ciências Naturais e Matemática podem contribuir com uma produção textual inclusiva a partir das experiências de letramento dos alunos e alunas. Poemas, Músicas, Vídeos aulas, Apresentações Artístico Culturais que falem sobre Ciências Naturais e Matemática.

- Algumas atividades realizadas visam fazer com que os professores/as das demais áreas se envolvam sugerindo experiências

---

---

que possibilitem às/aos jovens em formação a perceberem a construção do saber como ação transdisciplinar e mediada por experiências que atravessam áreas de formação.

**Obs.** Qualquer necessidade de abordar “Gêneros textuais, Normas da ABNT, Análise Linguística para sanar alguma dificuldade da escrita das/os estudantes são feitas a partir de seus próprios textos em plena construção e diálogo com outros em detrimento de normas prescritivas.

---

**Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)**

As discussões iniciais das atividades e a abertura das possibilidades de trabalhos encontram-se delimitadas, por questões de obediência sistemática da disciplina, dentro de 64 horas/aula, tempo esse previsto para a disciplina de Produção Textual. Entretanto, percebe-se que o desenvolvimento de ações que permitam ir além desse quantitativo de horas. Pelas atualizações, geração de atividades, acompanhamento de turmas e ações, o período de 1 ano é suficiente para que as atividades sejam desenvolvidas.

---

**Procedimentos metodológicos**

-Apresentação da proposta de trabalho;  
-Divisão de duplas de trabalho (As produções textuais individuais são muito limitadas e sobrecarregam muito a/o professor/a que irá ler os textos e dar dicas. Portanto,

---

construções coletivas são sempre uma boa opção, porém, é preciso atentar para o envolvimento de todas/as);

-Recepção dos Espelhos das Redações do ENEM ou de outros textos produzidos pelas/os alunas/os;

-Indicações de leituras;

-Elaboração de Lista de palavras-chave que possam estimular a leitura e a seleção de tema. Algumas palavras “INFORMÁTICA EDUCATIVA, CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, CIÊNCIAS E INCLUSÃO, EDUCAÇÃO DE SURDOS E CIÊNCIAS, GÊNEROS TEXTUAIS, CIÊNCIAS E SOCIEDADE, LETRAMENTO CIENTÍFICO, LETRAMENTOS SOCIAIS...”

-Levantamento de projetos e outras ações de disciplinas da universidade e ações da comunidade que dialoguem com as temáticas selecionadas.

**Obs.** Algumas das palavras elencadas na lista de palavras-chave são resultados de que em alguns semestres estive ministrando duas disciplinas diferentes em uma mesma turma. Isso me possibilitou realizar ações que faziam com que elas fossem interativas ao ponto das/os alunas/os não saberem onde

---

---

uma começava e a outra terminava. Por exemplo: “Informática Educativa” e “Produção Textual”, ao serem ministradas por mim em uma única turma, me permitia realizar ações de desenvolvimento de recursos educacionais tecnológicos em ambientes virtuais de aprendizagem para a produção textual de alunos surdos ou cegos e, ainda, demonstrar para as turmas como se dá a interação de alunas/os com necessidades educacionais especiais nesses ambientes.

---

**Recursos didáticos  
(meios digitais e físicos  
para realização)**

Google Drive (editor de texto coletivo);  
Computadores (Laboratórios de Informática)  
Celulares;  
Projeto Multimídia;  
Revistas velhas para recortes;  
Cartazes velhos de Campanhas Comunitárias.

---

**Sujeitos/as  
envolvidos/as**

Primeira etapa: Alunos e alunas do componente (disciplina) Produção Textual.  
Segunda Etapa: Alunos e alunas que selecionaram pesquisas e produções com temáticas que abordam grupos em situação de margem e alunos com necessidades educacionais especiais (Surdos, preferencialmente);  
Terceira etapa: Grupos em situação de margem e alunos com

---

	necessidades educacionais especiais (Surdos, preferencialmente).
<b>Parcerias/articulações</b>	<p>Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Brejo Santo;</p> <p>ABAFE – Associação Brejosantense de Apoio à Família (Transformada em Creche, ao longo da atividade);</p> <p>Instituto Wellington Landim (Oferta de aulas Pré-Vestibular para alunos e alunas do Ensino Médio);</p> <p>Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo (Ações e projetos escolares);</p> <p>Coordenadoria Regional de Educação – CREDE 20 (Ações e projetos escolares);</p> <p>Semana do Meio Ambiente da UFCA;</p> <p>PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) UFCA.</p> <p>Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Apoio financeiro de bolsas para participação dos alunos envolvidos em evento de divulgação da proposta).</p>
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	<p>Professores e professoras de Produção Textual em diversos cursos de formação de professores. Mas, além disso, quando a disciplina estiver inserida em Projetos Políticos Pedagógicos de outros cursos, como: Engenharias, Saúde etc. (Ou seja, como esses professores e professoras pensam a possibilidades da</p>

	<p>Produção Textual contribuir com a formação desses profissionais de modo a considerar expressões diversas de Linguagem).</p> <p>Outras/os professoras/es em formação.</p>
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	<p>Língua Portuguesa (Produção de gêneros textuais diversos);          Artes (Produção de Cordéis, Fanzines e Cartoneiras temáticas);          Ciências Naturais e Matemática (Propor formas mais lúdicas e inclusivas de ministrar essas disciplinas).</p>
<b>Formas de Financiamento</b>	<p>Auxílio eventos (os discentes da Universidade Federal do Cariri podem solicitar esse auxílio que, para eventos regionais, podem chegar a R\$ 200,00 por participante.)</p>
<b>Formas de Avaliação</b>	<p>No contexto da disciplina, optamos por realizar uma avaliação sistemática com base na criação de portfólios individuais de gêneros textuais e seções dos artigos produzidos pela turma. Esta era de caráter quantitativa para efeito de registros de notas no Sistema Acadêmico, mas, anteriormente, eram realizados momentos individuais para que as duplas de trabalho fizessem considerações qualitativas sobre seus textos e das demais duplas, inclusive propondo</p>

---

sugestões para a compreensão e readequação de público-alvo.

Ao realocarmos as atividades para outros espaços de participação e divulgação das ações, utilizamos avaliações com base na construção de relatórios das atividades desenvolvidas.

---

**Materiais didáticos e referências**

Trechos de textos das/os próprias/os alunas/os, sem identificação nenhuma.

Vídeos de redes sociais com as temáticas-problemas.

Músicas (Vide Anexos)

E-mails e redes sociais das/os alunas/as (Troca de vídeos e PDFs).

Cartazes de Campanhas Comunitárias.

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

Ao pensarmos em sistematização como organização das ideias de atividades a serem elaboradas e registradas para constar em um sistema informatizado, em relatórios escritos ou em diários, é importante que possamos perceber quais as reais necessidades de atendermos matrizes curriculares semi-prontas e de fazermos aquilo que o contato com as turmas vão nos dando de possibilidades criativas, principalmente, ao se lidar com a vivacidade da língua. Ou seja, ainda que exista qualquer sombra de exigência institucional, de

---

---

financiadores, de coordenações etc, deve ser dado a estes a atenção limitada para questões meramente burocráticas, entretanto, reconhecer a dinâmica e a importância de considerar as relações sociais que surgem na/pela linguagem, na/pelo seu ensino é trivial para o sucesso na formação de professoras/es que irão lidar com diversos contextos de juventudes.

Assim, nos registros iam as ações de modo mais formalizado possível, ainda que descrevesse, efetivamente, nossas ações, mas o foco era cumprir uma ementa e seus direcionamentos. À parte disso, as considerações sobre as diversas possibilidades de ações eram dialogadas ao longo do processo com as/os aprendizes, os projetos que se envolviam e com suas comunidades.

Exemplo: Para o Sistema Acadêmico: “Gênero textual resenha e resumo crítico e suas características linguísticas”.

Na prática: “Resenha de obras que tratam sobre a violência da população negra, LGBT e o preconceito (capacitismo) frente às pessoas com necessidades especiais.” Tanto realizando leituras como produzindo o gênero textual em questão.

---

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

As/Os jovens universitárias/os tiveram contato com experiências de letramento de outros jovens em processos de formação, inclusive Jovens surdos e surdas.

Os espaços de interação ampliaram possibilidades de aprendizagem como alguns participantes das atividades que realizaram minicursos de Libras e de outras temáticas relacionadas às discussões.

Tivemos, em alguns minicursos de Libras a presença de professoras e alunos surdos das redes municipal e estadual de ensino.

---

**Observações em geral**

Atualmente, estamos com o projeto “Cultura e Identidade Surda na Escola” com apoio e financiamento de uma bolsista remunerada.

Há um projeto de extensão na universidade que tem como objetivo trabalhar com jovens e adultos que concluíram o ensino médio, mas que não conseguiram ingressar na universidade. Trata-se de um cursinho pré-vestibular popular. Encontra-se em fase de seleção de público. Entretanto, o componente curricular de Produção Textual foi convidado para compor as aulas, a confecção de material de estudos e oferta de oficinas de texto, nas ações, serão envolvidas/os alunas/os do componente de produção textual.

---

## Anexos

Os anexos a seguir estão compostos por imagens denominadas “Não Publicadas” e “Publicadas”. A diferenciação e necessidade dessa identificação decorre da construção desse material ter sido feita em dois momentos: o de compartilhamento das atividades e ações do projeto junto ao pesquisador que reuniu todas elas, momento no qual foi construído um arquivo com imagens das pessoas envolvidas nas ações e, num segundo momento, este de publicação em livro, no qual se faz a exigência de expressa autorização das pessoas para que suas imagens sejam veiculadas no material.

Por haver pessoas envolvidas durante atividades externas à universidade, até mesmo de outras cidades e considerando que o contato com essas pessoas para solicitar autorização do uso de suas imagens inviabilizaria a publicação, uma vez que não teríamos acesso a todas, optei por excluir as imagens, mas descrever de modo breve cada uma delas. Assim, foi possível atender a um movimento urgente das publicações em geral no que se refere à áudio-descrição de imagens para pessoas com deficiência visual, aproveitei para descrever também as imagens publicáveis.

DESCRIÇÃO DE IMAGEM NÃO PUBLICADA: Início das atividades da disciplina de Produção textual no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática do Instituto de Formação de Educadores (IFE), da Universidade Federal do Cariri, *campus* Brejo Santo - CE. A imagem mostra alunos e alunas, em torno de vinte e cinco, dispostos à frente da sala de aula juntamente com o professor do componente Produção Textual e Libras. O ambiente de sala de aula mostra o quadro branco ao fundo e várias carteiras em um espaço bastante iluminado. A foto foi feita ao final da aula inaugural do semestre letivo 2019.1.

DESCRIÇÃO DE IMAGENS NÃO PUBLICADAS: Participação dos alunos Juliano Jovino e Heverton Carlos no evento X Semana de Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE). Apresentaram resumo científico da proposta de atividade da disciplina de Produção Textual sob o título: Produção textual na universidade e letramentos sociais: um olhar a partir de grupos de adolescentes em conflito com a lei, na linha de trabalhos “Linguística Aplicada às Práticas Discursivas”. Os alunos e alunas que apresentaram resumos no evento encontram-se dispostos à frente da sala, quadro branco ao fundo e parede em cor marrom, a foto foi feita ao final da tarde de apresentações.

DESCRIÇÃO DE IMAGEM PUBLICADA: Esse Cordel Científico foi criado por dois alunos da disciplina de Didática Geral. Os dois alunos marcados na postagem são Juliano Jovino e Daniel Brandon, ambos já haviam realizado a disciplina de Produção Textual e estavam envolvidos com os trabalhos sobre Produção Textual de Alunos cumprindo medidas sócio-educativas e alunos surdos, respectivamente. Ao produzirem esse material na disciplina de Didática Geral, me apresentaram com o Cordel justificando que foi a disciplina de Produção Textual que lhes deu base para pensarem a possibilidades de ensinar Ciências através da Cultura Popular. O *print* é uma postagem com o Tema do Cordel “O Sistema Solar”, letras e imagem em preto e branco. Imagem de um globo terrestre com pássaros, dinossauro, macaco e homem. Abaixo, as identificações dos autores “Alunos do 6º ano C”, da Escola Padre Pedro Inácio Ribeiro, o apoio da produção “Fátima Teles” e a identificação da instituição onde os alunos estudam “Instituto de Formação de Educadores - UFCA”.



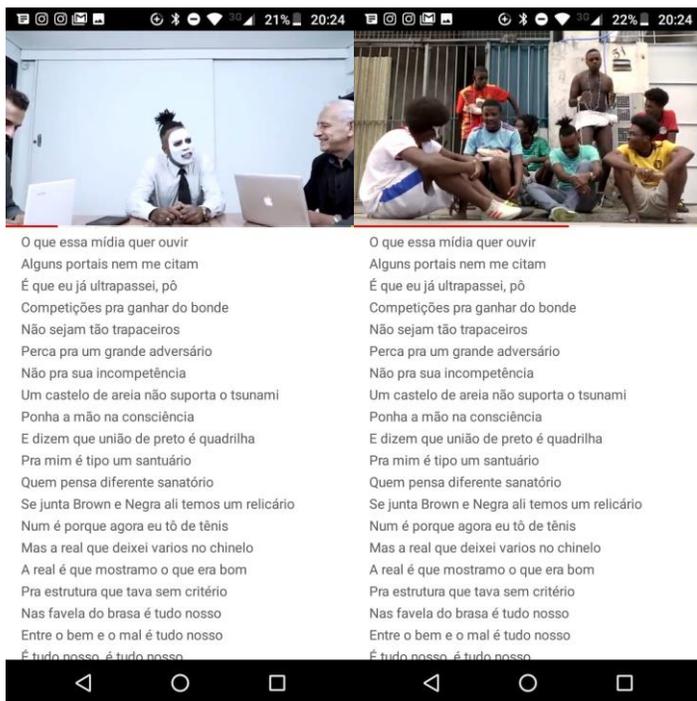
DESCRIÇÃO DE IMAGEM NÃO PUBLICADA: Um dos artigos elaborados na disciplina de produção textual estava relacionado às práticas inclusivas de alunos surdos e as contribuições da disciplina de Libras na formação de professores para receberem esses alunos surdos e como esses alunos possuem especificidades em suas expressões de linguagem e produção de gêneros textuais, as quais encontram-se atreladas à Língua Brasileira de Sinais. Na oportunidade, tanto as ações contribuíram

para a tradução voluntária para alguns surdos no Cursinho Pré-Vestibular realizado pelo Instituto Wellington Landim, voltado para alunos e alunas carentes, como recebemos visitas de um aluno surdo na disciplina para que este pudesse narrar suas experiências escolares. Na imagem não publicada, o professor da disciplina de Libras e intérprete de Libras realiza a interpretação para a Libras de uma aula para Jovens estudantes de Escola Pública do Município de Brejo Santo-CE.

DESCRIÇÃO DE IMAGEM NÃO PUBLICADA: Os alunos Juliano e Heverton participaram desse Minicurso que aconteceu dentro da Programação do Encontro do PIBID. O minicurso trouxe temáticas relacionadas aos projetos trabalhados pelos referidos alunos na disciplina de Produção Textual. Na ocasião, ampliaram seus conhecimentos possibilitando analisarem músicas de RAP e refletirem sobre suas letras, linguagem e manifestação de vida através da arte. A imagem não publicada é um cartaz de divulgação do minicurso “Filosofia da Periferia: um estudo sobre o Rap como instrumento de inclusão social”. No cartaz, estão presentes quatro ministrantes da atividade.

DESCRIÇÃO DE IMAGENS PUBLICADA: Uma das músicas analisadas tem seu *print* do *Youtube* feito abaixo. A descrição da imagem é: Um homem negro, com o rosto pintado de branco, está sentado em uma mesa junto a duas pessoas brancas, como se estivesse em uma ambiente de trabalho ou de reunião de empresa. Outro *print* mostra o mesmo homem negro sem a tinta branca no rosto sentado em uma calçada com vários outros colegas negros, aparentando estar mais à vontade em sua comunidade.

Trechos dos vídeos e letras de músicas trabalhadas no Minicurso. São elas: Expurgo – CypherBox 1 – Diomedes Chinaski, Nissin, Baco Exu do Blues & Rapadura e a música Hat-Trick – Djonga.



## SerTao: reaprendizagem criativa

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

José Cirilo da Silva Neto

Sou **José Cirilo**, tenho 25 anos, nascido, criado e morador da periferia de Olinda, negro, gay e professor de língua portuguesa. Nos últimos anos, além de todos os trabalhos voluntários em diversas modalidades do ensino, atuei como celetista em uma escola privada do ensino básico. Nesse lugar, firmei relação de amizade e parceria pedagógica com minhas companheiras da Ser Tao, Jessika Azevedo e Anamaria Medeiros, e também sofri perseguição pelo meu posicionamento político, à esquerda, e orientação sexual. Sobre isso ressalto que nunca houve debate em sala de aula sobre essas questões pessoais e subjetivas, entretanto todos os meus projetos pedagógicos, individuais ou em parceria, semelhantes ao que vos apresento, sofreram deturpação, intolerância e ataques violentos de censura (alguns responsáveis não autorizaram participação dos jovens a quem lhes cabiam a guarda, bem como a instituição, extremamente evangélica, tentava tolher minhas ações – o que não conseguia efetivamente, embora agisse como força prejudicial ao livre desenvolvimento pedagógico). Buscava incentivar, sim, a reflexão sobre as questões relacionadas à identidade cultural, direitos humanos, empoderamento do sujeito e sobre o cenário imediato do alunado, além de tantas outras questões correspondentes a uma educação democrática e contrária aos processos de higienização social. Por isso, sofri violência psicológica e moral, além de ter enfrentado a ameaça de agressão física e furto de pertences. A culminância dessas ações foi o meu desligamento voluntário da

---

---

instituição, o que impulsionou os processos de elaboração da SerTao, projeto ainda não consolidado. Com ele intentamos realizar, de modo autônomo, a educação democrática e contextualizada na vivência do alunado, que empodera o sujeito de seu meio e o faz reconhecer sua posição nele. Assim, seguimos semeando o respeito e acreditando na transformação a sociedade e o desenvolvimento do pensamento, para nos livrar do obscurantismo que nos sufoca e oprime. Tempos luminosos hão de SerTao!

---

### **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	SerTao: criativa	reaprendizagem
--	---------------------	----------------

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	O significado do espaço histórico-social e as relações humanas no nordeste do Brasil: uma investigação do escoamento da humanidade como consequência dos ideais modernos de desenvolvimento.
----------------------------	--

---

<b>Objetivos</b>	Desenvolver pensamento e método científico com foco em temáticas ambientais; -Relacionar aspectos científicos aos elementos literários; -Promover a conscientização quanto à relação do espaço geográfico com o espaço referencial; -Facilitar a reconstrução contextualizada e transdisciplinar do
------------------	--

---

---

espaço referencial das ações pedagógicas;

-Participar do desenvolvimento da consciência crítica e interdisciplinar;

-Favorecer a capacidade de perceber um mesmo elemento social por diferentes visões;

-Aguçar a percepção do sujeito enquanto agente social;

-Fomentar os multiletramentos;

-Promover o desenvolvimento do senso estético-literário;

-Proporcionar efetiva reflexão quanto às necessidades das ações humanizadoras;

-Estimular a percepção sobre os atos de humanizar;

-Relacionar o ambiente escolar ao ambiente social, desenvolvendo a noção de que as ações escolares estão no bojo da sociedade;

-Estimular a valorização da vida.

---

**Conteúdos/sequência didática a ser abordada**

A isenção da empatia nas relações sociais é um dos fenômenos que mais fomentam a extrema necessidade de refletir e reafirmar as ações humanizadoras para a harmonização do convívio em sociedade.

Essa postura apática, que desumaniza o ser humano, é efetivamente abordada na obra *O cão sem plumas* (1949-1950), de João Cabral de Melo Neto, que, ao mesmo tempo, traça um plano humanizado da paisagem em relação aos seus habitantes (que vivem em

---

---

duras condições). Essa construção poética promove nos(as) leitores(as) a possibilidade de redenção, uma vez que desnuda a problemática social em que estamos inseridos, facilitando o despertar de reflexões sobre as nossas ações no mundo.

Essa obra (cujo valores políticos, linguísticos, estético-literários, históricos, geográficos, econômicos, antropológicos, etnográficos e científicos são inegáveis), consagrada como uma produção de resistência, visto todo sôfrego escoamento da humanidade vivenciada pelos seus habitantes, marginalizados na sociedade, e sua capacidade de promover uma comoção reflexiva quanto à nossa condição social diante da precariedade da existência dos nossos pares; faz-nos tanto reafirmar que humanizar é um ato de resistência quanto utilizá-lo como epicentro para ações didáticas transdisciplinares.

Foi por meio dessa experimentação que buscamos valorizar o significado do espaço histórico-social, despertar o senso de empatia e compaixão que as atuais circunstâncias nos isentam. Pretendíamos, por meio da reflexão sugerida pelo poema, que mistura e une o rio, a cidade e seus respectivos habitantes, criar um espaço referencial de experiências, criações e recriações subjetivas, no qual desaguasse a

---

---

reflexão crítica sobre as problemáticas sociais que nos banham, partindo das ideias fenomenológicas do olhar e do saber.

Nessas ideias, ver é sentir, perceber, receber, experimentar, conhecer e mostrar e não somente analisar o objeto. Pretendíamos, então, facilitar a recriação do panorama referencial do alunado, que reinventaria e atualizaria as etapas do conhecimento.

Desse modo, trabalhamos o projeto poético de João Cabral em todas as disciplinas engajadas nas ações didáticas, de modo adequado e contextualizado ao planejamento anual escolar individual (que respeita às necessidades particulares da turma, as demandas sociais e os documentos formais que norteiam as ações pedagógicas).

Como é necessário pensar o processo educacional pela dimensão da formação crítica de cidadãos ativos, situados, investigadores, autônomos, discernentes e participativos, foi fundamental vincular a escola ao mundo real e foi por meio deste projeto que visávamos promover essa relação, através de uma mediação pedagógica consciente. Pelo viés da aprendizagem no desenvolvimento de projetos, Prado (2001)<sup>1</sup> ressalta a riqueza intrínseca à

---

<sup>1</sup> PRADO, M. E. B. B. **Articulando saberes e transformando a prática**. Boletim do

---

possibilidade de o aluno recontextualizar aquilo que aprendeu e de estabelecer relações significativas entre conhecimentos.

Nessa dimensão, selecionamos dois espaços culturais da cidade do Recife (PE), e seus entornos, para o estabelecimento das atividades didáticas que estimulam as ações escolares, a saber: o museu *Cais do Sertão*, localizado no bairro do Recife (Recife Antigo), e o *Memorial Chico Science*, situado no pátio de São Pedro, bairro de São José. A escolha não foi arbitrária, ela se pauta na delicada abordagem que o museu faz do homem nordestino que tem sua vida inteiramente relacionada às mudanças do rio e no valor significativo que o movimento *manguebeat* teve para a arte de resistência, para o desnudamento das durezas sociais enfrentadas pelos habitantes marginalizados socialmente – em ambos espaços são inundados pelas águas de João Cabral.

---

**Duração da  
atividade/formação  
(mensurar em dias,  
semanas, meses)**

4 semanas

---

**Procedimentos  
metodológicos**

**JUSTIFICATIVA POR ÁREA  
ARTE:**

---

A discussão sobre a noção de clássico é parte integrante das reflexões quanto à história da arte. Como essa ideia tem uma definição extremamente movediça, construímos coletivamente o conceito de clássico enquanto uma produção de extremo valor estético e significativo para uma sociedade e que possibilita a reflexão referencial de suas mais variadas camadas e demandas, estando de acordo com a discussão estabelecida por Calvino (2004)<sup>2</sup>, que nos deixa como resposta um questionamento: Por que ler os clássicos?

Foi orientado por esse questionamento, sem intenção de respondê-lo, que conduzimos o nosso planejamento a verificar as máximas possibilidades que uma obra tida como clássica pode nos oferecer. Nesse sentido, o desenvolvimento do senso estético é priorizado pelo conhecimento artístico. Sendo assim, a despeito das orientações dadas pela BNCC (2019)<sup>3</sup>, pretendíamos: estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade;

---

<sup>2</sup> CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC-APRESENTAÇÃO**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 01 de junho de 20.

---

compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

### **CIÊNCIAS (QUÍMICA E FÍSICA):**

O estudo do meio é uma boa estratégia no ensino das Ciências, pois estreita os conteúdos trabalhados da teoria à prática. Ao sair do espaço formal de aprendizagem, os alunos assimilam muito mais conhecimento. Este tipo de atividade estimula habilidades de investigação científica que são importantes no desenvolvimento do letramento científico, trazendo o aluno para ser protagonista e agente de construção de conceitos científicos.

A proposta foi trabalhar o método científico, na qual o aluno observou e identificou problemas para serem analisados e solucionados, coletou dados, interpretou as informações e analisou os resultados para posterior efetivar esse conhecimento em ações didáticas na sala de aula. Essa ideia está em sintonia com algumas competências gerais da BNCC, como por exemplo a competência 2, pensamento científico, crítico e criativo, que tem por objetivo

---

---

exercitar a curiosidade intelectual e utilizar a ciência com criticidade e criatividade para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções. Além disso, atividades como esta também desenvolvem conteúdos atitudinais, pois promove o relacionamento, o espírito de colaboração e o companheirismo entre os alunos.

### **GEOGRAFIA:**

Um dos motes de análise da Ciência Geográfica é o espaço produzido para e por relações sociais. E o que é a cidade senão um espaço construído, produzido e modificado com base na vivência das pessoas? Perceber como essas relações se constituem e de que maneira afetam a vida nas cidades (seja essa relação política, econômica, social ou cultural) torna-se fundamental no processo de ensino-aprendizagem na disciplina em questão. *O cão sem plumas* versa sobre a relação da população com o Rio Capibaribe, em aspectos pertinentes ao uso do espaço - desde a degradação do rio até o processo de resistência ali expressado no decorrer da escrita - e faz-nos questionar que seres construíram e ainda constrói essa cidade? Qual simbologia esse rio carrega e como afeta a vida de quem ali é territorializado?

---

---

Aliado a isto, podemos somar a reflexão sobre o direito à cidade: a narrativa de “O cão sem plumas” que descreve um momento relacional passado, deu lugar a uma cidade que pensa o bem-estar e inclui as pessoas na atualidade? Qual a qualidade de vida e que tipo de relação a sociedade estabelece hoje com o espaço e com o Rio Capibaribe? Robert Park, sociólogo e urbanista americano, subsidia essa discussão quando coloca que “se a cidade é o mundo que o homem criou, é também o mundo onde ele está condenado a viver daqui por diante. Assim, indiretamente, e sem ter nenhuma noção clara da natureza da sua tarefa, ao fazer a cidade o homem refez-se a si mesmo”. Que cidade estamos produzindo?

Deste modo, a Geografia assume um papel importante no estímulo a percepção do aluno reflexivo e crítico, contribuindo para que ele consiga pensar o espaço de uma maneira mais profunda, relacionando com as mais variadas esferas de observação (Arte, Ciência, História, Linguagem), conseguindo enxergar além do que seus olhos lhe mostram e, dessa forma, atuar nele de forma mais eficiente e consciente. Para além do acima exposto, é fundamental inserir a Geografia na perspectiva da educação inovadora, que dê espaço para que o

---

---

alunado desenvolva este olhar que sai do convencional e é capaz de transformar positivamente a realidade.

### **LÍNGUA PORTUGUESA:**

Além da grandiosa contribuição que a reflexão do discurso literário proporciona para a reflexão da língua portuguesa, a abordagem deste projeto favoreceu o desenvolvimento de uma outra competência, muito cara às turmas finais da educação básica (que se preparam para etapas seletivas e têm em seu conteúdo programático a abordagem de gêneros prosaicos/dissertativos): a argumentação crítica, situada e com respeito aos direitos humanos. É possível estimar o desenvolvimento dessa habilidade pelo reconhecimento do panorama reflexivo que a obra de João Cabral nos oferece, citado na seção anterior.

Vislumbramos efetivar o sentido da produção textual escolar, estimular a comunicação intersemiótica, desenvolver a percepção do texto como uma forma de ação social, o despertar do senso estético-literário. Também, em respeito ao que legisla a BNCC (2019): favorecer a formação crítica do sujeito situado socialmente, contribuindo para o seu processo de letramento social e literário; compreender a língua como fenômeno

---

---

cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo- a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem; ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo; empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual. Também desenvolver práticas de leitura literária e perceber o texto como um lugar de negociação dos sentidos.

---

**Recursos didáticos  
(meios digitais e  
físicos para  
realização)**

Fichas didáticas;  
Equipamento de projeção;  
Lousa e pincéis;

---

**Sujeitos/as  
envolvidos/as**

35 adolescentes (13-16 anos)

---

**Parcerias/articulações**

O trabalho foi desenvolvido com uma turma de uma escola particular da cidade de Olinda-PE, portanto, essa escola foi parceira para a realização das atividades. No entanto, foi extremamente gratificante e entusiasmante estabelecer relações com

---

	os equipamentos culturais supracitados (Museu Cais do Sertão e Memorial Chico <i>Science</i> ), pois as ações estão no bojo de suas atividades.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	A proposta contemplou jovens da periferia de Olinda, mas acreditamos que pode ser instituída em diversas outras realidades (tanto da educação formal quanto da informal).
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Desenvolvemos as atividades sob orientação das diretrizes da pedagogia de projetos e com abordagem transdisciplinar, contemplando as seguintes dimensões: - Arte; - Ciências (Biologia, Química e Física); - Geografia; - Língua Portuguesa e sua Literatura.
<b>Formas de Financiamento</b>	Como realizamos a atividade com uma turma da rede privada, o financiamento foi realizado pelos pais e pela instituição, mas o custo foi mínimo (transporte e ingresso).
<b>Formas de Avaliação</b>	Produção de exposição fotográfica; Produção de textos dissertativos; Relatório condizente com a análise do método qualitativo de estudo de caso.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	Livros didáticos da turma; Poema “O Cão Sem Plumas” Material informativo das instituições visitadas; Elaboração coletiva de esquemas na lousa;

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

Todos os professores envolvidos nas atividades (Anamaria Medeiros – Geografia; Jessika Azêvedo – Ciências; José Cirilo – Arte e Língua Portuguesa) estabeleceram ações de diagnose da turma, estimulando a cooperatividade para a construção do projeto, numa perspectiva etnográfica e situada em cada disciplina. Após os processos de observação, avaliação inicial e planejamento coletivo, houve a sistematização das atividades conforme os documentos formais que orientam a educação básica, por parte dos docentes; também a articulação com as instituições visitadas e as proposições de intervenções no percurso traçado.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

- A recriação do espaço referencial construído no processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento da percepção contextual da relação conhecimento escolar/realidade social, bem como o delinear da consciência transdisciplinar, contribuindo para o processo de formação do sujeito social – crítico, ativo e situado;
  - O debate sobre as reais necessidades da prática humanizadora, promovendo uma consciência horizontal das relações humanas;
  - Desenvolvimento de ações secundárias ao projeto, estimulantes da transformação social;
-

---

- Desenvolvimento do senso autônomo do/a aluno/a, para o reconhecimento do qual fundamental é o papel do alunado para o processo de ensino-aprendizagem e para o progresso da sociedade.

---

**Observações em geral** Pautados na pedagogia de projetos, que defende a ressignificação e reinvenção do espaço escolar em um ambiente facilitador de interações, disponível à realidade emergencial e aos seus consecutivos desdobramentos, estabelecemos esta atividade, uma vez que, como apontado, é necessário construir uma relação mais direta do conhecimento com os contextos sociais de onde eles são oriundos e onde eles são utilizados. Desse modo, reafirmamos a necessidade de imbricação dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais (uma vez que a formação escolar não deve ser pensada somente pelo viés da atividade intelectual, mas como um processo de formação holística).

---



## Clube de leitura de Campos Sales

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Andréia Araújo da Nóbrega

**Andréia Araújo Nóbrega** é professora Temporária no curso de Letras da Universidade Regional do Cariri - Unidade Descentralizada de Campos Sales - CE e coordenadora do projeto de extensão "Clube de Leitura de Campos Sales". Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). É Mestra em Linguística pelo PROLING, da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente exerce a função de Assistente à Docência no Polo UAB de Campos Sales. Tem experiência nas áreas de Educação e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, didática, estágio, prática de ensino, livro-didático, linguagem, ensino-aprendizagem, gramática.

---

#### Informações da organização

---

##### **Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)**

O Clube de Leitura de Campos Sales é um projeto de extensão vinculado à Universidade Regional do Cariri e funciona no município de Campos Sales-CE em parceria com a ONG "Conselho de Pais" do bairro Alto Alegre. Tal projeto é coordenado por mim, professora Andréia Araújo da Nóbrega, e surgiu de um pedido das alunas do curso de Letras que sempre que me encontravam nos

---

---

corredores da universidade pediam a criação de um projeto de leitura coletiva e espontânea.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

<b>Temáticas abordadas</b>	Nós abordamos todas as temáticas que a leitura literária nos possibilita: desigualdades sociais, política, educação, feminismo, patriarcado, conflitos psicológicos, cultura, etc.
----------------------------	--

---

<b>Objetivos</b>	Formar leitores críticos (crianças e adultos) incentivar a leitura literária e estimular a interpretação das obras. Objetivamos, também, criar eventos que resgatem os movimentos de cultura popular ligados à literatura dentro da comunidade e no entorno.
------------------	--

---

<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	Não há uma sequência didática previamente estabelecida.
--	---

---

<b>semanas, meses)</b>	de acordo com o tipo de evento.
------------------------	---------------------------------

---

<b>Procedimentos metodológicos</b>	Nossos encontros e ações ocorrem de duas formas: semanalmente (onde são realizadas as leituras compartilhadas) e esporadicamente em eventos acadêmicos/culturais. Este ano planejamos começar pela leitura de uma obra que nos possibilitasse uma reflexão política acerca dos regimes totalitários e ditatoriais que vêm se
------------------------------------	--

---

---

estabelecendo em diversos países ao longo da história. Para tanto, iniciamos as atividades semanais em março com a leitura de “1984” de George Orwell. Nesses encontros semanais priorizamos as leituras coletivas, as rodas de conversas e os debates sobre as temáticas que emergem das obras. Em relação aos eventos acadêmicos/culturais, realizamos novamente o encontro “Mulher & Poesia & Prosa” na qual realizamos uma conversa sobre relações abusivas, assédio e o papel da mulher na poesia erótica. Também planejamos uma oficina de contação de estórias, que deve ocorrer até o final do ano. Recentemente, devido ao surto de COVID-19 aderimos, também, aos encontros remotos por meio da ferramenta “ao vivo” do Instagram na página @clubedeleituras. Portanto, iniciamos “1984” na biblioteca, demos continuidade por meio da leitura do E-BOOK da obra e prosseguimos com as discussões através do grupo de whatsapp e do Instagram.

---

**Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)**

Biblioteca, obras literárias, computador, Datashow, papel A4, lápis, microfone, caixa de som, celular e câmera.

---

**Sujeitos/as envolvidos/as**

Estudantes da educação básica e do ensino superior da comunidade campossalense e entorno.

---

<b>Parcerias/articulações</b>	ONG Conselho de Pais de Campos Sales.
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	Nos encontros semanais temos de 10 a 19 participantes. Nos eventos esporádicos de maior porte contamos com até 200 participantes.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Língua portuguesa, Literatura, História, Geografia, Sociologia e Filosofia.
<b>Formas de Financiamento</b>	Contamos com o apoio da ONG na aquisição de algumas obras e temos o apoio da universidade com o financiamento de uma bolsa de extensão à nossa monitora.
<b>Formas de Avaliação</b>	Participação.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	REFERÊNCIAS  BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Ensino Fundamental. 1997. Disponível em: <a href="http://portal.mec.gov.br">HTTP://portal.mec.gov.br</a> . CANDIDO, A. O direito à literatura; In: <b>O direito à literatura</b> . Org.: LIMA, A. de. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2014. 2º ed. p. 17-40. COLOMER, T. <b>Andar entre livros</b> : a leitura literária na escolar. São Paulo: Global, 2007. FREIRE, Paulo. <b>A importância do ato de ler</b> . Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1982.

---

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do Oprimido** (manuscrito em português de 1968). Publicado com prefácio de Ernani Maria Flori. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1970, 218p.

\_\_\_\_\_, **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

JAUSS, H.R. **Esthétique de la réception et communication littéraire**. Critique, 1981.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

LIMA, A., O ensino da literatura e a pedagogia do digesto; In: **O direito à literatura**. Org.: LIMA, A. de. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2014. 2º ed. p. 41- 54.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

NEVES, José Soares, LIMA, Maria João e BORGES, Vera. **Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE**. Lisboa: GEPE/Ministério da Educação, 2007.

OLSON, David R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas**

---

---

da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, C.R. A literatura vai à escola, mas será que ela entra?; In: **Literatura e Ensino: diálogos e interdisciplinaridade.** Org.:

SIQUEIRA, A.M.A. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 29-38.

VIEIRA, A.M.T. A literatura como espaço do discurso, do debate e do contraditório; In: **O direito à literatura.** Org.: LIMA, A. de. Recife: Ed. Universitária da UFPE; 2014. 2º ed. p. 55-76.

#### **ALGUMAS OBRAS LIDAS PRESENCIALMENTE NO CLUBE DE LEITURA:**

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Kafka, F. A **Metamorfose**: tradução e posfácio Modesto Carone. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORWELL, G. 1984. São Paulo: IBEP, 2003.

---

#### **Breve relato sobre a sistematização da experiência**

Como a sugestão de elaborar o projeto partiu das minhas alunas, nós não tivemos muita dificuldade em sistematizar as atividades e em executá-las. Uma das características do Clube é, justamente, fazer com que as pessoas interessadas participem por

---

---

livre e espontânea vontade, não queremos ser mais um espaço que obrigue as pessoas a lerem o que não querem e o que não gostam. É difícil fazer as pessoas se interessarem por literatura, por isso, temos poucos participantes assíduos, porém, o fato de realizarmos outros tipos de eventos acaba atraindo a atenção da comunidade estudantil para a relevância da nossa proposta e para a função social da leitura, que é a de humanizar. Por esses motivos, um Clube de Leitura que funcione semanalmente em uma cidade pequena do interior configura-se por si só em um espaço de resistência e de fomento do letramento literário.

---

#### **Observações em geral**

O ano de 2020 tem sido um desafio desde o início; primeiro, por dar sequência a um governo autoritário, que menospreza a educação, por tentar impor um (in)utilitarismo à literatura e completamente sem diálogo com os profissionais educadores; segundo, porque fomos acometidos por um vírus mortal, o corona. Neste momento, encontramos-nos resguardados em casa, sem realizar quaisquer atividades presenciais e sem perspectiva de melhoria alguma na situação já difícil da educação brasileira. Assim, esperamos que, mesmo com todos os ares caóticos que permeiam a humanidade, por hora, consigamos

---

---

prosseguir nossas atividades leitoras via internet. Que os livros nos confortem e nos ocupem neste momento de desamparo em vários níveis. Que fique registrado que não está sendo fácil, porém, não desistiremos. Espero ler estas palavras mais uma vez no futuro, em uma próxima oportunidade e que a sensação seja de que tudo passou e se reconstruiu, que nós mudamos algo nos nossos constructos sociais, cognitivos e afetivos.

---

## **Mulheres na Literatura: da leitura à escrita poética**

---

### **PLANO DE FORMAÇÃO**

Monique Cordeiro

Autobiografia: Sou professora de Língua Portuguesa na rede estadual do Ceará há dez anos, tenho mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Nesses anos, minha prática tem se transformado à medida que reflito sobre as questões de raça, gênero e classe social. Sou uma mulher cis que tem se conectado com a sua ancestralidade negra e indígena. Acredito na arte, no livro e na leitura como formas de transgressão. Nos últimos anos, tenho sido escritora, contadora de histórias, atriz e participante/mediadora de projetos de escrita criativa. Em 2019, coordenei um espaço de formação de professores/as na Bienal Internacional do Livro do Ceará e participei da comissão de Seleção de Acervo Bibliográfico da Biblioteca Pública do Ceará no mesmo ano. Atualmente faço uma Especialização em Escrita e Criação na Universidade de Fortaleza.

---

#### **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	Monique Cordeiro, professora da rede estadual do Ceará há dez anos, trabalha nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa, faz mediação de leitura no projeto Tertúlia Literária, orienta projetos de literatura assim como os de gênero e sexualidade.
--	---

---

## Sistematização da(s) proposta(s)

<b>Temáticas abordadas</b>	Literatura, leitura, processos de escrita, identidade, aspectos socioemocionais.
<b>Objetivos</b>	Resgatar a produção literária de mulheres regionais, nacionais e internacionais; Ler diversos gêneros textuais literários produzidos; Desenvolver escrita afetiva e autobiográfica.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	Autoras regionais, nacionais e internacionais; Gêneros textuais literários; Leitura de fruição, reflexiva; Identidade e aspectos socioemocionais.
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	5 oficinas que podem ser distribuídas em um bimestre.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	As oficinas começam com um trabalho de corpo através de um relaxamento que envolve o uso da respiração, do toque, do movimento. É possível ter música para embalar, palavras para confortar ou mesmo para conduzir a um mergulho em si e um abrir das portas da percepção. Esse é o início do percurso em que promovemos atividades para que todos os sentidos estejam atentos para receber as palavras de diferentes mulheres que escrevem textos de diferentes naturezas.

---

Em seguida, a apresentação dos livros de autoras brasileiras e estrangeiras, locais e nacionais, com diferenças de raça, etnia e orientação sexual. Comentários sobre as autoras e orientação de leitura dos textos apresentados. Um momento é dedicado ao ato de ler, a um momento silencioso com o livro escolhido. Após a leitura, partilha do que foi lido, comentário sobre autoras e obras no que diz respeito à biografia e ao estilo de cada uma. Esse é um momento rico de espaço para relacionar as leituras com a vida, com as próprias vivências e experiências. Este é o ponto alto do encontro em que as histórias compartilhadas geralmente leva a um momento catártico.

Finalmente, o encerramento da atividade se dá com a escrita de um texto que pode ser de qualquer gênero textual ou mesmo um desenho. O percurso realizado estimula o sensível e uma escrita criativa e potente. Gerando a possibilidade para a produção de uma zine e/ou um sarau a partir do que foi lido e escrito.

---

**Recursos didáticos  
(meios digitais e  
físicos para  
realização)**

Obras literárias diversas de mulheres diversas; Som e caixa de som; Papel; Canetas e canetinhas; Tesoura, cola.

---

**Sujeitos/as  
envolvidos/as**

Alunos e alunas interessadas/os; Professora; Mediador/a de leitura.

---

<b>Parcerias/articulações</b>	Escritoras locais; Estudantes de artes, literatura e demais interessadas/os;
<b>Alcance que a proposta teve/pode ter</b>	Estudantes do ensino médio e ensino superior; Professoras e professores da educação básica; Interessados/as em leitura e literatura.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Língua Portuguesa, História, Filosofia, Artes.
<b>Formas de Financiamento</b>	Não há custos.
<b>Formas de Avaliação</b>	Avaliação verbal ao final de cada encontro.
<b>Materiais didáticos e referências</b>	Obras literárias doadas ou as dispostas na biblioteca escolar e/ou comunitárias Explosão Feminista - Heloísa Buarque de Hollanda Sejamós todas feministas - Chimmanda Ngozi Adichie.
<b>Breve relato sobre a sistematização da experiência</b>	As oficinas foram pensadas para acontecer em 8 encontros. No entanto, diante das condições de espaço e tempo da escola onde a oficina foi realizada, percebeu-se que em 4 encontros ou cinco alcançaríamos os objetivos de leitura/escrita e organização do material. A quantidade das oficinas depende dos lugares aplicados, do público e todas as condições de tempos e de espaços disponíveis. Essa oficina também foi realizada na XIII Bienal Internacional

---

do Livro do Ceará e lá ocorreu uma oficina de 3h de duração.

O imprescindível para as oficinas ou para a oficina é a criação de um espaço seguro e acolhedor para que se possa ler as obras das escritoras e, em seguida, conversar e escrever.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

A Literatura é caminho de descobertas e redescobertas. Nesse espaço de leitura, fala e escrita, conhecemos mais de autoras que nos mostram caminhos e sentimentos que, às vezes, não foram experimentados por nós. Também experimentamos a escrita como forma de se escrever a si, de se inscrever em folha e papel com suas letras e todas as suas impressões sobre as leituras, a vida sobre sua própria alma.

---

**Observações em geral**

---



# 6

## Ocupando a cidade





## Ocupa estação/estação cultural – Reflexões para quem quer fazer uma ocupação artística

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Carlê Rodrigues  
Jonas Mateus Ferreira Araujo  
Keile Pinheiro

**Carlê Rodrigues:** Mulher nordestina, cisgênero, bissexual, estudante do curso de História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua profissionalmente como Narradora de Histórias na Biblioteca Pública Municipal Dr. Matos Peixoto (Iguatu/CE), com formação pela Escola de Narradores do Cariri e SENAC Iguatu, faz parte da rede de contadores de histórias do Ceará, atua também na área de produção cultural com formação técnica pelo SENAC/CE e Instituto Elo Amigo (Iguatu/CE). Militante da cultura desde 2006, contribui com diversos coletivos culturais na região Centro Sul, Vale do Salgado e Cariri Cearense, como a Associação Ortaet de Teatro ( Iguatu/CE 2007/2016), Coletivo de audiovisual TENTAME (Iguatu/CE 2017), Coletivo Cerebral (Iguatu/CE 2018), Coletivo Cultura no Largo (Icó/CE), Escola Livre de Artes (Orós/CE) e desde 2016 integra o Coletivo Camaradas (Crato/CE) desenvolvendo ações de democratização da leitura, fomento à criatividade, ludicidade e narrativas orais com destaque para o projeto de intervenção poética Poste Poesia. Além de pesquisar a brincadeira dos Caretas da Semana Santa, no grupo de projeção parafolclórico caretas do Alto da Bonita, também desenvolve uma pesquisa artística sobre o Vento do Aracati e é idealizadora do projeto "Dia de Narração", ação realizada uma vez ao mês na antiga estação ferroviária de

---

---

Iguatu/CE com o intuito de rememorar a história do referido patrimônio, bem como contribuir no processo de transmissão de cultura através da literatura oral.

**Jonas Mateus Ferreira Araujo:** Bixa nordestina, ensaiando formas de agir no mundo que desconstruam as colonialidades. Construindo minha identidade indígena desde o território de nascença, e na rua me gritam negro. Professor de português brasileiro na rede básica de ensino no estado do Ceará, bacharel em Serviço Social, especialista em Ensino de Literatura e mestre em Estudos Latino-Americanos.

**Keile Pinheiro:** Assistente social formada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE campus Iguatu (2015). Membro do Fórum Municipal de trabalhadoras/es do SUAS – FMTSUAS Iguatu (2015-2016). Integrante da Gestão “Nossa Voz na Rua vem para Lutar” do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS Ceará (2017-2020). Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Residência Integrada em Saúde na Escola de Saúde Pública do Ceará (2017-2019). Especializanda em Educação a Saúde para Preceptores no SUS pelo Hospital Sírio Libanês. Integrante do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) de Iguatu.

---

## **Informações da organização**

---

<b>Instituição/Movimento/ Coletivo/Grupo (etc)</b>	O Ocupa Estação foi um movimento artístico, político e cultural que aconteceu na cidade de Iguatu -CE, entre os meses de março e maio no ano de 2016. O referido movimento teve como objetivo ocupar um dos prédios históricos da estação ferroviária de Iguatu fundada em 1910 e que se encontrava em
--	--

---

---

abandono por parte da gestão pública bem como da comunidade em geral. A Ocupação não era perene, pois não morávamos lá, durante o dia havia o revezamento dos participantes nas ações de limpeza do espaço e reuniões pontuais. A maior parte das atividades se davam no turno da noite com a realização de formações, assembleias, encontros diversos e programações artísticas culturais realizadas de maneira colaborativa. Para além de ocupar o espaço público, também tínhamos como objetivos reunir artistas da cidade e região, tentar realizar trabalhos em rede, pensar políticas de valorização desses grupos, bem como a revitalizar o prédio histórico dando funcionalidade ao equipamento de maneira a atender a população com atividades e formações artísticas. O Movimento Ocupa Estação trouxe significativas contribuições para dar visibilidade à pauta em defesa do fortalecimento de uma política de cultura popular local. Também contribuiu para movimentar e mobilizar grupos artísticos e culturais da cidade e região, assim como, demonstrar à população iguatense a relevância da cultura enquanto política pública. Apesar desses avanços, embora tendo perdurado por tempo considerável, o que

---

---

superou expectativas do grupo que iniciou o processo de ocupação, foi uma experiência que não teve grande duração temporal.

Dentre os entraves que certamente favoreceram ao desgaste do movimento, podemos considerar: o acúmulo e sobrecarga de tarefas para as pessoas que construíram de maneira mais presente as ações da ocupação, sujeitos que, preciso destacar, trabalhavam durante o dia e contribuíram para essa construção no contraturno do emprego e nos fins de semana; os tensionamentos internos de uma branquitude intelectual e acadêmica buscando carreira dentro do espaço, o que gerou muito desgaste nos impedindo de avançar em outros aspectos. Apesar dos tensionamentos a ocupação conseguiu unir muitos grupos culturais da cidade, dando força ao discurso dos artistas na cobrança de direitos culturais.

---

### **Sistematização da(s) proposta(s)**

---

#### **Temáticas abordadas**

A ocupação debateu e tensionou diversos temas importantes como o próprio direito à cidade, para além da ocupação em si, rolaram rodas de conversas, cine debates sobre o tema. Atividades que ressaltavam a dimensão do ato de ocupar enquanto direito, pois parafraseando a palavra de ordem do Movimento dos/as

---

---

Trabalhadores/as Sem Teto “Enquanto arte e cultura forem privilégio, ocupar é um direito”! Também foram realizadas atividades que buscavam recuperar a história do município, problematizar e desnaturalizar relações sociais de sexo/gênero, sexualidade, raça e desigualdades de classes, economia criativa, dentre outras. O espaço do ocupa estação também buscou promover exposições e saraus literários como forma de valorizar e fomentar a cultura local.

Cada artista que passou e contribuiu no palco, na limpeza e na organização do movimento, também trouxe suas mensagens a partir de diversas linguagens e propostas dentro dos seus campos de atuação, como pode ser visto mais abaixo.

---

<b>Objetivos</b>	Ocupar um dos prédios da antiga Estação Ferroviária, que estava abandonada desde a sua desativação, tensionar o poder público diante da necessidade de reconhecimento e valorização dos/as artistas locais e preservação do patrimônio histórico-cultural-material da cidade.
------------------	---

---

<b>Conteúdos/se quência didática a ser abordada</b>	- mobilização e articulação de grupos artísticos; - criação dos principais grupos de trabalho organizados em equipe de projetos, equipe de financeiro e equipe de mídia. Os demais grupos tinham o revezamento de membros, no caso de produção dos eventos, limpeza e infraestrutura. OBS: os grupos foram formados a partir da identificação e afinidade de cada participante com as tarefas e demandas observadas e estabelecidas; - elaboração de cronograma das programações;
---	---

---

- 
- divulgação das ações;
  - produção das ações;
  - recebimento de doações;
  - escolha de representantes para mediar e secretariar as ações (a cada encontro, pessoas diferentes eram escolhidas de acordo com a disponibilidade de cada participante).
- 

**Duração da atividade/for  
mação  
(mensurar em  
dias, semanas,  
meses)**

O ocupa estação teve a duração física, diga-se, organizou ações presenciais e cotidianas, de aproximadamente 3 (três) meses. As atividades realizadas tiveram características distintas, podendo durar uma tarde ou se estender por semanas por ter um caráter mais sequencial. Por isso a importância da articulação com grupos diversos da cidade, para possuir uma riqueza na diversidade de propostas, temas, metodologias, direcionamentos epistemológico, etc.

Devido ao caráter plural que o movimento buscava garantir, as ações desenvolvidas iam desde contação de histórias às oficinas circenses, trabalhavam a dimensão político-formativa e organizativa das/os participantes através de rodas de conversa, debates guiados, articulação de ações de panfletagem, divulgação em meios de comunicação local e regional, alimentação de mídias sociais, dentre uma diversidade de atividades, todas essas com fim de fortalecer a luta pelas demandas de sujeitos que pautavam o direito à cultura.

---

**Procedimen-  
tos metodoló-  
gicos**

Como diz a música cantada por Raul Seixas: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Entendemos que esse foi o princípio que motivou muitas pessoas a darem vazão a

---

---

uma inquietação coletiva sobre um espaço que, apesar de ocupar um lugar central na cidade, estava invisibilizado, assim como as pessoas que lá ocupavam por não terem acesso ao direito à moradia.

Podemos considerar que a ocupação objetivamente começou com a articulação de algumas pessoas para limpar o prédio da estação que estava em estado de deterioramento, espaço anteriormente ocupado por pessoas em situação de rua. Após a limpeza convocada pelas redes sociais, com materiais frutos de doações, também por esse meio foram convocadas mais pessoas para começarem a pensar coletivamente sobre o direito à cultura, sobre ocupação cultural e como se organizaria o movimento, dias de atividades, setoriais (comunicação, financeiro, infraestrutura, etc), dentre outras demandas. A partir daí começamos a listar e contactar artistas, coletivos, bandas, artistas independentes, movimentos sociais e outros grupos da cidade para construir o movimento.

Além da programação da ocupação que a princípio acontecia normalmente de quinta a sábado todas as noites, no domingo aconteciam as reuniões no turno da tarde para avaliar as ações realizadas e pensar o calendário de ações para a semana seguinte. A pauta das reuniões era aberta a todas as pessoas que tivessem propostas e indagações a serem discutidas e registradas e que se colocassem para contribuir com o coletivo. Nessas reuniões, sempre participavam um pequeno grupo da branquitude academicista que reivindicavam a

---

---

propriedade intelectual da ocupação (!), alguns com articulações políticas a fim de facilitar e pôr em prática um projeto de revitalização e ocupação de um equipamento público de maneira utópica, com ações não condizentes à realidade local, com um projeto que claramente atendia aos desejos e beneficiaria a uma minoria. Após a manifestação desse pequeno grupo, outras propostas de instituições chegaram como pauta nas reuniões, pessoas reivindicando a existência de projetos para a construção de uma casa de apoio e etc., porém, nada concreto e até o presente momento nenhuma iniciativa foi levada adiante apesar de tantos interessados no caso.

Paralelo a isso, um grupo fazia pesquisas e buscava se articular para tentarmos conseguir a posse legal do prédio, vendo informações com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e tentando formatar um projeto para transformar o equipamento em um espaço de formações artísticas público e gratuito para toda população.

---

**Recursos didáticos (meios digitais e físicos para realização)**

No princípio era o verbo ocupar/lutar! ... Não existia uma verba, um apoio financeiro ou patrocínio. Antes de começar a ocupação, como costuma acontecer em quase todas as ocupações, a articulação se dá pouco antes dela de fato iniciar e vai ganhando vida no movimento da realidade. Nessa história, o movimento foi se construindo sem grandes planejamentos prévios, a realidade e a participação dos diversos sujeitos e grupos davam organicidade e dinamicidade ao Ocupa Estação.

---

---

Apesar do movimento ter se construído como um impulso de luta de um povo que “não quer só comida, quer comida, diversão e arte” e sem grandes planos anteriores, foi possível perceber fortes traços de um caminhar construído de maneira coletiva e plural na ocupação.

Após a limpeza do espaço, que se deu com materiais doados e por pessoas mobilizadas virtualmente, o movimento começou a tomar forma. Esta ação coletiva também aproximou pessoas para a limpeza e deu os primeiros passos da ocupação.

Essa aproximação foi de fundamental importância, pois aí estava a chave para o sucesso que foi a ocupação: a participação popular. Se antes não tínhamos nada, juntos/as conseguimos o necessário: uma pessoa tinha o som, o microfone, outra o alicate para puxar a energia pública, outra o conhecimento para fazer isso sem morrer (brincadeiras a parte, era quase isso mesmo), alguém conhecia os movimentos culturais da cidade e possuía uma maior capacidade de articulação, outra pessoa podia contribuir com dinheiro para comprar um cartaz, um spray para fazer uma oficina, e no começo só havia aquele verbo que juntou a galera, e juntos/as fizemos a ocupação acontecer. Durante o processo de limpeza do espaço, os materiais arrecadados para a limpeza foram roubados, sendo necessário nova campanha de doações, o que contrariando a lógica, aproximou e motivou o grupo.

Cada coletivo/grupo/artista sugeria e disponibilizava uma ação a ser desenvolvida dentro das suas formas de fazer e produzir

---

---

artisticamente, seja uma oficina, uma exposição, uma apresentação de dança, música, teatro, fosse o que fosse, mas de maneira adaptada ao local onde aconteciam as ações. Por ser um espaço aberto com acesso à energia de maneira adaptada e sujeito a várias formas de interferências, dentre essas: climáticas, da segurança pública, cada ação realizada era uma conquista.

Nesse caso, buscamos construir naquele espaço uma interferência positiva, pois o objetivo era tirar as pessoas de suas casas para prestigiar as ações, dar visibilidade ao prédio histórico antes abandonado e lutar pelo acesso à cultura popular.

A equipe de mídia tinha a missão de produzir conteúdo nas redes sociais e divulgar as programações em tempo hábil para atingir o máximo de pessoas possíveis. Dessa forma, foram articuladas entrevistas em rádios, *teaser* das ações, criação da #EuApoioOcupaEstação e até foi produzido vídeos com diversos artistas, professores/as, bandas, produtores/as, militantes culturais dizendo serem apoiadores/as do movimento. Muitas das articulações também aconteciam via rede social whatsapp com o intuito de agilizar a produção dos materiais de mídias e pautas para reuniões.

---

**Sujeitos/as envolvidos/as** Aqui apresentamos algumas organizações e pessoas que contribuíram com a construção do movimento, mas outro registro mais amplo pode ser visto na tabela ao final do plano.

Associação Ortaet de teatro, Associação Cultural Elo Vanguarda, Cia 5º Elemento, Estúdio de Dança Nayane Rodrigues, Grupo

---

---

B'Boys, Associação Nação Nordestina, Oitica Pub, Levante Popular da Juventude, Grêmios Estudantis, Movimento Estudantil de Serviço Social, Coletivo Camaradas, Coletivo Cerebral, Cantor Druluca, Banda Ingroove, Banda O Rasttah, Banda Estação Alpha, Banda Decretos, Banda Casa do Nunca, Banda Shekená, Cantor Michel Prudencio, Rádio Mais FM, Dauizio, Raissa, Kellys Almeida, Carleziana Rodrigues, Jan Messias, Ronildo Oliveira, Alex, Bruno Gomes, Luan Layzon, Jonas Mateus, Keile Pinheiro, Gracy Souza, Orleide, Grupo de Capoeira COPAESP, Dayvid, Fluxo Marginal, Cicero Rodrigues, dentre outras que por questão de memória e falta de registros não foram lembradas.

---

**Parcerias/  
articulações**

Não sem muito desgaste conseguimos algumas articulações com a Secretaria de Cultura do Município, o Jornal A Praça publicou uma matéria sobre o movimento, além das demais pessoas e grupos citados anteriormente.

---

**Alcance que a  
proposta  
teve/pode ter**

No momento é um pouco complicado pensar o alcance exato, pois seria preciso mensurar a quantidade de pessoas que passaram pela ocupação, seja para participar de alguma atividade como as oficinas e shows ou até mesmo as pessoas que passavam pelo centro da cidade e viam as faixas e cartazes que demarcavam o território.

Mas é possível saber que virtualmente a página do Facebook da ocupação tem 1.496 seguidores/as e conseguimos fazer articulação com organizações de municípios vizinhos como Icó e com coletivos da região do Cariri cearense.

---

---

Na articulação de apoiadores, foi realizado um vídeo de apoio com cursistas e professores do curso de extensão para gestores culturais da Universidade Federal do Cariri - UFCA, cujo *campus* fica em Juazeiro do Norte, estando entre eles: Celma Santiago (Diretora do Teatro José de Alencar, na época), Ravena Monte (Produtora Cultural e musicista - Juazeiro do Norte), Gleirton Dias (Acopiara), Vando Rodrigues (Historiador - Icó), Adailton (professor - Quixelô), Jéssica Rodrigues (Musicista. Cariri/Fortaleza), Edimar (artesão - Juazeiro do Norte).

(OBS: houve o evento do Moto Week em que na ocasião também fizemos programação).

**Os acessos aos links abaixo foram feitos no mês de abril de 2020.**

**Facebook:** 1.496 seguidores

Link: [https://www.facebook.com/Ocupa-Esta%C3%A7%C3%A3o-Iguatu-CE-200279887000814/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Ocupa-Esta%C3%A7%C3%A3o-Iguatu-CE-200279887000814/?ref=page_internal)

**Vídeo rádio mais FM:** 501 visualizações

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=aRUUe99oVS8>

**Matéria site Mais FM:** 1606 visualizações

Link: <https://www.maisfm.com/jovens-ligados-aos-movimentos-culturais-de-iguatu-ocupam-estacao-ferroviaria-abandonada/>

**Vídeo Banda shekená gravado por ocasião da programação:** 325 visualizações

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ong4JppUUvc>

**Vídeo #EuapoioOcupaEstação facebook:** 456 visualizações. Link: <https://www.facebook.com/200279887000814/videos/238326579862811>

---

---

**Matéria Diário do Nordeste:**

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/predio-historico-da-estacao-de-iguatu-sofre-com-o-abandono-1.1551139>

---

**Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material** A ocupação/Estação Cultural pode ser trabalhada em diversas disciplinas, desde história, pois estamos alterando o curso dessa nesse momento, sociologia, filosofia, artes, português brasileiro, dentre outras propostas interdisciplinares que possam nascer.

---

**Formas de Financiamento** Conforme já apontado acima, começamos a iniciativa sem possuir nenhuma forma de financiamento oficial, aos poucos fomos pensando em uma política financeira de auto-organização, então conseguimos algum apoio com comerciantes que tínhamos proximidade e vendíamos algumas comidas nos eventos realizados na ocupação.

---

**Formas de Avaliação** De modo geral, as avaliações aconteciam aos domingos, nas reuniões deliberativas, mas é importante pensar de que forma outros mecanismos de avaliação poderiam ser adotados, como pensar em alguém para entrevistar as pessoas que estavam ali no momento que as atividades eram desenvolvidas, tentando entender como as pessoas percebiam o espaço e propunham melhorias. Talvez a sobrecarga de organização das atividades não permitiu que isso acontecesse.

---

**Materiais didáticos e referências** Não foi feito nenhum processo intencionalmente formativo para a criação da ocupação, o que pode ser percebido é que a maioria das pessoas envolvidas diretamente já

---

---

possuíam alguma aproximação com outras organizações sociais, como movimentos sociais, organizações artísticas, movimentos estudantis, partidos políticos, outras ocupações habitacionais que ainda existem na cidade.

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência**

**Depoimento de Jonas:** Escrever e relembrar a ocupação me gera felicidade por ter contribuído diretamente para a feitura dos momentos bonitos que ali vivemos, de partilha, comunhão, materialização de sonhos (embora ceifados depois). Encontros. A ocupação proporcionou que parte da população da cidade pudesse se encontrar para ter acesso a algumas manifestações culturais produzidas aqui, esses encontros geram potências que se estendem até hoje.

**Depoimento de Carleziana:** Minha participação foi diretamente com a produção das programações culturais e na realização de algumas formações. A experiência vivida no Ocupa Estação foi única, acredito que para todos os envolvidos. Pudemos sair do nosso “quadrado” para enxergar os outros movimentos artísticos da cidade, saber quais eram seus anseios, necessidades, e que partilhas tinham para oferecer foi importante para uma tomada de consciência de qual o meu papel como agente cultural do meu município. Rever o movimento artístico reunido em prol de uma causa tão necessária fez acreditar que juntos podemos muito mais. Aquele foi um espaço de fruição, produção e intercâmbio artístico e de formação política com grande

---

---

relevância para a história cultural do município. Não atingimos o objetivo inicial, porém, muitos outros coletivos se formaram a partir dali, muitos artistas se fortaleceram, muitas parcerias firmadas até hoje.

**Depoimento de Keile:** Revisitar as narrativas nas mídias sociais, reconstruir a cronologia das postagens, as imagens e textos escritos e publicados na página oficial e nos grupos da organização me trouxe imenso sentimento de nostalgia e ao mesmo tempo de felicidade por saber que pude contribuir com essa história. Esperancei novamente ao reviver na memória todas as ações que participei da construção, uma esperança que como já dizia Paulo Freire, não vem do verbo esperar, mas do verbo esperarçar, que leva adiante, que se junta com outras pessoas para fazer de outro modo. O Ocupa Estação significou para mim que é possível fazer de outro modo, e coletivamente, fazer valer um direito à cultura popular.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

**Jonas:** O movimento Ocupa Estação/Estação Cultural evidenciou mais uma vez a carência que o município de Iguatu tem em relação a instituições voltadas para o apoio do fomento das experiências artísticas. Também fortaleceu em mim a capacidade de pensar coletivamente e buscar formas de organização.

Além disso, ficou evidente que o fato da experiência ter acontecido no centro da cidade fez com que muitas pessoas que moravam nos bairros periféricos não pudessem se engajar tanto, inclusive as próprias experiências artísticas que aí já aconteciam.

---

---

Outro elemento importante que serviu de aprendizagem é que por mais que em alguns momentos a questão das pessoas que já ocupavam aquele espaço, por estarem em situação de rua, fosse tocado nas reuniões, não conseguimos nos organizar nesse sentido para garantir um maior apoio para elas.

**Carleziana:** Por mais que um coletivo tenha sua independência, tenha um espaço para desenvolver suas atividades, não podemos anular o fato de que se faz necessário a ocupação de outros espaços da cidade com arte. Não caminhamos sozinhos, a partilha dos aprendizados, a colaboração faz com que a classe se una e tenha mais força para lutar por seus direitos. Compreendi também a urgência no desenvolvimento de práticas voltadas para educação patrimonial e pensando nisso tenho tentado desenvolver desde 2018 um projeto mensal de narrativas orais realizado na calçada da antiga estação com narradores convidados bem como antigos funcionários da estação para falar sobre a história desse lugar. A iniciativa tem apoio da biblioteca pública municipal e atende a crianças, jovens e idosos da rede municipal de ensino e serviços de convivência da assistência social, bem como a população no geral.

**Keile:** Demonstrou que a cidade, e não apenas esta, é carente de direitos efetivos, seja o direito à moradia, notável pelo exemplo das ocupações de terrenos públicos que aconteceram em período recente na localidade ou pelos/as moradores/as que viviam em situação de rua e

---

---

se abrigavam nos prédios abandonados da Estação Ferroviária; seja o direito à cultura que muitas vezes é relegado, é deixado à margem do investimento público. Essa ausência de priorização contribui para o silenciamento e negação da nossa herança cultural e o enfraquecimento dos elementos da cultura popular, da cultura da classe trabalhadora. Outro grande aprendizado para mim foi o nível de auto-organização do movimento, o que se deu pelo comprometimento e dedicação diário de militantes da cultura. É especialmente para esses/as que dedico agradecimento pelo companheirismo, coragem e ousadia.

---

**Observações em geral**

Por mais que a ocupação tenha acabado sem que houvesse de fato o reconhecimento de todas nossas demandas, algo precisa ser levado em consideração, a prefeitura da cidade começou a perceber o prédio e, hoje a Secretaria de Cultura funciona nesse espaço. O lamentável é que o prédio era histórico e passou por alterações que o descaracterizaram e outro menor que existia ao lado foi demolido para a construção de uma rua.

---

**OBS.** Pela observação das publicações da página oficial do movimento no facebook, foi possível notar que no primeiro mês do #OcupaEstação as ações realizadas foram postadas com maior precisão, também em decorrência da sobrecarga de tarefas, a página não contém todas as atividades desenvolvidas pelo grupo. Abaixo apresentamos tabela com ações de resistência e as datas em que foram realizadas de acordo com as postagens da página oficial do Movimento Ocupa Estação no facebook.

---

**Data      Ações de Resistência**

---

---

01/03/ 2016	<p>Territorialização do espaço (Jan Messias - jornalista e Rafael Matias - músico).</p> <p><b>Relato compartilhado das redes sociais quando a página do Ocupa foi criada:</b> “O prédio em questão não é o que a prefeitura cedeu para a construção de uma lanchonete. No local, a estação com mais de 100 anos, o que vimos foi uma situação deprimente, com documentos espalhados no chão, fezes, e total depredação. Uma vergonha para nossa cidade o lugar que poderia ser um cartão postal estar nesse estado de depredação.”</p>
06/03/ 2016	<p>Criação da página Ocupa Estação Iguatu na Rede Social Facebook</p> <hr/> <p><b>Plantão da Ocupação</b></p> <p>Ação cotidianamente realizada apresentando as ações realizadas e em realização e aquelas planejadas. Também apresentavam elementos para recuperação da memória da Estação e dos coletivos culturais da cidade.</p>
10/03/ 2016	<p>Divulgação de programação com ações diversas de higienização do espaço, atos públicos e ocupação cultural para mobilização da população local para essa construção.</p>
11/03/ 2016	<p>Campanha de Doação de materiais de limpeza diversos para Mutirão de Limpeza e higienização do espaço.</p>
11/03/ 2016	<p><b>Tarde</b></p> <p>Mutirão de Limpeza, higienização e organização do espaço.</p>
12/03/ 2016	<p>Campanha de Doação de Livros para construção de Biblioteca da Estação Cultural.</p>
12/03/ 2016	<p><b>Manhã</b></p> <p>Mutirão de Limpeza, higienização e organização do espaço.</p> <p><b>Tarde</b></p> <p>Ato Público.</p>

---

---

Ocupação Oficial (colocação de bandeira e panfletagem sobre a ação).

**Noite**

Roda de Break Dance; Roda de Capoeira (Nova Geração Ginga de Capoeira); Esquete “Múltiplas Faces” (Elo Vanguarda de Teatro) Roda de Conversa; Show acústico (O Rasttah); Cinema.

---

13/03/ **Manhã**

2016 Arborização com plantas nativas; Reunião de planejamento;

**Noite**

Música com Ingroove; Intervenção com a Cia Ortaet de Teatro; Exibição de Curtas Metragens e Documentários: A Torre da Hora, Belchior, Sim Senhor!; Roda de Conversa; Palco Livre.

Exibição de 3 curtas produzidos na cidade: **A Torre da Hora**, de Jan Messias, sobre o relógio da Igreja Matriz De Senhora Sant'Anna, com a participação do historiador Wilson Limaverde.

[https://www.youtube.com/watch?v=SmCoS9L8a\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=SmCoS9L8a_w);

**Sala 3**, de Francisco Maciel, produzido no campus Multi Institucional Humberto Teixeira, sobre a história de uma das salas de estudo; **Ocupação Filadélfia**, resultado de uma oficina de áudio e vídeo oferecida pelo ponto de cultura Ciranda das Artes, produzido em uma das ocupações da cidade. No curta os moradores relatam um pouco de suas vidas e dificuldades no dia a dia embaixo das lonas.

<https://www.youtube.com/watch?v=RiozdfGDHKM>.

---

14/03/ **Fim de tarde**

2016 Recepção/café compartilhado; Recital com Aquino de Souza;

**Noite**

Intervenção com Elo Vanguarda de Teatro; Recital com Marcos Salmo; Roda de Conversa com mediação da Cia

---

---

	Ortaet; Recital com Carla Morais e poesia do Jonas de França; Poste Poesia; Palco Livre.
15/03/ 2016	Oficina de Contação de Histórias com Carlê Rodrigues
16/03/ 2016	Oficina de Dança Contemporânea com Bruno Gomes; Continuação da Oficina de Contação de Histórias com Carlê Rodrigues; Reunião das Comissões.
17/03/ 2016	Exibição do Curta: Centenário de Iguatu; Documentário: O homem que engarrafava nuvens; Debate.
18/03/ 2016	<b>Manhã</b> Panfletagem e divulgação sobre o Movimento no centro da cidade; <b>Noite</b> Noite do Vinil com feirinha para troca, venda e apreciação de vinil; Palco Livre.
19/03/ 2016	<b>Manhã</b> Limpeza do espaço. <b>Tarde</b> Oficina de Estêncil. <b>Noite</b> Pintura de Camisetas, produto da Oficina de Estêncil realizada a tarde; Debate: Direito à Cidade; Stellarium Software com Professor Roberto Cunha; Show acústico com DruLucca.
20/03/ 2016	<b>Manhã</b> Assembleia geral <b>Noite</b> Studio Mais com Michel Prudêncio e show Baião de Terreiro
21/03/ 2-16	Criação de Grupo de Whatsapp aberto do Movimento #OcupaEstação
22/03/ 2016	Participação de integrantes do Movimento no Programa de Bêu Paulino na Rádio Jornal 790 AM.

---

23/03/ 2016	Reunião com Rotary Clube de Iguatu em busca de apoio para o Movimento.
24/03/ 2016	<b>Tarde</b> Gravação para TV Diário, Programa Diário Regional que fez matéria sobre a ocupação cultural <b>Noite</b> Cinema: “Iguatu, eu te escrevo esta carta”; “Tramas da Calçada”; “Mestres da Cultura de Assaré”; Show acústico com Vinícius Gomes.
25/03/ 2016	<b>Noite</b> Roda de Capoeira; Roda de Coco; Dança Afro; Palco Livre.
26/03/ 2016	<b>Tarde</b> Bazar da ONG Adota Iguatu; <b>Noite</b> Show acústico com Banda “Casa do Nunca”; Show acústico com Matheus Steniel.
27/03/ 2016	<b>Tarde</b> Assembleia Geral <b>Noite</b> Oficina de Artes Circenses e Intervenções Teatrais com Elo Vanguarda – Reginaldo Linhares “Terça-feira Gorda; Studio Livre Mais FM com Banda Decretus; Show com a Banda Estação Alfa.
01/04/ 2016	<b>Noite</b> Rádio Mais FM comemora 9 anos e faz festa no #OcupaEstação com os grupos: Shehná; Casa do Nunca; Estação Alpha
02/04/ 2016	<b>Noite</b> Cine Clube: Bichas, o documentário/Marlon Parente; Debate com mediação de Erick Rodrigues; Exposição de Livros Literários. Estêncil com a marca do #OcupaEstação. Roda de All Style Jojo Dancer;

05/04/ 2016	<b>Fim de tarde</b> Oficina de Dança Contemporânea com Bruno Gomes
06/04/ 2016	<b>Fim de tarde</b> Oficina de Dança Contemporânea com Bruno Gomes
07/04/ 2016	<b>Fim de tarde</b> Oficina de Dança Contemporânea com Bruno Gomes
08/04/ 2016	<b>Fim de tarde</b> Oficina de Dança Contemporânea com Bruno Gomes
17/04/ 2016	Comemoração de um mês de #Ocupa Estação <b>Manhã</b> Café da manhã coletivo; Faxina e Reparos no primeiro piso; Feijoada da Estação.
30/04/ 2016	II Intervenção Urbana realizado pelo B.Boy Leo Roking e o dançarino Thiago Souza e participação de grandes nomes da cultura Hip Hop do Nordeste. Apresentação da Cia Nossa Arte;
07/05/ 2016	<b>Manhã</b> Oficina de Fotografia com Jan Messias.
08/05/ 2016	<b>Tarde</b> Assembleia Geral
16 a 22 de maio 2016	Barraca do Ocupa Estação “Barraca da Amargura” na programação do Iguatu Moto Week.

## Poste poesia

---

### PLANO DE FORMAÇÃO

Carlê Rodrigues

**Carlê Rodrigues**, mulher nordestina, cisgênero, bissexual, estudante do curso de História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua profissionalmente como Narradora de Histórias na Biblioteca Pública Municipal Dr. Matos Peixoto (Iguatu/CE), com formação pela Escola de Narradores do Cariri e SENAC Iguatu, faz parte da rede de contadores de histórias do Ceará, atua também na área de produção cultural com formação técnica pelo SENAC/CE e Instituto Elo Amigo (Iguatu/CE). Militante da cultura desde 2006, contribui com diversos coletivos culturais na região Centro Sul, Vale do Salgado e Cariri Cearense, como a Associação Ortaet de Teatro ( Iguatu/CE 2007/2016), Coletivo de audiovisual TENTAME (Iguatu/CE 2017), Coletivo Cerebral (Iguatu/CE 2018), Coletivo Cultura no Largo (Icó/CE), Escola Livre de Artes (Orós/CE) e desde 2016 integra o Coletivo Camaradas (Crato/CE) desenvolvendo ações de democratização da leitura, fomento à criatividade, ludicidade e narrativas orais com destaque para o projeto de intervenção poética Poste Poesia. Além de pesquisar a brincadeira dos Caretas da Semana Santa no grupo de projeção parafolclórico caretas do Alto da Bonita, também desenvolve uma pesquisa artística sobre o Vento do Aracati e é idealizadora do projeto "Dia de Narração", ação realizada uma vez ao mês na antiga estação ferroviária de Iguatu/CE com o intuito de rememorar a história do referido patrimônio, bem como contribuir no processo de transmissão de cultura através da literatura oral.

---

## Informações da organização

---

**Instituição/Movimento/  
Coletivo/Grupo (etc)**

### **COLETIVO CAMARADAS**

Somos organização política que atua no campo das artes, da pesquisa, da produção e difusão cultural e das lutas por políticas públicas para cultura. Nosso coletivo é composto por artistas, pesquisadores, professores, ativistas, estudantes e colaboradores em geral. Consolidar e ampliar a rede de parceiros do Coletivo é o que garante a sustentabilidade das nossas ações, nesse sentido articulamos microcoletivos para ampliar nossas ações. No território de atuação, comunidade do Gesso, em Crato – CE, desenvolvemos: Reuniões em comunidades, Intervenções urbanas, Performances, Exposições, Shows, Expedições fotográficas, Documentários, Rodas de Poesia, Vivências artísticas, Oficinas de artes, Seminários teóricos, Intercâmbios, Discussões sobre políticas públicas para cultura etc. Participamos das seguintes redes de Coletivos: Programa Nacional de Interferência Ambiental – PIA Rede Coletivos.

---

## Sistematização da(s) proposta(s)

<b>Temáticas abordadas</b>	Arte/política, democratização da leitura e direito à Cidade.
<b>Objetivos</b>	Possibilitar a circulação e a democratização da poesia em espaços não formais como é o caso do poste, tornando-os suporte de criatividade, além de contribuir para gerar uma cultura leitora nas comunidades onde é realizada.
<b>Conteúdos/sequência didática a ser abordada</b>	1-Inscrição da Cidade (partindo do articulador interessado); 2-Articulação de poetas / poetisas; 3-Disponibilização / divulgação do link para cadastro de poesias; 4-Seleção de poesias (a partir da plataforma); 5-Articulação da intervenção (datas, horários e público interessado); 6-Realização da intervenção (Colagem dos lambes e realizar registro fotográfico); 7-Postagem dos registros fotográficos na página oficial do facebook e criação de conteúdo; 8-Avaliação da ação.
<b>Duração da atividade/formação (mensurar em dias, semanas, meses)</b>	O processo de produção de conteúdos nas redes sociais pode ser diário, porém cada articulador define a melhor maneira de se trabalhar com esta ação. A intervenção na rua dura de 2 a 4 horas, depende da quantidade de participantes e de material disponibilizado, bem como em que ocasião e espaço que será realizada.
<b>Procedimentos metodológicos</b>	No primeiro momento, é feita a divulgação para pessoas interessadas a desenvolverem o projeto em suas Cidades (chamamos de Cadastro das Cidades). Os interessados se responsabilizam a

---

desenvolver a atividade pelo menos uma vez por mês, articular e realizar as intervenções e alimentar a página oficial do facebook com conteúdos da ação.

Em seguida, o responsável pela inscrição da Cidade, faz uma divulgação, mapeamento e/ou busca de poetas, poetisas e escritores(as) para que os mesmos (interessados) cadastrem seus escritos/poesias em uma plataforma destinada a coleta e registro dos trabalhos que posteriormente serão colados na rua.

O acesso a plataforma é através de um link disponibilizado com todos os termos e explicações do projeto. Quem cadastra seu trabalho dá autorização para que o material seja vinculado tanto nas redes sociais, nas intervenções, bem como, em outros meios de divulgação.

O articulador passa a ter acesso ao conteúdo desta plataforma para selecionar as poesias que deseja utilizar nas intervenções. Em seguida esse material é impresso (com letras grandes). Quando possível o articulador recebe cabeçalhos (padrão) com o nome do projeto e logo dos apoiadores para colar junto aos lambes.

A ação final (na rua) consiste em reunir pessoas para realizar uma intervenção com colagens de lambes, impressos com poesias, nos postes de vias públicas, em seguida o material é fotografado e disponibilizado nas mídias sociais oficiais, destinadas ao projeto (facebook).

---

<b>Recursos didáticos</b>	Impressão de Lambes, cola branca ou cola caseira de goma, pincéis, vasilhames para cola, câmera
---------------------------	---

---

<b>(meios digitais e físicos para realização)</b>	fotográfica ou celular para registrar a ação e, por fim, acesso à internet (via celular ou PC) para postar os conteúdos e fotos nas páginas oficiais do projeto no facebook.
<b>Sujeitos/as envolvidos/as</b>	Não existe restrição de idades, classe, gênero, cor, condição social e etc. Qualquer pessoa pode participar, desde que haja respeito para com todos os participantes.
<b>Parcerias/articulações</b>	O projeto base é desenvolvido pelo Coletivo Camaradas, na comunidade do Gesso, região periférica da Cidade do Crato/CE, porém tem articulação com coletivos artísticos (ou não) em várias cidades brasileiras através da Rede de Intervenções e Performances (REDE IP E REDE DE COLETIVOS).
<b>Alcance que a proposta teve/poder ter</b>	O projeto tem adesão de pessoas em vários estados brasileiros, em articulação com diversos coletivos e conta com um banco de dados com mais de 180 poetas/poetisas cadastrados, além da página oficial do facebook que tem 2.384 seguidores.
<b>Disciplinas escolares (formais) que podem trabalhar com esse material</b>	Redação, letras, artes, literatura, línguas estrangeiras. Pode ser aplicado em diversos eventos desenvolvidos pelas instituições educacionais, desde aulas de campo a feiras, encontros com temas variados e etc.
<b>Formas de Financiamento</b>	Colaborativo. Cada colaborador cria mecanismos de parceria local visando a sustentabilidade da ação para custear suas despesas. É comum realizarmos postagens nas redes sociais solicitando a doação dos materiais utilizados nas intervenções (cola, pincéis e papel A4, goma para

---

cola caseira), porém alguns articuladores buscam parcerias diretas com escolas, bibliotecas e demais instituições que apoiem a ação, custeando assim todo o material.

---

**Formas de Avaliação** Bate papo com os participantes após as intervenções.

---

**Materiais didáticos e referências** Página oficial no facebook para promoção, divulgação e criação de conteúdos próprios, através de administradores colaborativos <https://www.facebook.com/poesiaposte>

Publicação do livro com as poesias dos escritores (as) cadastrados na plataforma – Poste Poesia / Alexandre Lucas, Marta Regina Amorim, Ricardo Alves (Organizadores). Crato: Coletivo Camaradas, 2017. 83p. Capa de Thiago Gabriel – CDD B869.1

Link para inscrição de Cidades: <https://docs.google.com/forms/d/1Y8Ogndm8dEhe4qmpdkjJB54nEHc50NfkkWWAfRYf3gY/viewform>

Link para inscrição de poesias: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdYiUZobUpyWj4XyTq16a70zVonIAFj1yTYBcxFzcPhuE6ryg/viewform?c=0&w=1>

**Receita de cola caseira com goma (grude):  
Receita para uma medida de 2 litros de cola**

**Ingredientes:**

- 300g de goma de mandioca

- 2 L de água

**OBS:** as medidas variam de acordo com a quantidade de cola desejada. Quanto mais goma, mais grossa ficará a cola.

---

---

**Modo de fazer:**

- Dissolva toda a goma em água fria
- Coloque 2 L de água para ferver
- Com a água fervendo adicione, aos poucos, a goma dissolvida na água fria (natural) enquanto mexe até engrossar (não pare de mexer para que a goma não embole)
- Em seguida, após a goma engrossar, apague o fogo e deixe esfriar.

**OBS:** Não utilize a cola quente pois pode causar queimaduras. Não guarde a cola por mais de 24h, pois a mesma pode ficar fina e não servir mais.

---

**Breve relato sobre a sistematização da experiência****O relato abaixo é sobre a intervenção realizada na Cidade de Iguatu/CE.**

A proposta teve início em 2016. Após o cadastro realizado pela produtora cultural Carleziana Rodrigues, foi realizada a articulação (boca a boca) com poetas locais para que eles inscrevessem seus trabalhos na plataforma. No início, havia o intuito de reunir e divulgar os poetas da cidade de Iguatu, porém, a ideia foi sendo aderida por diversas pessoas, pois ela foi sendo noticiada nos jornais locais, redes sociais e a articulação atingiu a região Centro Sul e Vale do Salgado. Hoje temos em média 20 poetas/poetisas cadastrados nesta região. Para além das intervenções na rua, foram desenvolvidos saraus, sorteios de livros e a proposta passou a ser desenvolvida também em manifestações populares, escolas (por ocasião das disciplinas de artes), projetos sociais, como parte das atividades do Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS III) de Iguatu/CE e aderido por outros coletivos artísticos. Ao longo das edições realizadas, as percepções de divulgação do trabalho dos poetas

---

locais foram mudando e dando espaço para a construção coletiva, o desejo de abrir portas, onde antes só tinham janelas, possibilitar pessoas menos favorecidas a terem acesso, não apenas a leitura e a arte, como também contribuir para a construção de um discurso mais empoderado dos participantes (direta ou indiretamente) no que diz respeito aos direitos sociais de cada um (uma). Observar o olhar, a forma como muitos refletiam sobre cada poesia escrita só aumenta o desejo de espalhar mais e mais essa nova perspectiva de ver o mundo. A dificuldade encontrada na realização das intervenções foi com relação a manutenção das colagens devido a repintura que a gestão pública realiza nos postes e que acabam arrancando as poesias ou até mesmo pintando os lambes.

---

**Quais aprendizagens a experiência proporcionou**

A importância do trabalho coletivo com o intuito de modificar realidades, a valorização do trabalho artístico das comunidades menos favorecidas e o fato de que resistir é necessário para contagiar mais pessoas que queiram resistir juntos, a fim de motivar novas experiências e pensamentos através do olhar artístico.

---

**Observações em geral**

Essa intervenção teve início em 2015, na comunidade do Gesso (Crato/CE), e seu nome propõe uma dubiedade da palavra “poste”, pois a mesma é usada para sinalizar que as poesias são coladas nos postes públicos, mas também faz referência a segunda parte da ação, que é a de registrar e “postar” nas redes sociais as imagens da intervenção, ampliando o território de leitura e repercussão da ideia.

---

Foto: Ricardo Alves (CRAT/OCE).



Fonte: Carlê Rodrigues.

## Vozes-Mulheres

### Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

**Conceição Evaristo**



ISBN 9786558691143



9 786558 691143 >